

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

José Ribamar Ribeiro Rodrigues

INCREMENTO DA PASTORAL LITÚRGICA EM TEMPOS
LÍQUIDOS: Uma análise dos números 43 a 46 da *Sacrosanctum Concilium* em
confronto com a realidade atual, descrita por Zygmunt Bauman

Mestrado em Teologia

São Paulo - SP
2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

José Ribamar Ribeiro Rodrigues

INCREMENTO DA PASTORAL LITÚRGICA EM TEMPOS LÍQUIDOS:
Uma análise dos números 43 a 46 da *Sacrosanctum Concilium* em confronto
com a realidade atual, descrita por Zygmunt Bauman

Mestrado em Teologia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia Sistemática, área de concentração em Liturgia, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Valeriano Santos Costa.

São Paulo -SP
2018

Banca Examinadora

“A preocupação de fomentar e reformar a Sagrada Liturgia é tida com razão como sinal dos desígnios providenciais de Deus sobre nossa época, como passagem do Espírito Santo em sua Igreja [...]”.

(SC 43)

“O que quer que façamos e qualquer que seja o nome que atribuamos à nossa atividade, é como ir às compras, uma atividade feita nos padrões de ir às compras. O código em que nossa “política vida” está escrito deriva da pragmática do comprar”.

(Zygmunt Bauman, Modernidade Líquida, p. 95).

Dedico este trabalho aos meus familiares, e em memória do meu pai, Pedro Rodrigues, e do meu irmão, Magno Ribeiro Rodrigues.

Agradecimento à CAPES pela Bolsa (taxa), concedida por um semestre, e a ADVENIAT pelo incentivo em forma de descontos parciais nas mensalidades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus de todo coração porque não permitiu que o desânimo me abatesse diante de todos os desafios que se apresentaram ao longo deste percurso. Como rezamos no Salmo 30, “senti que quando chamava, Ele me respondia e aumentava as minhas forças”. Obrigado, minha mãe, por ter me consolado com sua voz mansa nas horas de tristeza. Gratidão é o que sinto pela Diocese de Pinheiro, minha Diocese amada, por ter confiado e me dado a oportunidade de aperfeiçoar os estudos teológicos. Imensamente satisfeito pela paciência e encorajamento de Dom Elio Rama, bispo diocesano de Pinheiro, que sempre me entusiasmou, inclusive com sua paciência em aguardar meu retorno; da mesma forma agradeço a Dom Ricardo Pedro Paglia, bispo emérito de Pinheiro, que mesmo residindo em Itajubá (MG) foi sempre um ponto de apoio para mim que tive a felicidade de encontrá-lo por várias vezes. Exulto de alegria no Senhor pela imensa generosidade dos Missionários do Sagrado Coração (MSC), província de São Paulo, por terem me acolhido ao longo desse tempo e me tratarem como um confrade, dando-me todas as condições físicas para estudar e exercer o ministério presbiteral na Paróquia e Santuário Nossa Senhora do Sagrado Coração, Vila Formosa (grande São Paulo). O agradecimento aos MSC represento ainda na pessoa de: Dom Manuel, bispo da Diocese de Registro (SP), que em 2016 era provincial; Pe. Edvaldo, atual provincial; Pe. Valdecir, que se tornou um grande irmão e companheiro de estrada; Pe. Milton Tassoni, um grande irmão mais experiente em quem enxerguei a arte do silêncio, da paciência e da humildade para ensinar e aprender; Pe. Reuberson, conterrâneo da mesma diocese e colega de turma no mestrado, ajudamo-nos um ao outro nas questões referentes ao curso neste período, um amigo que sempre me entusiasmou. Externo meu contentamento às irmãs Filhas de Nossa Senhora do Sagrado Coração, também na Paróquia e Santuário Nossa Senhora do Sagrado Coração, por termos partilhado o Pão Eucarístico e a Palavra nas Missas durante as manhãs de sábado, e depois às quintas-feiras. Por fim, agradeço a todos os professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e em particular, devo gratidão ao meu orientador Pe. Valeriano Santos Costa por ter me dado apoio e crédito nesta pesquisa. Uno a este agradecimento todos os funcionários da PUC-SP, Campus Ipiranga. Obrigado meu amigo de longos anos, Jorge Aídson por ter me ajudado na correção do texto dissertativo. Como esquecer os colegas com quem criamos laços? Obrigado, Mariane, Pâmela, Isabel, Pe. Alexandre, Pe. Diego, Pe. Paul (IMC), Pe. Raimundo, Pe. Ademilson. Agradeço aos irmãos que fiz na casa São Paulo: Pe. Vieira, Pe. Cássio, Pe. Osvaldo, Pe. Glailson. Deus seja adorado e amado por toda parte. Amém.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo tratar da aplicação da Pastoral Litúrgica na desafiante modernidade líquida. A pesquisa intenciona reforçar a Liturgia como capaz de resistir ao processo de fragmentação dos sólidos imposto pela máquina de consumo, mediante a exposição crítica da modernidade feita pelo sociólogo Zygmunt Bauman. Parte do escopo deste trabalho será também refletir a necessidade de uma pastoral litúrgica capaz de dialogar com o mundo, encontrando condições de aproveitar bem o presente escorregadio para reapresentar o edifício litúrgico e sua importância como estrutura sólida conforme o pedido do Concílio Vaticano II exposto na Sacrosanctum Concilium especialmente nos números que marcam o painel de fundo deste estudo. Demonstrar-se-á que a Liturgia vive da perda de referência: esquece-se por vezes que a mesma tem fundação divina o que já lhe dá condições sólidas de sobrevivência em meio a fragmentação que faz presenciar práticas litúrgicas líquidas e plásticas necessitadas de reinvenção cotidiana para agradar a clientela consumista. Defender-se-á nesta proposta acadêmica que a superação da resistência ao incremento da pastoral litúrgica, como planejou o Vaticano II, só se dará com a tomada de consciência da crise em que o mundo líquido mergulhou também a Liturgia da Igreja e pela reposição dos princípios restaurados pela reforma conciliar ainda atuais. Por fim, é precípuo interesse desta investigação dizer que a Liturgia é a celebração que humaniza e que ajuda as pessoas a se encontrarem no amor de Deus e umas com as outras contrastando com o ambiente desumanizador desenvolvido pelas relações comerciais e capitalistas da sociedade líquido-moderna.

Palavras-chave: Sacrosanctum Concilium. Liturgia. Tempos líquidos. Incremento. Pastoral Litúrgica.

ABSTRACT

The present research has as an objective to deal with the application of liturgical pastoral in the challenging liquid modernity. The research intends to reinforce the Liturgy as capable of resisting to the process of fragmentation of the solids imposed by machine of consumption through the critical exposition of modernity done by sociologist Zygmunt Bauman. Part of the scope of this work will too reflect the necessity of a liturgical pastoral capable to dialogue with the world meeting conditions to utilize well the present slick to reintroduce the liturgical premise and its importance as a solid structure according to the demand of the Second Vatican Council stated in the Sacrosanctum Concilium especially in the numbers that mark the panel of the core of this study. It will demonstrate that the Liturgy lives from the loss of reference: sometimes its forgotten that the same has divine foundation that already gives it solid conditions of survival in the midst of fragmentation that makes present liquid and plastic liturgical practices needed in the daily reinvention to please communist clientele. In this academic proposal, it will defend that the overcoming of the resistance to the increase of liturgical pastoral, as planned by Vatican II, it will only be back with the being conscious of the crisis in which the liquid world has also plunged the Liturgy of the Church and by the replacement of the renovated principles by the current reconciling reform. Lastly, it is of primary concern of this investigation to inform that the liturgy is the celebration that humanizes and helps the people to find themselves in the love of God and with one another in contrast to the dehumanizing environment developed by the commercial capitalists and relations of the modern-liquid society.

Keywords: Sacrosanctum Concilium. Liturgy. Liquid times. Increase. Liturgical. Pastoral.

SIGLAS

- AAS:** Acta Apostolicae Sedis
AG: Ad Gentes, Decreto sobre a atividade missionária da Igreja.
CD: Christus Dominus, Decreto sobre o múnus pastoral dos Bispos na Igreja.
CELAM: Conselho Episcopal Latino-Americano.
CIgC: Catecismo da Igreja Católica.
CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.
CV: Carta encíclica Caritas in Veritate sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade.
DAp: Documento de Aparecida.
DCE: Carta Encíclica Deus Caritas Est.
DPPL: Diretório sobre a piedade popular e Liturgia
DM: Documento de Medellín.
DP: Documento de Puebla.
DSD: Documento de Santo Domingo.
DV: Dei Verbum, Constituição dogmática sobre a revelação divina.
EDREL: Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica.
EE: Ecclesia in Europa, Exortação apostólica pós-sinodal.
EG: Evangelii Gaudium, Exortação apostólica pós-sinodal.
EN: Evangelii Nuntiandi, Exortação apostólica.
GE: Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate sobre a chamada à santidade no mundo atual.
GS: Gaudium et Spes, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo.
HS: Humanæ Salutis, Constituição Apostólica para a convocação do Concílio Vaticano II.
IOe: Instrução Inter Oecumenici.
LG: Lumen Gentium, Constituição dogmática sobre a Igreja.
MC: Marialis Cultus, Exortação Apostólica para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria.
MD: Mediator Dei.
MM: Mater et Magistra, Carta encíclica.
NA: Nostra Aetate, Decreto sobre as relações da Igreja com as Religiões não cristãs.
NMI: Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte.
OA: Octagesima Adveniens, Carta apostólica.
OL: Orientale Lumen, Carta apostólica no centenário da Orientalium dignitas.
OT: Optatam Totius, Decreto sobre a formação sacerdotal.
PB: Pastor Bonus, Constituição apostólica.
PO: Presbyterorum Ordinis, Decreto sobre o ministério e a vida dos presbíteros.
PP: Populorum Progressio, Carta encíclica.
QA: Quadragesimo Anno, Carta encíclica.
REB: Revista Eclesiástica Brasileira.
SC: Sacrosanctum Concilium, Constituição sobre a Sagrada Liturgia.
SCa: Sacramentum Caritatis, Exortação Apostólica Pós-Sinodal.
SetS: Carta Apostólica Spiritus et Sponsa.
TLS: Tra Le Sollecitudini, Motu proprio.
UR: Unitatis Redintegratio, Decreto sobre o Ecumenismo.
VD: Verbum Domini, Exortação apostólica pós-sinodal.
VQA: Vicesimus Quintus Annus, Carta Apostólica.

SUMÁRIO

INCREMENTO DA PASTORAL LITÚRGICA EM TEMPOS LÍQUIDOS: Uma análise dos números 43 a 46 da *Sacrosanctum Concilium* em confronto com a realidade atual, descrita por Zygmunt Bauman

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I.....	18
1 INCREMENTO DA PASTORAL LITÚRGICA: 43-46 SC.....	18
1.1 Passos decisivos antes do Concílio Vaticano II.....	20
1.2 Conceito de pastoral decorrente do Vaticano II.....	26
1.3 Pastoral Litúrgica.....	30
1.4 Incremento da Ação Pastoral Litúrgica como 5º princípio geral para a reforma e o incremento da sagrada Liturgia.....	35
1.4.1 Incremento da Ação Pastoral Litúrgica no magistério posterior ao Vaticano II: João Paulo II, Bento XVI e Francisco.....	40
1.4.2 Incremento da ação pastoral litúrgica segundo as Conclusões das Conferências Episcopais Latino-Americanas.....	49
1.4.2.2 Puebla: adaptar a liturgia às diversas culturas.....	52
1.4.2.2 Puebla: adaptar a liturgia às diversas culturas.....	54
1.4.2.3 Santo Domingo: liturgias inculturadas.....	57
1.4.2.4 Aparecida: Eucaristia, lugar privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo.....	58
Conclusão: para tempos novos uma nova pastoral.....	60
CAPÍTULO II.....	63
2 TEMPOS LÍQUIDOS: DESAFIO PARA A PASTORAL LITÚRGICA.....	63
2.1 Bauman e a modernidade líquida.....	66
2.2 A Liturgia no mundo líquido moderno.....	82

CAPÍTULO III.....	95
3 PROPOSTAS DE SUPERAÇÃO DO DESAFIO.....	95
3.1 A retomada dos princípios que antecedem ao 5º princípio geral para a reforma e o incremento da Sagrada Liturgia: Mistério Pascal, Rito, Assembleia Litúrgica e dimensão escatológica.....	97
3.2 Incremento da Pastoral Litúrgica hoje: educar para celebrar.....	109
3.3 Outras exigências para uma ação pastoral-litúrgica sólida.....	118
Conclusão: Educar para participar: uma exigência conciliar atual.....	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	135

INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada *Incremento da Pastoral Litúrgica em tempos líquidos: uma análise dos números 43 a 46 da Sacrosanctum Concilium em confronto com a realidade atual* descrita por Zygmunt Bauman põe em destaque a aplicação da Pastoral Litúrgica na modernidade líquida e intenciona atualizar a exigência conciliar da promoção da ação Pastoral Litúrgica na Igreja do Brasil, em particular; destacar os desafios e os questionamentos que são feitos à Pastoral Litúrgica nesses tempos tratados como líquidos; rerepresentar a Liturgia como capaz de resistir às investidas desta sociedade compulsiva desencadeadora do processo de fragmentação dos sólidos imposto pela máquina do consumo; e apontar pistas para uma Pastoral Litúrgica de resistência frente aos desafios apresentados pela modernidade líquida.

Sabe-se que a Liturgia é uma ação profundamente inculturada, de cunho ritual e simbólico; além de ser um relacionamento entre a Trindade e os filhos e filhas e a criação inteira. Estas características fazem da Liturgia algo sólido e de fundação divina. Mas como pastoral encontra-se imersa nos tempos líquidos, por causa justamente de sua natureza ritual, que é cultural, e, ainda que divina, sofre as tentações da Modernidade. Desenvolver o tema expresso no título desta pesquisa é antes de tudo aprofundar sistematicamente a questão pastoral em relação à liturgia e levantar questionamentos acerca de sua ação nas comunidades frente à rapidez da atualidade que lhe deixa como que em cima do muro e ansiosa sem saber como responder às novidades impostas pela velocidade dos tempos atuais. Não é meta, contudo, colocar a pastoral litúrgica no banco dos réus, pelo fato das encruzilhadas litúrgicas e teológicas que distanciam, muitas vezes, a ação litúrgica da sua finalidade. Ao contrário, para a presente dissertação, provocar uma atmosfera avaliativa do incremento da pastoral litúrgica na Igreja do Brasil em tempos líquidos é uma reflexão obrigatória e urgente.

Em meio à sociedade imediatista e frenética, que chama atenção para o exercício profundo de discernimento do papel da Pastoral Litúrgica como Pastoral fonte, discutir-se-á o fato de a Liturgia tornar-se líquida e se configurar, muitas vezes, como uma proposta plástica que necessita ser sempre inventada a partir do referencial somente humano, que desmembrado do transcendente, perde assim sua fonte perene e vital. Tal discussão recordará que a pastoral litúrgica desejada pelo Concílio Vaticano II tem como finalidade encontrar a originalidade das formas e a resistência embutida nos atos celebrativos da Igreja, que não podem ser simplesmente adaptados ao espírito da volatilidade do consumismo obsessivo do mundo moderno atual, onde a busca existencial, da autoestima e da felicidade necessita da mediação

do mercado que, por sua vez, é feito de mercadorias transformadas em objetos transitórios, destinados ao uso e ao desaparecimento instantâneo. Em paralelo com a leitura de mundo de Zygmunt Bauman, o presente trabalho constatará que a liturgia sofre as interferências da nova técnica de poder da sociedade líquida marcada pelo derretimento das normas de condutas e dos padrões de interdependência; indicará que a liturgia está no meio da batalha travada contra todos os dispositivos que sirvam ao conformismo e à rotina para manter a monotonia e a previsibilidade.

Ainda tracejando os objetivos desta pesquisa. A partir dos números 43, 44, 45 e 46 da *Sacrosanctum Concilium*, que tratam do incremento da pastoral litúrgica, deseja-se reafirmar o que defendeu com segurança e experiência o Sagrado Concílio a respeito de uma Pastoral Litúrgica articulada em comissões em vários níveis para atualizar as decisões conciliares, que ainda não atingiram suas metas, apesar dos louváveis esforços pelo mundo todo. O incremento exigido pelo Vaticano II pede uma profunda revisão da Pastoral Litúrgica desafiada pelos tempos líquidos. Sente-se a necessidade de uma pastoral capaz de dialogar com o mundo com condições de aproveitar bem o presente escorregadio para reapresentar o edifício litúrgico e sua importância como estrutura sólida. Redescobrir a solidez da liturgia dará à sua pastoral condições de ajudar a encontrar os caminhos para uma liturgia viva, participativa, comprometida, libertadora e capaz de apresentar-se resistente às investidas deste tempo.

Para atingir seu propósito, a dissertação está dividida em três capítulos: 1º capítulo: Incremento da Pastoral Litúrgica: 43-46 SC; 2º capítulo: Tempos líquidos: desafio para a Pastoral litúrgica; 3º capítulo: Propostas de superação do desafio. O primeiro capítulo fará uma breve análise histórica do conceito de pastoral e pastoral litúrgica para chegar à concepção do Concílio Vaticano II, principal foco da dissertação. Obviamente sem muito espaço para discorrer sobre as várias visões que se sucederam ao longo de mais de duzentos anos de evolução histórica até a sistematização da pastoral, a primeira parte da pesquisa se preocupará somente em demarcar o processo que emancipou a pastoral e inaugurou um novo tempo celebrado no Concílio Vaticano II.

A nova visão de pastoral liberta do pragmatismo e concebida como ação evangelizadora sob o dinamismo do Espírito Santo, transformou o que se entendia por pastoral litúrgica, pois esta última não era mais periférica nem um aglomerado de normas a serem rigorosamente cumpridas, mas sim cume e fonte da ação da Igreja sem possibilidade de qualquer oposição no conjunto das atividades pastorais. A aprovação da *Sacrosanctum*

Concilium inaugurou mesmo uma nova primavera para a liturgia que entrou numa etapa de reformas intensas envoltas em várias reações marcando uma virada histórica e feliz para a maioria e dolorosa e difícil para outros. Serão notados os esforços de vários personagens decisivos para o incremento da reforma litúrgica logo que o Concílio aprovou a sua carta magna; assim também como a escolha dos três últimos papas servirá para demonstrar como a Igreja continua esclarecendo e atualizando as intenções do Vaticano II. De igual modo, perceber-se-á como a reforma litúrgica aterrissou na América Latina através das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano (CELAM) escolhidas para esta revisão.

O segundo capítulo, *Tempos Líquidos: desafio para a Pastoral Litúrgica*, se concentrará, na primeira parte, na apresentação do pensamento de Bauman sobre a modernidade líquida, a partir de algumas de suas obras e no quanto sua visão é importante para entender a crise que a liturgia atravessa. O sociólogo polonês foi escolhido para o contraponto desta pesquisa pelo fato de sua crítica da sociedade moderna ter se tornado indispensável e contundente. Bauman lança uma profunda reflexão sobre os comportamentos dessa época moderna marcando seu início a partir da separação entre tempo e espaço. Não há mais entrelaçamento entre o primeiro e o segundo, e independentes da estratégia e da ação o privilegiado tempo tornou-se um poder de dominação operado por uma elite nômade.

Aconteceu, dessa forma, uma fragmentação da vida humana causada pela sociedade de consumo formada por sociedades individualizadas que impõem ritmos quase impossíveis de serem acompanhados, apesar de atraentes e tentadores. Esta fragmentação é a fonte primária da modernidade que a tem como sua maior realização. O derretimento dos sólidos libertou pés e mãos impedidos de se movimentarem e de tomarem iniciativas, mas não trouxe mais equilíbrio para a vida das pessoas e para a sociedade. Ao contrário, geraram tensão entre a existência social e sua cultura. Tal desarmonia é precisamente a harmonia de que a modernidade precisa. Os desafios para a pastoral litúrgica serão expostos através da ótica deste sociólogo, assim como a redescoberta de um novo campo de atuação para a pastoral totalmente diferente, haja vista que a Igreja não possui mais a hegemonia do pensamento.

A crítica feita por Bauman, e este é o pano de fundo do seu auxílio nesta dissertação, é o de uma desintegração social resultante de uma nova técnica do poder que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga. Faz parte desta fragilização da sociedade o desarraigamento territorial, a extinção de laços sociais que geram para as pessoas uma liberdade subjetiva que não é objetivamente satisfatória, mas faz com que vivendo na

escravidão, se sintam livres e, portanto, não experimentem a necessidade de se libertar. Ficará clara a dificuldade para a transmissão da fé através dos atos celebrativos, uma vez que não se tem mais a sociedade estática e homogênea da cristandade, mas sim novas experiências espirituais-religiosas sem as preocupações rígidas dos regulamentos tidos como impostos por não poderem mudar conforme manda o ritmo da sociedade líquida.

Bauman contribuirá nesta dissertação para o reconhecimento do fato de que na sociedade onde se celebra a liturgia cultiva-se muitas vezes espiritualidades de consumo paralelas à lógica do mercado neoliberal. Por fim, entender-se-á que isto constitui um grande desafio por não ser mais a religião o eixo cultural e sim o consumo. Este é o cenário líquido no qual deve-se descobrir novamente a originalidade do mistério salvífico de Cristo nas expressões celebrativas. A Pastoral Litúrgica é convidada, portanto, a revisar sua atuação para rerepresentar a força catalisadora e humanizadora da Liturgia no meio do individualismo exacerbado da sociedade de consumo.

O terceiro e último capítulo aponta algumas pistas de superação do desafio da Pastoral Litúrgica em meio à liquidez dos sólidos. Nesta seção será confirmado que o Incremento da Pastoral Litúrgica, em confronto com a realidade atual descrita por Bauman, desperta para questões que só serão justamente debatidas com a retomada dos princípios teológicos reafirmados pela reforma litúrgica do Vaticano II. Ainda válidos, estes princípios precisam ser desenvolvidos em profundidade para que a Pastoral Litúrgica atinja sua meta de encontrar originalidade das formas e a solidez dos atos celebrativos da Igreja.

Ver-se-á que a recuperação do Mistério Pascal como centro catalisador da ação litúrgica da Igreja alterou a forma de compreender e vivenciar a liturgia livrando-a da visão ritualística e concebendo-a como o exercício sacerdotal de Cristo. A assembleia é inserida neste acontecimento através de ações litúrgicas sacramentais que atualizam o mesmo acontecimento salvador. Nesse processo de comunicação entre Deus e os celebrantes interpõem-se os ritos que são expressão de algo que emana da revelação e não algo feito pela assembleia para ela mesma. É pelo rito que Cristo opera a graça nos fieis. A retomada destes princípios reforçará que a instituição litúrgica não pode ser inventada pela criatividade humana nem pelo individualismo de alguém porque ela provém de Deus que mostra e indica o modo como pode ser adorado. Além disso, ficará evidente que a definição de boa celebração dependerá justamente do desenvolvimento de sua ritualidade através dos símbolos, sinais e gestos com o sentido ou significado a que eles remetem.

Dentre os elementos sólidos que contrapõem com a modernidade líquida, elencou-se também a assembleia, afinal, tendo como foco a salvação dos seres humanos, a liturgia não pode ser feita de maneira fragmentada e individual, mas deverá se tornar um espaço de encontro de Deus com o outro que é necessário e não um fracassado à maneira das relações comerciais e capitalistas. A assembleia é resistente frente ao individualismo e à mediação virtual porque ela reclama presença e exige a inteireza dos participantes que, conseqüentemente, reatam laços despedaçados e estabelecem compromissos. Tirando sua unidade da comunhão Trinitária, a reunião litúrgica é superior a uma categoria sociológica e ultrapassa as afinidades humanas, raciais, culturais e sociais. Ela deseja reforçar os laços da amizade.

Na tentativa de demonstrar a solidez da Liturgia, o terceiro capítulo tratará também, não à exaustão, da dimensão escatológica da Liturgia. Analisar este princípio faz-se importante porque, em meio à modernidade fluida, houve a manipulação da eternidade para a obtenção de lucros. Perceber-se-á a inversão do temor da morte física para o temor dos perigos que ameaçam o lugar da pessoa no mundo. A sociedade líquida, que nega a eternidade e apega-se ao presente, se nutre do medo e do desamparo e cura-os com a oferta de objetos. Será feito um esforço para dizer que na liturgia celebrada pelos cristãos a eternidade não foi derretida, mas se mantém límpida porque é conduzida pelo Cristo eterno.

Na linha das propostas o que se enfatizará é a educação para a participação, pois esta é o princípio inspirador de todo o incremento da Liturgia. A Liturgia é comunicação entre Deus e o homem, assim como entre os homens congregados em assembleia, é uma linguagem, uma mensagem, que requer a reabilitação da experiência simbólica. Só assim se poderá chegar à ligação da vida comum com os ritos. Seminários, casas de formação religiosa, faculdades de teologia recebem a responsabilidade do ensino da Sagrada Liturgia entre as matérias principais e mais importantes. Não há possibilidade de progressos se nestes espaços a formação litúrgica a partir, principalmente, da prática unida à teoria, não for considerada como central.

Considerar-se-á a impossibilidade de reversão da onda líquida da modernidade se não forem assumidos formatos mais originários nas relações comunitárias. Insistir-se-á na afirmação de que a lógica do consumo e da interação burocrática não pode imperar no seio das comunidades. Como saída diante da despersonalização e desintegração das identidades, aconselhar-se-á uma pastoral da acolhida agregada a estruturas para desenvolver o diálogo e a escuta. Nesta mesma direção receberá destaque o processo de criação de pequenas comunidades

onde resplandeça a comunidade acolhedora, samaritana, orante e eucarística. A proposta é que através das mesmas chegue-se aos afastados.

Na última parte das propostas de superação será apresentada como uma aliada forte a piedade popular que, potencializada, torna-se oportuna para a evangelização. Longe de ser assemelhada à moda do momento, e até de ser instrumentalizada, a piedade popular tem a facilidade de tocar a vida das pessoas nas mais diversas situações em que se encontram. O respeito por estas demonstrações de fé, gera o diálogo e a acolhida.

Por fim, uma das hipóteses desenvolvidas nesta pesquisa diz que se a liturgia é sólida por causa da sua fundação divina, a corrosão de seu monumento só pode acontecer em nível cultural, que é a parte humana da liturgia e sua resolução só se iniciará com uma tomada de consciência da existência do processo de liquefação que substituem os sólidos. A pesquisa também tem a intenção de provocar um debate acerca do que está por trás de tantas mentes, muitas vezes jovens, que pleiteiam uma liturgia longe da que foi reformada pelo Vaticano II.

CAPÍTULO I

1 INCREMENTO DA PASTORAL LITÚRGICA: 43-46 SC

O primeiro capítulo da presente pesquisa deter-se-á no incremento da pastoral litúrgica a partir dos nn. 43-46 da SC. Para o transcurso desta primeira parte da dissertação, serão analisados o conceito de Pastoral e de Pastoral Litúrgica para se chegar ao incremento da Ação Pastoral Litúrgica como princípio determinante da reforma do Vaticano II.

Atualmente, a palavra pastoral é uma das palavras mais usadas na linguagem teológica e eclesial. Sua origem conceitual (pastoral e pastorado) liga-se às práticas associadas à tradição cristã, e sua reflexão perpassa toda a história do povo de Deus, embora não de forma sistemática. O início da sistematização da pastoral como teologia deu-se no final século XVIII ao longo de uma história de reflexões e debates sem uniformidade que se sucederam por mais de duzentos anos. Durante esse tempo, apesar da antiguidade da prática e do termo, a teologia pastoral precisou justificar seu caráter científico, seu específico cunho teológico e seu sentido eclesial. Então depois do surgimento a partir do século XVIII até o Concílio Vaticano II, a teologia pastoral construiu a sua emancipação teológica na Igreja.

Esta trajetória desembocará no Concílio Vaticano II, que inaugurou um tempo novo para a Igreja e sua pastoral. O Concílio superará a pastoral pragmática por uma ação evangelizadora pautada sob o dinamismo do Espírito. Neste ambiente é que o Concílio Vaticano II realizou o maior programa de reforma litúrgica que a história já registrou, superando a incerteza de que a liturgia é pastoral e consolidando-a como um dos aspectos da praxe eclesial mais global. Concílio e reforma estão interligados e não floresceram de repente, mas foram longamente preparados pelo movimento litúrgico, e as respostas dadas pelos Sumos Pontífices às dificuldades sentidas na oração eclesial. A liturgia passou a ter alcance pastoral e fazer parte das preocupações pastorais verificando-se sua profunda incidência nas situações concretas que angustiam e comprometem o trabalho da Igreja em favor de todo o povo cristão. Da união entre pastoral e liturgia nasce o cume e a fonte da ação da Igreja repelindo qualquer oposição, desconexão ou simplesmente independência no complexo das atividades pastorais.

Após a aprovação e promulgação da Constituição *Sacrosanctum Concilium* (04 de dezembro de 1963) por Paulo VI (1963-1978), começou uma etapa de avanços e dificuldades no incremento da reforma litúrgica. Rejeição, incompreensão, desvios, iniciativas arbitrárias, resistências, suspeitas e acusações marcaram os impactos imediatos à reforma destinada

ardentemente a promover a participação plena e ativa, mesmo isso sendo uma exigência muito forte para alguns grupos e pessoas. Nada disso, porém, foi suficiente para frear este projeto. O papa Paulo VI foi decisivo na ampla divulgação e implementação da constituição conciliar, inclusive criando o *Consilium* para a aplicação da mesma.

Não se pode imaginar que bastaram algumas instruções para que a reforma litúrgica ficasse completa. Não foi e não está sendo assim. O magistério posterior a Paulo VI e ao incremento imediato tem trabalhado muito para continuar esclarecendo e atualizando as intenções do Concílio Vaticano II. Para comprovar essa insistência serão revisados alguns dos vários documentos de João Paulo II por ocasião de aniversários da SC, nos quais poderá ser visualizada sua preocupação com a liturgia e a sua pastoral. João Paulo II reconheceu avanços e recuos e propôs pistas de ação para que a reforma não fosse bloqueada. De Bento XVI serão analisadas as exortações apostólicas *Sacramentum Charitatis* e *Verbum Domini*. A releitura de alguns números destes documentos mostrará como o papa Bento XVI compreendeu, revisou e aplicou o Concílio, zelando pela beleza da liturgia. Do recente pontificado do Papa Francisco será adotada a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, que mesmo não pretendendo desenvolver temas como a oração, adoração eucarística ou a celebração da fé, fornece riquíssimo material para a pastoral e a celebração da liturgia. Serão destacadas suas implicações mais importantes para o incremento da reforma litúrgica.

No pós-concílio, o incremento da Pastoral Litúrgica na América Latina retornou várias vezes na pauta de discussões. Para a constatação dessa afirmação serão tomadas as Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano (CELAM), com exceção da ocorrida no Rio de Janeiro (1955), com seus documentos conclusivos de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), sublinhando, para o incremento da liturgia alguns núcleos significativos. Assim, visualizar-se-á a situação Pastoral Litúrgica refletida nas preocupações e esperanças do povo de Deus.

Os passos desta pesquisa pretendem pontuar a história muitas vezes penosa e heroica da renovação litúrgica, para iluminar e apontar a necessidade de continuidade, atualização e avaliação do processo.

1.1 Passos decisivos antes do Concílio Vaticano II

À guisa de nascimento da teologia pastoral como disciplina científica em uma faculdade universitária costuma-se marcar o final do século XVIII¹ quando Franz Stephan Reitentrauch² (1734-1785) lança seu plano de reforma dos estudos eclesiásticos aceito mediante decreto imperial de 03 de outubro de 1774³ pela imperatriz Maria Teresa da Áustria (1740-1780), que “introduziu a reforma do ensino universitário”⁴. O contexto que antecede a reforma dos estudos teológicos iniciada por Reitentrauch, durante a Idade Média, até o final do século XVIII, é marcado por uma pastoral de cristandade, na qual “a ação da Igreja era concebida como um apêndice, primeiro da teologia moral, depois do direito canônico e, finalmente, da teologia dogmática”⁵. A ação pastoral encontrava-se desprovida de reflexão e se constituía num conjunto de métodos didáticos, pedagógicos e formativos reunidos em manuais que procuravam ajudar o clero na *cura animarum*.

No plano de reforma do monge beneditino, a teologia pastoral não é vista mais como apêndice de outras disciplinas, mas como uma disciplina teológica integral com um currículo preciso⁶. No projeto consta uma série de disciplinas de tipo prático com as quais os pastores completariam seus estudos teóricos de quatro anos para a *cura animarum*⁷. A pessoa do padre é o objeto exclusivo de estudo da teologia pastoral. Os ministros ordenados eram os únicos sujeitos da ação eclesial aos quais se “proporcionavam indicações para a condução do seu ministério”⁸. Pretendia-se formar pastores perfeitos, *Pastor Bonus*, designados para ensinar (catequese, pregação), santificar (administração dos Sacramentos) e governar o seu rebanho (administração paroquial)⁹. Tal clericalização, consequência de um regime católico absolutista protegido por um Estado de concepção também absolutista¹⁰, relega o laicato a objeto passivo

¹ Cf. PFLIEGLER, Michael. **Teología pastoral**. Herder, 1966, p. 21.

² O projeto encabeçado por Reitentrauch objetivava formar pastores servidores do evangelho perfeitos, pastores profissionais que pudessem formar excelentes cristãos, bons cidadãos e verdadeiros homens. Tal perspectiva é compreendida no contexto cultural do Iluminismo marcado pelo desenvolvimento das ciências positivas e dos métodos históricos e no âmbito eclesial caracterizado por uma eclesiologia pós-tridentina de diferenciação mais que de integração em constante confrontação polêmica com o protestantismo.

³ Cf. FLORISTÁN, Cassiano. **Teología práctica: Teoría y praxis de la acción pastoral**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2009, p. 82.

⁴ SZENTMÁRTONI, Mihály. **Introdução à teologia pastoral**. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 14.

⁵ BRIGHENTI, Agenor. Pastoral. In: PASSOS, Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes. (Orgs.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015, p. 718.

⁶ Cf. MIDALI, Mario. **Teologia pastorale o pratica**. Cammino storico di una riflessione fondante e scientifica. Rome, LAS, 2011, p. 25-27.

⁷ Cf. RAMOS, Julio. **Teologia pastoral**. Madrid: Biblioteca de autores cristianos (BAC), 1999, p. 35.

⁸ SCHUSTER, Heinz. Natureza e função da Teologia Pastoral. **Concilium**, São Paulo, n. 3, Mar.-1965, p. 6.

⁹ Cf. RAMOS, Julio. **Teologia pastoral**, p. 35.

¹⁰ Cf. FLORISTÁN, Cassiano. **Teología práctica: Teoría y praxis de la acción pastoral**, p. 83.

dos cuidados dessa hierarquia¹¹, pois este sempre foi representado pelo Estado e pela Igreja, instituições com quem não podia dialogar ficando impedido de uma participação ativa, consciente e crítica¹².

Desenvolveu-se, assim, uma pastoral especializada em defender e preservar os católicos das heresias e contatos protestantes pela aplicação prática de métodos e técnicas à cura de almas. Isso é resultante da Contrarreforma Tridentina, que se caracteriza pelo combate aos protestantes e pela defesa de uma Doutrina Católica, em muitos casos esclerosada e caduca¹³. Vê-se como a pastoral ficou confinada em ambiente estritamente clerical. Esta concepção definiu a ação pastoral da Igreja e permaneceu ao longo de toda a Idade Média, mesmo com os diversificados estudos e embates entre vários teólogos empenhados em transformar a teologia pastoral em disciplina científica.

No início do século XIX, a Faculdade de Teologia de Tübingen criticou fortemente a atuação e o viver da Igreja centrados na ação ativa, ministerial, pastoral dos seus padres e na passividade do rebanho¹⁴; e uma teologia pastoral que condicionava e reduzia “a vida da Igreja à atividade ordenada, guiada por normas e rubricas, unicamente dos padres”¹⁵. A crítica ajudou a enxergar que a Igreja não tinha ciência infalível suficientemente capaz de mantê-la invariável e com a impressão de ainda desempenhar um papel decisivo diante da mudança das figuras do cenário para o qual ela deve anunciar a sua mensagem, cumprir a sua tarefa, realizar-se a si mesma¹⁶.

A Teologia Pastoral recebeu nesse período um grande impulso e sofreu duas importantes consequências que a definiram como autoconsciência da Igreja: primeiro, separou-se “de um mero pragmatismo eclesial e afirma seu caráter científico”¹⁷; segundo, o ministro ordenado deixa ter exclusividade sobre a ação pastoral, “e passa a ser toda a Igreja, na medida em que todos são pastores pelo batismo”¹⁸, o sujeito da ação pastoral. Assim, a ação pastoral

¹¹ Cf. COMBLIN, José. **O povo de Deus**. São Paulo: Paulus, 2002, p. 20.

¹² Cf. MIRANDA, Mario de França. Igreja e sociedade: da Gaudium et Spes a nossos dias. In: FERNANDES, Agostini (Org.). **Gaudium et Spes: reflexões bíblicas, teológicas e pastorais**. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 171.

¹³ Cf. BRIGHENTI, Agenor. **Em que o Vaticano II mudou a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 25.

¹⁴ Cf. SCHUSTER, Heinz. Natureza e função da Teologia Pastoral, p. 7.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Cf. Idem.

¹⁷ BRIGHENTI, Agenor. **A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé**. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2011, p. 53.

¹⁸ Idem.

passa “a ser vertebrada eclesiologicamente”¹⁹ forçando a reconsideração do objeto de estudo da teologia pastoral, antes centrado na formação do presbítero, para uma reflexão sobre o acontecer histórico da Igreja, em relação ao futuro.

Na América-Latina, apoiado na renovação do Vaticano II, a Igreja Católica e algumas Igrejas Protestantes Históricas, sobretudo entre os anos de 1970 e 1980, romperam com uma ação pastoral restrita ao âmbito eclesial (*ad intra*) e plasmaram uma originária concepção de ação pastoral embasada pela prática e reflexão na perspectiva da opção preferencial pelos pobres. Decorrente desse modelo de pastoral surgiu uma teologia genuinamente latino-americana feita na ótica dos pobres e a serviço dos próprios pobres²⁰, os preferidos de Deus, tecida pela Ação Católica Especializada e pelos movimentos eclesiais e sociais, respaldadas pela reflexão de intelectuais orgânicos, teólogos, pastoralistas e cientistas sociais. Essa forma de fazer teologia foi chamada de teologia da libertação²¹.

O termo pastoral implicou numa mudança histórica sutil, mas significativa. Em tese, a mudança na concepção pastoral deste período na América Latina está no fato de que não há uma preocupação com a manutenção do modelo de pastoral do regime de cristandade através da pastoral de conservação, centralizado no padre, na paróquia, na matriz. Há sim, uma urgente “necessidade de ir ao mundo e auscultar seus anseios, necessidades, e planejar respostas adequadas à situação de fiéis não mais cativos de um catolicismo que formatava a cultura”²².

A ação pastoral como prática transformadora está impressa na visão das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, caracterizadas essencialmente por uma reflexão pastoral enraizada na análise da realidade social, política, econômica, cultural, religiosa e eclesial²³, que, com o uso do método ver-julgar-agir²⁴, alinham a prática eclesial, especialmente

¹⁹ BRIGHENTI, Agenor. Ciência da religião aplicada à ação pastoral. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013, p. 666.

²⁰ CARRIQUIRY LECOUR, Guzmán M. **Uma aposta pela América Latina: memória e destino histórico de um continente**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 305.

²¹ “... um dos temas mais antigos da teologia da libertação é a totalidade e a complexidade do processo de libertação. Libertação total que é apresentada como um processo único, no qual devem distinguir-se dimensões ou níveis: libertação econômica, social, política, libertação do ser humano de qualquer espécie de servidão, libertação do pecado e, conseqüentemente, comunhão com Deus, fundamento último da fraternidade humana” (GUTIÉRREZ, Gustavo. **Pobres e libertação em Puebla**. São Paulo: Edições Paulinas, 1980, p. 51.).

²² BENEDETTI, Luiz Roberto. Pastoral das massas. In: GODOY, Manoel; AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **50 anos de Medellín: revisitando os textos, retomando o caminho**. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 112.

²³ Cf. SOUZA, Ney de. Do Rio de Janeiro (1955) à Aparecida (2007): Um olhar sobre as Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e do Caribe. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo. ano 15. n. 64. Jul/set. 2008, p. 128.

²⁴O método ver-julgar-agir é uma criação do padre Joseph Cardijn (1882-1967). Inscrevendo-se na linha de continuidade da pedagogia do denominado Catolicismo Social que desembocará na *Encíclica Rerum Novarum*

a partir da Assembleia de Medellín²⁵. Tida como “o êxodo da Igreja na América Latina”²⁶, influenciada pelos documentos emanados pelo Concílio Vaticano II, em particular a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja e a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo contemporâneo, a Conferência de Medellín, propõe-se a “dar uma mensagem para todos os homens que neste continente tem ‘fome e sede de justiça’”²⁷.

A história seguiu com mudanças no período compreendido entre 1920 e 1960, até o Concílio Vaticano II. Neste intervalo, ainda na chamada era manualística, que continuava regendo a pastoral, aconteceu uma renovação teológica, na tentativa de responder às situações socioculturais e religioso-eclesiais radicalmente diferentes das do período anterior²⁸. Vivia-se uma nova situação, devido à descristianização galopante influenciada pelos fenômenos novos na sociedade, ante aos quais as antigas receitas pastorais se mostravam ineficazes²⁹.

No campo da Teologia Pastoral está a contribuição, na Alemanha, de Franz Xavier Arnold (1898-1969), seguido por Karl Rahner (1904-1984) e, na França, de P. A. Liégeois (1921-1979). Seus esforços, junto com a aparição de diferentes movimentos cristãos de renovação ajudaram a teologia a reconciliar-se com a ação e lançaram luzes sobre a reflexão da ação pastoral da Igreja a desenvolver-se no Concílio Vaticano II (1962-1965), que inaugurou um novo momento na Igreja e na pastoral. Estes movimentos prepararam a Igreja que “ao encontrar-se diante do Concílio, já estava madura para realizá-lo. Faltava unicamente uma

(1981) do Papa Leão XIII, este método “está na base das práticas eclesiais populares, as quais, na América Latina, em torno à Conferência de Medellín (1968)”. (BRIGHENTI, Agenor. Método ver-julgar-agir. In: PASSOS, Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015. (Orgs.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015, p. 608-609.).

²⁵ Com os antecedentes internos, o contexto sociopolítico, o terreno eclesial de Medellín contou com as sementes lançadas pelas Encíclicas Sociais de João XXIII, *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963) e a *Populorum Progressio* (1967) do papa Paulo VI, que abordou a questão do desenvolvimento integral. Além destes, outros documentos durante séculos e décadas já vinham dinamizando a Igreja. Lembra-se aqui também a encíclica social *Rerum Novarum* (15 de maio de 1891) do papa Leão XIII. Pela primeira vez um Papa expressa seu pensamento sobre o problema social de sua época e chama atenção pela proximidade simpática da Igreja para com o mundo (cf. MARINS, José. (Org.). **De Medellín a Puebla: a práxis dos padres da América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 18.).

²⁶ BEOZZO, José Oscar **A Igreja do Brasil: De João XXIII a João Paulo II: De Medellín a Santo Domingo**. Petrópolis: Vozes. 1994, p. 115-118.

²⁷ CELAM. Documento de Medellín (Doravante DM). In: **Documentos do CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo**. São Paulo: Paulus, 2004, 1,6.

²⁸ Cf. MIDALI, Mario. **Teologia pastoral e prática**. Cammino storico di una riflessione fondante e scientifica. Rome, p. 40.

²⁹ A presença da Igreja nos subúrbios, a orientação cristã das minorias políticas, o diálogo com os intelectuais e a cultura, etc. A comunidade cristã, basicamente paroquial, em lugar de ser missionária, se ver reduzida a um gueto cultural. Por outro lado, cresce a consciência de que a Igreja é universal.

faísca para desencadear o incêndio do Espírito. Esta foi provocada pela coragem livre e profética de João XXIII³⁰.

O Papa João XXIII, já no discurso inaugural³¹ manifestou claramente o desejo de um Concílio primordialmente pastoral capaz de aprofundar a doutrina com um magistério prevalentemente também pastoral para expô-la de tal forma que responda às exigências do tempo presente. O papa não queria um conclave para a proclamação de desgraças ou de intimidação, de anátemas e condenações contra a modernidade e suas principais manifestações políticas, filosóficas, sociais e culturais³². O Concílio foi chamado a deixar estes caminhos para adotar uma atitude de acolhimento³³, optando mais pelo remédio da misericórdia “para as aflições e indagações dos fiéis e da humanidade”³⁴. Por isso João XXIII usou o termo pastoral. “Chamar de pastoral não quer dizer que se descuidou do dogmático, é um grau de importância que compromete o dogma e a vida”³⁵. A Igreja tinha necessidade de um Concílio que significaria, sem rompimento com a grande Tradição, “uma mudança profunda em relação ao sistema constantiniano, ao clima contrarreformístico (sic) e ao encapsulamento a um tempo defensivo e agressivo que ela vivia diante da cultura moderna”³⁶.

O novo Concílio “implode consciente como Concílio de Reforma das condutas estreitas, apologéticas (mais preocupadas com defesa e demarcação) da eclesiologia pós-tridentina”³⁷ dominante até à metade do século XX. “A Igreja estava sendo convidada a um *aggiornamento*, a uma atualização, a pôr-se ao passo com o mundo, a mudar para ser ela mesma nos dias e nas noites do hoje da história humana”³⁸. Instaurou-se um espírito de diálogo da Igreja com o mundo moderno onde ela deve ser presente e atuante³⁹. O anseio do Papa João

³⁰ LIBÂNIO, João Batista. A trinta anos do encerramento do Concílio Vaticano II: chaves teológicas de leitura. **Perspectiva teológica**, Belo Horizonte-MG. vol. 27, n° 73, set/dez., 1995, p. 304.

³¹ JOÃO XXIII. **Discurso de abertura do Vaticano II Gaudet Mater Ecclesia (11 de Outubro de 1962)**. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em: 10/11/2017.

³² Cf. MARINS, José. **Fomos a um Concílio: a surpresa do Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015, p. 66.

³³ Cf. ALBERIGO, Giuseppe. (Org.). **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 400.

³⁴ BEOZO, José Oscar. Concílio Vaticano II. In: Concílio Vaticano II. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015, p. 185.

³⁵ MARINS, José. **Fomos a um Concílio: a surpresa do Vaticano II**, p. 65.

³⁶ ALMEIDA, Antônio José de. **Lumen Gentium: a transição necessária**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 43.

³⁷ KEHL, Medard. **A Igreja: uma eclesiologia católica**. São Paulo: Edições Loyola, 1997, p. 45.

³⁸ ALMEIDA, Antônio José de. **Lumen Gentium: a transição necessária**, p. 43.

³⁹ Cf. SOUZA, Ney de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATO, Vera Ivanise. **Concílio Vaticano II: análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 24.

XXIII era justamente “colocar o mundo moderno em contato com as energias vivificantes do Evangelho”⁴⁰.

Todos os documentos do Concílio traçam a desejada nova fisionomia eclesiológica, mas “os dois polos (sic) determinantes, inseparáveis e compenetrados são as constituições *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*, a partir dos quais são articuladas as outras constituições e os decretos conciliares”⁴¹. Com a *Lumen Gentium* a Igreja sofreu uma virada eclesiológica que marcou a passagem da Igreja considerada hierárquica a uma Igreja povo de Deus⁴²; de uma Igreja legalista e jurídicista, sociedade perfeita como o Estado, a uma Igreja mistério de salvação⁴³, sustentada pelo Cristo como um todo visível, comunidade de fé, esperança e amor⁴⁴, sacramento universal de salvação⁴⁵ em que resplandece a claridade de Cristo de quem ela é reflexo⁴⁶. Foi neste húmus fértil que nasceu o texto pastoral fundamental e mais abrangente colocado como “o coração do Concílio junto com as outras três constituições”⁴⁷: a *Gaudium et Spes*.

Influenciada pela *Lumen Gentium*, que por sua vez foi antecipada pela *Sacrosanctum Concilium*, a *Gaudium et Spes* teve a tarefa de projetar a Igreja ao exterior através da ação prática. Tendo recolhido em sua redação as novas teorias pastorais e as novas tendências eclesiológicas gestadas no período pré-conciliar, do seu texto nasceu um novo sentido de pastoral e da presença da Igreja no mundo que já estava em incubação. A *Gaudium et Spes*

⁴⁰ JOÃO XXIII. **Constituição Apostólica *Humanae Salutis***, n. 3. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae_salutis.html. Acesso em: 10/11/2017.

⁴¹ CARRIQUIRY LECOUR, Guzmán M. **Uma aposta pela América Latina: memória e destino histórico de um continente**, p. 293.

⁴² Cf. LOPES, Geraldo. ***Gaudium et Spes: texto e comentário***. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 16.

⁴³ Cf. CODINA, Victor. Nova configuração da Igreja. In: BRIGHENTI, Agenor; ARROYO, Francisco Merlos. **O Concílio Vaticano II: batalha perdida ou esperança renovada?** São Paulo: Paulinas, 2015, p. 117.

⁴⁴ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (Doravante LG)**. In: **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. São Paulo: Vozes, 1998, n. 8.

⁴⁵ “A Igreja em sua totalidade, como comunidade de fiéis e comunidade histórica da fé em Jesus Cristo ressuscitado, com seu credo, com sua liturgia, com seu direito canônico, com seus costumes e tradições, com seus santos e mártires, foi chamada sempre de Grande Sacramento da graça e da salvação no mundo. Ela carrega dentro de si, como dom precioso, Cristo, sacramento fontal de Deus. Assim como Cristo era o sacramento do Pai, a Igreja é o sacramento de Cristo. Ele continua e se faz palpável através dela, ao longo da história. Nela se mantém sempre viva a memória de sua vida, morte e ressurreição e do significado definitivo que possui para o destino de todos os homens. Sem ela, Cristo agiria na história. Estaria presente no processo de libertação dos homens. Atingiria secretamente o coração de todos, porque Ele é infinitamente maior do que a Igreja e não seu prisioneiro divino. Mas se não houvesse Igreja, como comunidade de fiéis, não haveria ninguém para tirá-lo do anonimato, para decifrar sua realidade presente mas escondida, para pronunciar seu nome verdadeiro e para venerá-lo como libertador dos homens e Senhor do cosmos. A Igreja se torna sacramento enquanto participa e diuturnamente atualiza o sacramento de Cristo” (BOFF, Leonardo. **Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos: mínima sacramentalia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 68); Cf. LG 48.

⁴⁶ Cf. LG 1; 9; 48.

⁴⁷ SOUZA, Ney de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II, p. 56.

representa uma virada no comportamento da Igreja que passa de uma eclesiologia centrífuga - voltada para o centro - a uma eclesiologia centrípeta - voltada para fora⁴⁸, ao reconhecer que não é uma realidade desligada do mundo, nem é referência de si mesma, como se pensou na cristandade, nem seu agir se dá somente pelos ministros⁴⁹.

Fica explícito que a Igreja é continuadora da obra de Cristo-Pastor, pois este com sua palavra e ação atua na sacramentalidade da Igreja e ilumina a humanidade⁵⁰. A *Gaudium et Spes*, nesse sentido é uma instrução, “mas também um convite, uma ordem ampla”⁵¹ que situa a Igreja numa postura de abertura e de amor frente à humanidade, solidarizando-se com suas alegrias e esperanças⁵², visando a sua salvação e à renovação da sociedade⁵³. A partir deste princípio a Igreja deve planejar sua ação pastoral, parte constitutiva do seu ser e agir, que, além dos princípios teológicos, precisa do auxílio das outras ciências para encaminhar os fiéis a uma vida de fé pura e amadurecida⁵⁴.

1.2 Conceito de pastoral decorrente do Vaticano II

A primeira conotação que se tem no uso da palavra pastoral é a que se refere à prática e à ação na vida da Igreja. E mais especificamente liga-se ao trabalho que se realiza nas suas relações interiores. Assim formam a primeira impressão acerca de pastoral as diferentes ações pastorais. O Concílio Vaticano II conseguiu restaurar a origem teândrica⁵⁵ da pastoral, ou seja, o sentido da ação pastoral como atualização da práxis de Jesus único Bom Pastor “ao qual remetem as Escrituras de Israel”⁵⁶. Ele, que tem como o fim último do seu serviço pastoral conduzir a humanidade junto ao seu Pai, é quem proporciona o fundamento de toda a dimensão pastoral da Igreja. O motivo de toda possibilidade de apascentar o seu rebanho, serviço pastoral, procede dele mesmo. Isso se deu pela Encarnação “que inaugura definitivamente o movimento

⁴⁸ Cf. LOPES, Geraldo. **Gaudium et Spes**: texto e comentário, p. 17.

⁴⁹ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes* (Doravante GS). In: **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. São Paulo: Vozes, 1998, n. 36.

⁵⁰ Cf. GS 42; 11; LG 9.

⁵¹ O'MALLEY, Jonh W. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 280.

⁵² Cf. GS 1.

⁵³ Cf. GS 3; 11.

⁵⁴ Cf. GS 4; 62; 44.

⁵⁵ Simultaneamente divino e humano; diz-se das ações divino-humanas de Jesus Cristo (Cf. HOUAISS, Instituto Antonio. Teândrico. In: _____. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa: versão 3.0**. São Paulo: Objetiva, 2009.).

⁵⁶ BEUTLER, Johannes. **Evangelho segundo João**: comentário. São Paulo: Edições Loyola, 2015, p. 259.

de realização do desígnio salvífico e universal do Pai”⁵⁷, e se torna o princípio fundante da pastoral.

Essa atualização teândrica da práxis de Jesus faz da pastoral não um ato puramente humano, mas uma tarefa que consiste no desenvolvimento histórico de tudo o que Cristo, modelo de pastor verdadeiro, que dá a vida pelas suas ovelhas (cf. Jo 10,11; 10,16; 11,52; 17,18), viveu e realizou durante sua vida mortal, e que se converteu no princípio de salvação eterna, sinal sacramental de salvação para todos que lhe obedecem (cf. Hb 5,8)⁵⁸. Trata-se do próprio agir do Cristo pastor que conduz o rebanho para bons pastos através da mediação salvífica da Igreja como sacramento, já que o processo salvador vem diretamente de Deus. Frequentemente se tem concebido a ação pastoral sem um fundamento teológico vigoroso. Por isso é necessário sublinhar o aspecto teândrica, divino-humano ou cristológico, que possui toda ação pastoral. A mediação salvífica da Igreja é instrumental, já que o processo salvador vem diretamente de Deus. O objetivo de toda mediação salvífica está posto sempre em que se realize o processo salvador.

Com o Vaticano II, a Igreja retoma esses traços que a convertem em sujeito próprio da ação pastoral, ao assumir uma eclesiologia de comunhão e participação⁵⁹ fundamentada no mistério trinitário⁶⁰. Esta Igreja que não mais se autodenomina Igreja de Cristo, mas reconhece que nela subsiste a Igreja de Cristo⁶¹ é chamada a seguir os caminhos do seu Mestre (cf. Lc 4,18; 19,10; Fl 2,6; 2Cor 8,9) para comunicar os frutos da salvação em espírito de serviço à toda a humanidade⁶². Como servidora do Reino de Deus, o seu raio de atuação se amplia além de suas fronteiras causando nela uma descentralização das suas questões internas e impelindo-

⁵⁷ GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. A teologia do Concílio Vaticano II e suas consequências na emergência da Teologia da Libertação. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATO, Vera Ivanise. **Concílio Vaticano II: análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 82.

⁵⁸ Cf. BOURGEOIS, Daniel. **La pastoral de La Iglesia**. Valência, ESP: EDICEPI, 2000, p. 141-142.

⁵⁹ Cf. LG 6-7.

⁶⁰ Cf. LG 2-5; 8.

⁶¹ Cf. LG 8.

⁶² Cf. LG 40; GS 3.

a a testemunhar e edificar o Reino de Deus no mundo⁶³, em diálogo e colaboração com Igrejas não católicas⁶⁴, com adeptos às religiões não cristãs⁶⁵ e com todas as pessoas de boa vontade⁶⁶.

Embora os textos conciliares, quando falam de pastoral, quase sempre se referem à figura, às funções, às atividades e à formação dos pastores, ou seja, bispos⁶⁷, padres e candidatos ao ministério ordenado⁶⁸, a concepção emanada do mesmo supera o binômio clero-leigos por comunidade-ministérios⁶⁹ tornando todos os fiéis pelo batismo e a confirmação, participantes das funções sacerdotal, profética e real de Cristo, sujeitos ativos na Igreja e da pastoral⁷⁰. Os cristãos e toda a comunidade de fé são envolvidos na pastoral, inclusive os ministros ordenados, que são pastores situados dentro do povo de Deus sujeito ativo e corresponsável, e não simples receptor passivo ao serviço dos pastores.

Lançadas essas bases, recorda-se que após o surgimento das ciências metodologicamente arreligiosas no seio da modernidade, no meio teológico se tomou maior consciência da complexidade da ação pastoral exigente de uma ação articulada com a reflexão científica que converge para que a ação pastoral seja eficaz por partir dos desafios contextualizados. A interação entre ação pastoral, como de sua reflexão, a teologia, com as ciências em geral, leva à conclusão de que a ação da Igreja, mesmo perpassada pela fé e pela graça, é uma ação humana, sujeita às mesmas contingências históricas de qualquer outra ação⁷¹. Uma prática que se pretende consistente não prescindir da reflexão na composição dos seus elementos processuais.

⁶³ Cf. GS 43.

⁶⁴ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Decreto Unitatis Redintegratio. In: **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. São Paulo: Vozes, 1998, n. 12.

⁶⁵ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Declaração Nostra Aetate. In: **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. São Paulo: Vozes, 1998, n. 2.

⁶⁶ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Decreto Ad Gentes (Doravante AG). In: **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. São Paulo: Vozes, 1998, n. 12.

⁶⁷ A figura por excelência do pastor é o bispo, sacramento vivente do Cristo pastor, cuja atividade é relacionada ao cuidado das ovelhas. O colégio dos bispos é definido como “corpo dos pastores” (cf. LG 20, 27, 41; CONCÍLIO VATICANO II. Decreto Optatum Totius (Doravante OT). In: **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. São Paulo: Vozes, 1998, n. 2).

⁶⁸ Cf. LG 20c, 27a, 41b, OT 2b.

⁶⁹ Cf. LG 32.

⁷⁰ O Concílio Vaticano II expressa em múltiplas ocasiões a divisão tripartida das ações pastorais ou ministérios: profético, litúrgico e hodogético (serviço cristão na organização e direção eclesial e a promoção caritativa total como serviço ao mundo). Os três *Munera Ecclesiae* são continuação do tríplice *Munus de Cristo*. Os bispos têm suas funções definidas a partir deste esquema: profeta, sacerdote e rei. É papel dos bispos anunciar a Palavra, santificar as almas e governar as ovelhas a eles confiadas. O mesmo esquema é usado também para os presbíteros (cf. LG 14; 20c; 21b; 25-27; 41; OT 2; CONCÍLIO VATICANO II. Decreto Presbyterorum Ordinis (Doravante PO). In: **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. São Paulo: Vozes, 1998, n. 5; 7a).

⁷¹ Cf. BRIGHENTI, Agenor. Ciência da religião aplicada à ação pastoral, p. 663-664.

Assim, compreende-se que entre o agir e o ser eclesial não há oposição. Esse destaque serve para desmitificar os antagonismos criados entre pastoral e doutrina, tais como: o doutrinal é imutável e eterno, enquanto o pastoral é flexível, contingente e histórico; o doutrinal é abstrato e teórico, enquanto o pastoral é conceito operacional; o doutrinal é científico, enquanto o pastoral é informativo. Não se opõem, mas se auto implicam e se auto explicam. Afinal, uma doutrina teológica sem condições de iluminar uma prática e que não seja útil à realização do ser da Igreja e de sua missão no mundo não passa de pura especulação; e uma prática pastoral que não tem uma sólida fundamentação teológica corre o risco de se tornar um experimento com curto tempo de duração.

Portanto, pastoral “é toda atividade da Igreja que, em relação com a vida, busca cumprir bem a missão que lhe foi confiada”⁷². É uma ação de toda a Igreja com os pastores e não é somente ação dos pastores. Esta para a qual todos são chamados é antes de tudo ação intencional, sistemática e organizada da comunidade eclesial que torna visível e sensível o pastoreio do único Pastor “para que todos tenham vida” (Jo 10, 10). Não é uma simples consequência operativa da eclesiologia dogmática, como se pensava na cristandade, embora as duas estejam em profunda simbiose. É o agir da Igreja composto pela pastoral profética, a pastoral litúrgica e a pastoral do serviço e da comunhão⁷³. Trata-se de uma ação superior à mera prática, que ligada com a teoria, torna-se uma ação pensada antes, durante e depois sem possibilidade de dissociação da reflexão e dos outros saberes. Essa ação pensada teologicamente e apoiada nas ciências envolve todas as pessoas e toda a fé, para torná-la

⁷²TRUDEL, Jacques. Pastoral litúrgica. In: CELAM. **Manual de liturgia**: Outras expressões celebrativas do Mistério Pascal e a liturgia na vida da Igreja. São Paulo: Paulus, 2007, p. 302.

⁷³ Além dos três *mínus*, a atual teologia pastoral, como teologia prática ou teoria da práxis dos cristãos e da Igreja na sociedade, entende a ação pastoral em torno a quatro âmbitos: **a)** A missão profética ou pastoral da Palavra (Martyria) corresponde ao anúncio e verificação do Evangelho. É serviço da Palavra ou da fé teologal. Mostra-se Jesus como profeta. A finalidade dos ministérios consiste em despertar a fé, desentranhar o sentido de Deus e revelar o horizonte cristão do projeto humano. Inclui a evangelização, a catequese e a interpretação teológica; **b)** A fraternidade vivida ou pastoral comunitária (Koinonía) que é o serviço de caridade *ad intra*. Desvela o mistério da comunhão ao mesmo tempo em que revela a Paternidade de Deus na fraternidade cristã. Seu objeto consiste em fazer crescer a comunidade inteira. Jesus aparece como Mestre. Os crentes se congregam na comunhão mediante a instrução primeira da comunidade cristã. Reúnem-se em assembleia com o fim de conhecer experientialmente a sabedoria de Deus e poder confrontá-la com todos os problemas do processo humano-histórico, tendo como objetivo último o construir uma nova fraternidade; **c)** A vida sacramental ou pastoral litúrgica (leitourgía). A missão da liturgia abarca todo o conjunto da celebração dos mistérios cristãos. Seu propósito é celebrar o culto cristão. É serviço de esperança. Revela o agradecimento a Deus e mostra que o mundo não é catástrofe. Jesus aparece como sacerdote da Nova Aliança. Essa função é chamada também doxológica; **d)** O compromisso libertador ou pastoral social (Diakonía). A missão libertadora (Diakonía) é função sócio-pastoral. É serviço de caridade *ad extra*. Revela o mistério da edificação do Reino fora das fronteiras da Igreja, através de uma sociedade mais humana, a saber, mais justa e livre. Jesus aparece como primogênito da nova criação. Nesta ação pastoral todos os conhecimentos e as técnicas estão a serviço da transformação da realidade ou libertação, mediante a práxis da justiça. Aqui entra a luta contra toda opressão, dominação ou dependência frente a uma nova sociedade (cf. FLORISTÁN, Cassiano. **Teología práctica**: Teoría y práxis de la acción pastoral, p. 169-171.); cf. GS 92c.

presente em toda a vida⁷⁴ conduzindo ao testemunho e a edificação do Reino de Deus no mundo⁷⁵.

1.3 Pastoral Litúrgica

Foi dito acima que a aparição de diferentes movimentos cristãos de renovação cooperou para que a Teologia se reencontrasse com a ação, assim como foram determinantes para a reflexão da ação pastoral da Igreja desenvolvida posteriormente no Concílio Vaticano II. “Porque um acontecimento tão vasto como foi este concílio, embora tenha sido convocado de surpresa por João XXIII, foi inconscientemente preparado há longo tempo”⁷⁶ por tais movimentos caracterizados pelo esforço de voltar às fontes. Foi assim o movimento bíblico, que se encontra na Palavra de Deus; o movimento eclesiológico, que ajuda a descobrir a natureza e missão da Igreja; o movimento ecumênico, que intenta restaurar a unidade de todos os cristãos; e o movimento litúrgico, que fomenta a participação do povo no culto⁷⁷. Este último interessa mais para a presente pesquisa.

No princípio do século XX a participação nas celebrações da Igreja passou por um momento de decadência⁷⁸. “Os fiéis tinham se tornado espectadores mudos da missa, em vez de participantes ativos na ação litúrgica”⁷⁹. Não podendo associar-se às celebrações, senão à distância, entregavam-se às suas devoções pessoais de modo que a própria comunhão eucarística se apresentava como uma devoção particular, sem ligação com a missa⁸⁰. Os fiéis “isolavam-se cada vez mais num individualismo religioso e num moralismo estreito, cujo ideal era procurar a sua própria salvação, evitando o pecado mortal”⁸¹. Nessa época, liturgia significava rubricas e era de responsabilidade exclusiva do clero que devia se destacar pela observância das mesmas, executando corretamente os atos rituais. Liturgia era, portanto, “a parte relativa às cerimônias do culto, esvaziado do seu conteúdo real”⁸².

⁷⁴ Cf. GS 45.

⁷⁵ Cf. LG 6; GS 43.

⁷⁶ VALENTINI, Demétrio. **Revisitar o Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 51.

⁷⁷ Cf. MIDALI, Mario. **Teologia pastorale o pratica**. Cammino storico di una riflessione fondante e scientifica, p. 53. Outros movimentos aspiram estabelecer uma melhor relação com o mundo moderno, é o caso da JOC (Juventude Operária Cristã), movimento fundado na França em 1924, pelo padre Joseph Cardijn (1882-1967) que criou também método ver-julgar-agir (cf. BRIGHENTI, Agenor. Pastoral, p. 608-609).

⁷⁸ FLORES, Juan Javier. **Introdução à teologia litúrgica**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 82.

⁷⁹ O'MALLEY, Jonh W. **O que aconteceu no Vaticano II**, p. 144.

⁸⁰ Cf. BOTE, Bernard. **O movimento litúrgico: testemunho e recordações**. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 12-13.

⁸¹ Ibid., p. 18.

⁸²Cf. Ibid., p. 17.

Reagindo à delicada situação em que se encontrava a vida litúrgica da Igreja, precedido e suscitado pelas reformas de Pio X (1903-1914), nasceu o movimento litúrgico apresentando-se como uma renovação espiritual, na qual a liturgia desempenhava um papel central. O apelo à participação ativa dos fiéis na celebração feito no *Motu proprio Tra Le sollicitudini* (1903)⁸³ foi ouvido em particular na Bélgica por um monge de Mont-César, Dom Lambert Beauduin (1873-1960), que no dia 23 de 1909, no Congresso nacional das obras católicas em Malines, apresentando seu relatório sobre a participação dos fiéis no culto cristão⁸⁴ lançou um movimento litúrgico destinado a se estender muito além da Bélgica.

O desejo de voltar às fontes através do reencontro com os escritos dos santos padres beneficiou este movimento. Com efeito, a refontização e o estudo da tradição, possibilitaram redescobrir bens da evolução litúrgica que precisavam ser retomados paulatinamente⁸⁵, sobretudo “a participação ativa, consciente e plena dos cristãos na liturgia, enfatizando as dimensões teológicas, espiritual e pastoral”⁸⁶. A meta era atingir as massas dos fiéis⁸⁷, tornar as assembleias comunidades de oração⁸⁸ aproximando os fiéis “o mais possível daquilo que a Igreja era na sua natureza mais profunda, isto é, do seu ser sacramental e das suas celebrações litúrgicas”⁸⁹. Por isso o movimento, por seus objetivos expressos de refontização, “apresentava não um rosto novo da Igreja, mas sim um rosto que ficara muito tempo na sombra”⁹⁰.

O Movimento Litúrgico foi fundamental para a passagem de uma visão jurídico-rubricista a uma visão teológico-espiritual da liturgia, de uma experiência individualista a uma mais comunitária e de uma realidade passiva a uma mais pastoral. Assim, foram colocadas as bases teóricas do que foi refletido e acolhido como reforma no Concílio Vaticano II. A liturgia

⁸³ “O *motu proprio Tra Le sollicitudini* de S. Pio X (1903-1914) inaugura a reforma litúrgica do século XX, não somente porque o Papa legisla sobre o canto gregoriano, mas principalmente por exortar os fiéis a participarem ativamente da celebração dos mistérios, porque ela é ‘a fonte primeira e indispensável do verdadeiro espírito cristão’. O canto da assembleia constitui apenas um primeiro passo na participação do mistério litúrgico. A participação só atinge sua plenitude com a comunhão à mesa do Senhor. Por esse motivo Pio X convidou os cristãos a participarem frequentemente e mesmo todos os dias da comunhão, como já tinha feito o Concílio de Trento” (MARTIMORT, Aimé Georges. **A Igreja em oração**. Introdução à Liturgia I: Princípios da Liturgia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988, p. 83).

⁸⁴ Cf. BOTE, Bernard. **O movimento litúrgico**: testemunho e recordações, p. 21.

⁸⁵ Cf. BOGAZ, Antônio Sagrado; HANSEN, João Henrique. Sacrosanctum Concilium. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015, p. 861.

⁸⁶ GOEDERT, Valter Maurício. **A constituição litúrgica do Concílio Vaticano II**: A Sacrosanctum Concilium ao seu alcance. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013, p. 12.

⁸⁷ Cf. MARTIMORT, Aimé Georges. **A Igreja em oração**. Introdução à Liturgia I: Princípios da Liturgia, p. 84.

⁸⁸ Cf. BOTE, Bernard. **O movimento litúrgico**: testemunho e recordações, p. 40.

⁸⁹ NEUNHEUSER, Burkhard (org.). **Anámnese 1. A Liturgia**: momento histórico da salvação. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 22.

⁹⁰ Idem, p. 22.

se tornou uma questão eclesiológica, espiritual e pastoral. Com esta breve alusão ao movimento litúrgico fica claro que a presente pesquisa não tem intenção de enveredar de maneira aprofundada pela história do mesmo, até porque seria improvável com alguns parágrafos somente haja vista a elasticidade do tema. Então falar de pastoral litúrgica a partir do Concílio Vaticano II significa se reportar a um processo longo preparado tanto pelo Movimento litúrgico como pelas respostas dadas pelos Sumos Pontífices às dificuldades sentidas na oração eclesial.

As reformas parciais introduzidas através de Pio X (*Motu proprio Tra Le Sollecitudini*, 1903) e Pio XII (Encíclica *Mediator Dei*, 1947)⁹¹, a experiência litúrgica vivida em mosteiros, grupos, paróquias e os numerosos estudos dirigidos pelo movimento litúrgico através de cursos, revistas, semanas litúrgicas subsídios litúrgico-pastorais despertaram e intensificaram a preocupação pastoral com a liturgia. Tais esforços que vinham sendo realizados, sobretudo no interior da Igreja, referentes à renovação litúrgica foram reconhecidos pelo magistério. Estas iniciativas marcaram o início da marcha da Pastoral Litúrgica que assumiu como finalidade aproximar os fiéis do ser sacramental da Igreja e das suas celebrações por meio de uma participação mais ativa no culto.

Para a *Sacrosanctum Concilium* convergiram o interesse e o consenso de quase todos os Padres conciliares⁹² que rapidamente a aprovaram por conta da preparação gradativa neste campo⁹³, e também porque conheciam bem a dificuldade que os fiéis tinham em participar numa liturgia da qual já não compreendiam plenamente a linguagem, as palavras e os sinais. Pode-se dizer, assim, que a *Sacrosanctum Concilium* foi o passo decisivo na renovação litúrgica,

⁹¹ “A partir da Segunda Guerra Mundial assistiremos ao desenvolvimento do movimento pastoral litúrgico ratificado pelo Papa Pio XII (1939-1958), ao retomar o projeto de Pio X e adaptando-o às novas condições. Antes de 1940 a preocupação era colocar a liturgia existente ao alcance do povo e promover o canto gregoriano; posteriormente compreendeu-se claramente que era necessária uma reforma dos ritos feita em profundidade e a introdução da língua vernácula na celebração. Não demorou muito para que o movimento litúrgico recebesse encorajamento da parte do Papa Pio XII. Foi se desenvolvendo em quase todos os países. Os bispos se fizeram seus promotores e guias” (MARTIMORT, Aimé Georges. **A Igreja em oração**. Introdução à Liturgia I: Princípios da Liturgia, p. 84). A encíclica *Mediator Dei*, denominada a carta magna do movimento litúrgico, “a primeira da história completamente dedicada ao tema litúrgico, é o documento do magistério mais importante - no âmbito litúrgico - de todo o período pós-tridentino” (FLORES, Juan Javier. **Introdução à teologia litúrgica**, p. 272). Tal encíclica “foi determinada, em grande parte, pela progressiva afirmação do movimento litúrgico, que, por sua vez, se coloca no contexto mais amplo dos desenvolvimentos significativos, tanto na vida eclesial como no terreno propriamente teológico. No âmbito dos documentos pontifícios que se referem à liturgia, a *Mediator Dei* segue as pegadas das iniciativas já postas em marcha nesse campo por Pio X” (Idem.).

⁹² “... na votação conclusiva, no dia 22 de novembro [1963], votou-se a Constituição na íntegra, com o seguinte resultado: 2.158 votos favoráveis e 19 contrários. Na terceira sessão pública ela foi aprovada e proclamada pelo papa. Assim foi aprovado o conceito de fundo *totius populi plena et actuosa participatio* no mistério pascal, ou seja, o conceito base do movimento litúrgico” (SOUZA, Ney de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II, p. 51).

⁹³ LIBÂNIO, João Batista. A trinta anos do encerramento do Concílio Vaticano II: chaves teológicas de leitura, p. 322.

começada pelo movimento litúrgico, que a própria Constituição reconhece como “sinal dos desígnios providenciais de Deus sobre a nossa época, como passagem do Espírito Santo em sua Igreja”⁹⁴ e de quem ela acolheu as ideias fundamentais⁹⁵.

Houve uma canalização dos resultados de todo esforço feito em diversos setores da vida eclesial, para descobrir ou redescobrir facetas do mistério da Igreja. “O Concílio não poderia ter produzido uma constituição tão avançada sobre liturgia sem os estudos que há mais de cinquenta vinham se fazendo na Igreja”⁹⁶. Isto não tira o mérito do Concílio como “o maior programa de reforma litúrgica que a história já registrou, com a esperança, abertamente manifestada, de uma conseqüente renovação espiritual do povo cristão em sentido eclesial e apostólico”⁹⁷ nem reduz a reforma litúrgica a cumprimento dos desejos do movimento litúrgico.

A partir da nova teologia litúrgica impressa na Constituição Litúrgica, falar de liturgia é falar do mistério de Cristo que se atualiza nos sacramentos do Batismo e da Eucaristia e nos demais sacramentos e sacramentais, na liturgia das horas, no decorrer de todo o ano litúrgico, mas também na memória dos santos (cf. SC 6; 47; 61; 83; 102; 104). Por isso, ao afirmar que “do lado de Cristo dormindo na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja” (SC 5) que, através da ação sacramental litúrgica, se torna lugar privilegiado do encontro entre Deus e o homem, o concílio recupera a natureza, a grandeza e a importância da liturgia como “o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo” (SC 7), reconhecendo-a como “o poderoso caminho no qual a salvação se faz história”⁹⁸.

A presença de Cristo e a ação do Espírito convertem a liturgia na principal manifestação do próprio ser da Igreja, de tal forma que nenhuma outra ação pode ser igualada a ela (cf. SC 7), e a confirmam “como a primeira e necessária fonte, da qual os fiéis haurem o espírito verdadeiramente cristão” (SC 14; confira também SC 2). Finalmente, a liturgia, que durante muito tempo ficou reduzida a formalidades exteriores expressas no complexo de cerimônias que ofuscavam sua verdadeira natureza, e que era somente um objeto de especulação

⁹⁴ SC 43.

⁹⁵ Cf. SOUZA, Ney de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II, p. 36-37.

⁹⁶ VALENTINI, Demétrio. **Revisitar o Concílio Vaticano II**, p. 51.

⁹⁷ DELLA TORRE, Luigi. Pastoral Litúrgica. In: SARTORES, Dionisio; TRIACCA, Achille M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 907.

⁹⁸ COSTA, Valeriano Santos. **Noções teológicas de liturgia**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2012, p. 12.

teológica inserida nas categorias filosóficas, foi redescoberta como espiritualidade própria da Igreja⁹⁹.

Justamente por ser a atuação e a continuação da obra sacerdotal de Cristo por meio de sinais sagrados e eficazes¹⁰⁰, “resulta que a Liturgia é inteiramente de natureza pastoral, já que põe em ação o pastoreio de Cristo em sua Igreja, quando reúne, nutre e conduz seu povo”¹⁰¹. Daí também resulta a beleza da liturgia que não reside no aparato humano e exterior, mas sim na capacidade de prolongar os gestos de Cristo¹⁰². Tal dedução alinha-se à noção originária da palavra, pois, em grego, liturgia, *leitourgia* (de *Laos*, povo, e *ergon*, obra, trabalho), é algo que se faz (*urgia*); não é discurso (*logia*), mas prática, atividade, ação ou práxis¹⁰³. Nesse sentido, é primeiro Deus quem, pela ação litúrgica, “se põe a serviço de seu povo, em seu Filho, o Servo por excelência, a fim de que todo esse povo, por sua vez, se torne servo e lhe preste o serviço de um culto espiritual”¹⁰⁴. Ou seja, é também “a ação do povo que ouve Deus que fala e reage louvando-o, invocando-o, acolhendo a fonte inexaurível de vida e de misericórdia que flui dos santos sinais”¹⁰⁵.

Ainda sobre a união entre Liturgia e Pastoral, o Concílio Vaticano II disse uma palavra decisiva, através da passagem talvez mais conhecida da *Sacrosanctum Concilium*, que se tornou uma verdadeira máxima teológica: “a Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo é a fonte donde emana toda a sua força” (SC 10). Esta tese do artigo 10 é importante porque, além de refletir sobre a natureza e os efeitos da liturgia, garante a esta última um lugar privilegiado no interior da ação pastoral da Igreja. É a confirmação de que “nenhuma atividade pastoral pode se realizar sem referência à liturgia”¹⁰⁶. O seu lugar de fonte cobra cuidados para que os trabalhos pastorais desenvolvidos pela Igreja se conectem com a sagrada

⁹⁹ Cf. MARSILI, Salvatore. **Sinais do Mistério de Cristo**: teologia dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 689.

¹⁰⁰ Cf. SC 7.

¹⁰¹ GELINEAU, Joseph. **Em vossas assembleias**: sentido e prática da celebração litúrgica. São Paulo: Paulinas, 1974, p. 27.

¹⁰² Cf. COSTA, Valeriano Santos. **Noções teológicas de liturgia**, p. 16.

¹⁰³ Cf. FLORISTAN, Cassiano. Pastoral Litúrgica. In: BOROBIÓ, Dionisio. (org.). **A celebração da Igreja**: Liturgia e sacramentologia fundamental. V. 1. São Paulo: Loyola, 1990, p. 427.

¹⁰⁴ GELINEAU, Joseph. **Em vossas assembleias**: sentido e prática da celebração litúrgica, p. 27.

¹⁰⁵ PAPA FRANCISCO. Discurso aos participantes na 68ª Semana Litúrgica Nacional. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papafrancesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html. Acesso: 05/04/2018.

¹⁰⁶ CELAM. Documento de Puebla (Doravante DP). In: **Documentos do CELAM**: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004, n. 927.

liturgia e, ao mesmo tempo, que a Pastoral Litúrgica não se desenvolva separada e independente, mas em união com as outras atividades pastorais¹⁰⁷.

Fundada no agir do próprio Cristo, sacramento primeiro e universal que dá forma a toda a vida da Igreja¹⁰⁸, “a Pastoral Litúrgica é a ação pastoral realizada hoje pelo povo de Deus com o objetivo de edificar o corpo de Cristo, através das ações eclesiais do culto cristão e levando em conta a situação real dos homens”¹⁰⁹. Se a pastoral é uma arte e a Teologia Pastoral a teologia dessa arte de conduzir e conservar o povo em Cristo, a Pastoral Litúrgica então “é a arte de conduzir os fiéis a uma vivência mais profunda do mistério da salvação”¹¹⁰; “a arte de ajudar os crentes a passar das realidades visíveis às realidades invisíveis”¹¹¹. No Vaticano II, a concepção de pastoral litúrgica foi sintetizada “passando da certeza de que a liturgia é pastoral, à constatação de que a liturgia deve ser objeto de zelo e cuidados pastorais”¹¹².

1.4 Incremento da Ação Pastoral Litúrgica como 5º princípio geral para a reforma e o incremento da sagrada Liturgia

A Constituição de Liturgia formulou de um modo mais claro as linhas teológicas do que é a liturgia, sobretudo como prolongamento eclesial do sacerdócio de Cristo¹¹³, contudo, não foi simples a aceitação, compreensão e aplicação da reforma como se poderá atestar na história pós-conciliar. Houve resistência “por parte de indivíduos ou de grupos que desde o começo acolheram com desconfiança a reforma litúrgica e, globalmente, o próprio desenrolar dos trabalhos conciliares”¹¹⁴. Tais dificuldades podem também ser atribuídas a um ambiente pouco favorável, caracterizado por ter se tornado algo privado ao âmbito religioso, “como também, por certa rejeição de toda e qualquer instituição, por uma visibilidade da Igreja na sociedade e por se pôr em questão a fé pessoal”¹¹⁵. Pode-se também julgar “que a passagem de

¹⁰⁷ Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS - CONSILIUM. Instrução Inter Oecumenici (26 de setembro de 1964; doravante IOe). In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **Enquirídio dos documentos da Reforma Litúrgica (EDREL)**. Fátima: Coimbra, 1998, n. 7.

¹⁰⁸ Cf. GELINEAU, Joseph. **Em vossas assembleias: sentido e prática da celebração litúrgica**, p. 26.

¹⁰⁹ FLORISTAN, Cassiano. Pastoral Litúrgica, p. 430.

¹¹⁰ TRUDEL, Jacques. Pastoral litúrgica, p. 302.

¹¹¹ GELINEAU, Joseph. **Em vossas assembleias: sentido e prática da celebração litúrgica**, p. 32.

¹¹² DELLA TORRE, Luigi. Pastoral Litúrgica, p. 905.

¹¹³ Cf. ALDAZÁBAL, José. **Instrução geral sobre o Missal Romano: texto e comentário**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 12.

¹¹⁴ JOÃO PAULO II. Alocução no XX aniversário da Constituição Sacrosanctum Concilium (27 de outubro de 1984). In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **Enquirídio dos documentos da Reforma Litúrgica (EDREL)**. Fátima: Coimbra, 1998, n. 4.

¹¹⁵ JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Vicesimus quintus annus (4 de dezembro de 1988; doravante VQA)**. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **Enquirídio dos documentos da Reforma Litúrgica (EDREL)**. Fátima: Coimbra, 1998, n. 11.

uma simples assistência predominantemente passiva e algumas vezes muda, para uma participação plena e ativa terá sido uma exigência demasiado forte para certas pessoas”¹¹⁶.

As suspeitas e a acusação de “demasiado otimismo nas razões de um culto compreensível e participável e, simultaneamente, de simplismo na consideração da complexidade antropológica e cultural”¹¹⁷, não conseguiram inibir a reforma. A viva expectativa despertada pela discussão do documento conciliar e pelos fermentos de renovação que, em alguns lugares, começaram a dar origem a iniciativas arbitrárias¹¹⁸, fez com que a Igreja pedisse desde o princípio imediato à reforma a divulgação das leis litúrgicas, e a educação dos fiéis para que compreendessem a eficácia e o íntimo valor da Liturgia¹¹⁹.

Paulo VI (1963-1978) foi incansável no compromisso com a reforma. No seu pontificado se viveu as dificuldades com a aplicação da mesma, especialmente refletida no grande número de pessoas que abandonaram o ministério sagrado e a vida religiosa alegando, como motivação, em muitos casos, a incapacidade de se adaptar aos novos modos da Liturgia. Seu ensino litúrgico abrange vários aspectos, sendo o mais importante a aprovação e promulgação da Constituição *Sacrosanctum Concilium* (04 de dezembro de 1963). Apressou a publicação de inúmeras Instruções que objetivavam assegurar e explicitar a constituição conciliar e aplicar o essencial de suas disposições, sua parte normativa e sua parte inovadora, tratando de temas urgentes como os textos bíblicos que deviam ser utilizados, a regulação das traduções, a música sacra, o uso das línguas vernáculas, a adaptação dos ritos. Em seguida a aprovação e promulgação dos textos litúrgicos que servem à Liturgia, tais como: Lecionários; o Missal Romano; o Pontifical Romano; os rituais dos sete sacramentos¹²⁰. Com suas

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ DELLA TORRE, Luigi. Pastoral Litúrgica, p. 908.

¹¹⁸ Cf. BUGNINI, Annibale. **La reforma de la liturgia (1948-1975)**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2017, p. 45.

¹¹⁹ Cf. PAULO VI. Motu próprio Sacram Liturgiam (25 de janeiro de 1964). In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **Enquadrado dos documentos da Reforma Litúrgica (EDREL)**. Fátima: Coimbra, 1998, n. 2.

¹²⁰ Batismo: aprovado em 15 de maio de 1969; Confirmação: aprovada com a constituição apostólica *Divinae Consórcio Naturae* de 15 de agosto de 1971; Iniciação Cristã de Adultos (RCIA): decreto de 2 de janeiro de 1972; Penitência: Decreto de 2 de dezembro de 1972; Unção: Constituição Apostólica do Papa Paulo VI *Sacram Unctionem Infirmorum* de 30 de novembro de 1972; Casamento: a reforma do Rito foi aprovada em 19 de março de 1969. O atual ritual foi reformado e aprovado em 19 de março de 1990; Ordem Sagrada: tem vários regulamentos: o Motu Proprio de Paulo VI *Ad Pascendum*, para renovar o que tem a ver com o Diaconado, de 15 de agosto de 1972. A reforma dos Ministérios: *Ministeria Quaedam*, também de 15 de agosto, 1972; Rito de Ordenação: Diáconos: o diaconado permanente foi restaurado em 17 de junho de 1967 com o Motu Proprio de Paulo VI *Sacrum Diaconatus*; Presbíteros: o Rito da Ordenação foi reformado, cuja primeira celebração foi em Bogotá, em agosto de 1968; Bispos: o Rito foi reformado e o novo Pontifício Romano foi estabelecido com variações subseqüentes, o último sob São João Paulo II em 1988; Missal Romano: De Paulo VI com a constituição apostólica *Missale Romanum* de 3 de abril de 1969 com uma nova edição aprovada por São João Paulo II no ano

introduções¹²¹, estes e muitos outros documentos referentes à reforma da liturgia formam um verdadeiro tratado de liturgia em suas diversas partes¹²².

Entre os documentos emanados após o Concílio está o *motu proprio Sacram Liturgiam*, de 25 de janeiro de 1964, através do qual o papa Paulo VI instituiu o *Consilium*, organismo criado para executar a reforma litúrgica¹²³. Foi um trabalho delicado e inteligente de restauração¹²⁴, de simplificação de acordo com os princípios enunciados pelo Concílio¹²⁵ para que os ritos resplandessem com o que a Constituição chama de nobre simplicidade¹²⁶. Um trabalho que, sem negligenciar o acessório quando tem consistência e utilidade pastoral, valorizou o essencial¹²⁷.

Como primeira norma do *motu proprio Sacram Liturgiam*, condição para a renovação litúrgica, aparece a formação de clérigos ou religiosos, em seminários, institutos religiosos e faculdades teológicas. Pedem-se que os artigos correspondentes da Constituição (15-17) sejam colocados em prática, a saber: preparação de professores em renomados institutos de liturgia¹²⁸; ensino da liturgia em seu fundamento teológico, histórico, espiritual e pastoral, bem como sua coordenação harmoniosa com as demais disciplinas¹²⁹; definição da vida do seminário no espírito da liturgia¹³⁰. A segunda norma refere-se às comissões litúrgicas. Decreta-se, segundo os artigos 45 e 46 da *Sacrosanctum Concilium* que “se constitua quanto antes em cada Diocese uma Comissão à qual competirá ocupar-se do conhecimento e incremento da Liturgia, sob a

2000; a renovação da Liturgia das Horas, reformada com a Constituição Apostólica *Laudis Canticum* do Papa Paulo VI de 1 de novembro de 1970.

¹²¹ Na introdução de cada livro aprovado é dada breve e clara definição do Sacramento; Precisão sobre a sua instituição divina; Uma justificação bíblica que busca as figuras do Antigo Testamento, a definição do Sacramento no Evangelho e a doutrina dos Apóstolos no Novo Testamento; A ligação de cada sacramento com o mistério pascal; O desenvolvimento histórico de cada sacramento; Os ensinamentos dos pontífices a esse respeito; A estrutura litúrgica da celebração sacramental, especificando sua união com a Eucaristia; A determinação do Sujeito e do Ministro do Sacramento, e dos ofícios dos outros ministros e dos leigos; A precisão da matéria e forma e dos sinais e estrutura ritual; Os elementos catequéticos que devem ser assumidos na preparação e na mistagogia dos sacramentos; A determinação dos elementos que podem ser adaptados pelas diferentes Conferências Episcopais; A possibilidade de ritos que podem ser confiados a ministros não ordenados.

¹²² Cf. BONAÑO, Manuel Garrido **Grandes maestros y promotores del Movimiento Litúrgico**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2008, p. 25-31.

¹²³ Cf. IOe 2.

¹²⁴ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Sacrosanctum Concilium (Doravante SC). In: **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. São Paulo: Vozes, 1998, 50.

¹²⁵ Cf. SC 21.

¹²⁶ Cf. SC 34.

¹²⁷ Cf. BUGNINI, Annibale. **La reforma de la liturgia (1948-1975)**, p. 42-43.

¹²⁸ Cf. SC 15.

¹²⁹ Cf. SC 16.

¹³⁰ Cf. SC 17.

direção do Bispo”¹³¹. Crie-se também a Comissão de Música Sacra e a Comissão para a Arte Sacra¹³².

O *motu proprio* reafirma que “a direção da Liturgia, dentro dos limites estabelecidos compete apenas às Conferências Episcopais territoriais”¹³³. Depois da autoridade da Sé Apostólica, “a mais ninguém, ainda que seja sacerdote, será lícito acrescentar, suprimir ou mudar seja o que for em matéria litúrgica”¹³⁴. Assim, para executar a reforma constituíram-se então “órgãos permanentes nacionais e diocesanos para dirigir a atividade pastoral litúrgica e promover o apostolado litúrgico”¹³⁵.

De grande importância no processo de aplicação da Constituição litúrgica foi o *Consilium*. Presidido pelo cardeal Jaime Lercaro e secretariado pelo padre Bugnini, ao *Consilium* competia: a) sugerir o nome das pessoas que iriam formar os grupos de estudo para a revisão dos livros litúrgicos; b) acompanhar e coordenar o trabalho dos grupos de estudo; c) preparar com cuidado uma Instrução que esclarecesse o *motu proprio Sacram Liturgiam* e estabelecesse claramente as competências das autoridades eclesiásticas territoriais em relação à reforma dos ritos e dos livros litúrgicos; d) aplicar, de acordo com a carta e o espírito do Concílio que a aprovou, a Constituição, respondendo às propostas das Conferências Episcopais e aos problemas que surgissem na aplicação correta da Constituição. Os possíveis recursos contra as decisões do *Consilium* e a solução dos problemas especialmente delicados e sérios ou completamente novos deveriam ser encaminhados pelo *Consilium* ao Santo Padre¹³⁶.

A terceira tarefa entregue ao *Consilium* pelo Papa Paulo VI foi preparar com cuidado uma Instrução que esclarecesse o *motu proprio Sacram Liturgiam*. Esta missão foi cumprida com sucesso resultando na Instrução *Inter Oecumenici* (26/09/1964)¹³⁷. Através desta Instrução foi dada às dioceses a tarefa de dirigir a ação pastoral litúrgica em todo o território de sua competência e definida mais claramente a função das mesmas em matéria litúrgica, explicando

¹³¹ PAULO VI. *Motu proprio Sacram Liturgiam* (25 de janeiro de 1964), n. 2.

¹³² Cf. *Idem*.

¹³³ *Ibid.*, n. 10.

¹³⁴ *Ibid.*, n. 11.

¹³⁵ DELLA TORRE, Luigi. *Pastoral Litúrgica*, p. 917.

¹³⁶ Cf. BUGNINI, Annibale. **La reforma de la liturgia (1948-1975)**, p. 46.

¹³⁷ Preparada em seis meses, a Instrução *Inter Oecumenici* é o primeiro documento de fundamental importância para a reforma litúrgica pós-conciliar e para uma correta aplicação da *Sacrosanctum Concilium*. Foi aprovada em audiência concedida ao Cardeal Arcádio Maria Larraona, prefeito da sagrada Congregação para os Ritos, em 26 de setembro de 1964. Logo após, Paulo VI mandou que se publicasse e começasse a ser observada por todos aqueles a quem diz respeito, desde o dia 07 de março de 1965, primeiro domingo da Quaresma.

detalhadamente alguns princípios expressos nos documentos, além de permitir ou determinar coisas que podiam ser postas em práticas antes mesmo da reforma dos livros litúrgicos¹³⁸.

Sobre a Comissão Litúrgica junto da Assembleia dos Bispos¹³⁹, a Instrução pede que seja acolhida no próprio grêmio dos bispos e auxiliada por sacerdotes peritos em liturgia e pastoral. De forma resumida, as competências da comissão são: conhecer o estado da ação pastoral litúrgica na diocese; colocar em prática a reforma litúrgica; sugerir aos sacerdotes iniciativas práticas para fomentar a Liturgia; fazer um planejamento progressivo da ação pastoral litúrgica e recorrer à assessoria de pessoas competentes; fazer com que a pastoral litúrgica avance em colaboração com quem trabalha no campo bíblico, catequético, pastoral, sacro-musical e sacro-artístico e em todas as associações laicas¹⁴⁰. A mesma Instrução indica o que deve fazer a comissão litúrgica diocesana incentivada pela *Sacrosanctum Concilium* 45. Esta Comissão sob a orientação do bispo deve:

- a) tomar conhecimento da situação da ação pastoral litúrgica na diocese; b) pôr diligentemente em prática o que a autoridade competente propuser em matéria litúrgica, e ter em vista os estudos e iniciativas que noutros lugares se desenvolverem neste assunto; c) sugerir e promover todas as iniciativas práticas que possam contribuir para o progresso da Liturgia, especialmente para acorrer em auxílio dos sacerdotes que já trabalham na vinha do Senhor; d) em casos singulares, ou até para toda a diocese, sugerir oportunos e progressivos planos de trabalho pastoral litúrgico; indicar ou até chamar, sendo preciso, pessoas idôneas que possam prestar auxílio aos sacerdotes; e) prover a que na diocese as iniciativas que visam o incremento da Liturgia se desenvolvam de mútuo acordo e colaboração com as outras associações, à semelhança do que se disse para a Comissão instituída junto da Assembleia episcopal¹⁴¹.

Numa carta sobre o incremento da reforma litúrgica, enviada a todos os presidentes das Conferências Episcopais, o cardeal Jaime Lercaro reforça as faculdades dadas às Conferências Episcopais, ou aos Bispos e Ordinários para o zeloso incremento da Liturgia. É próprio do ministério dos episcopos o dever de “velar para que esta plenitude de vida não venha a enfraquecer, para que este rio ‘que alegra a cidade de Deus’ (Sl 45,5) não se perca em canais mortos, e corra o risco de secar”¹⁴². Numa nova carta do *Consilium* sobre alguns problemas da reforma litúrgica, o cardeal Lercaro confirma que toda decisão pertence ao Ordinário local que

¹³⁸ Cf. IOe 3.

¹³⁹ Cf. SC 44.

¹⁴⁰ Cf. IOe 44.

¹⁴¹ IOe 47.

¹⁴² SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS - CONSILIUM. Sobre o incremento da reforma litúrgica (30 de junho de 1965). In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **Enquirídio dos documentos da Reforma Litúrgica (EDREL)**. Fátima: Coimbra, 1998, n. 2301.

não pode delegá-la às Comissões litúrgicas diocesanas ou nacionais, menos ainda a cada presbítero. O cardeal reafirma, portanto, que “toda a liturgia deve depender da autoridade da Hierarquia”¹⁴³. Esta insistência é “para que desapareçam as iniciativas pessoais, prematuras, prejudiciais”¹⁴⁴, pois “não podem, por conseguinte dar frutos duradouros, mas, bem ao contrário, fazem mal à piedade do povo fiel e à renovação começada”¹⁴⁵.

1.4.1 Incremento da Ação Pastoral Litúrgica no magistério posterior ao Vaticano II: João Paulo II, Bento XVI e Francisco

Mesmo que o título dessa seção se apresente bem abrangente, não corresponde à intenção da mesma discorrer sobre tudo o que foi dimanado pelo Magistério da Igreja no Pós-Concílio, pois para isso seria necessário mais tempo. Servirá para lembrar que a renovação litúrgica da Igreja exigiu atividade constante por parte dos papas¹⁴⁶ que, após o período imediato à promulgação da *Sacrosanctum Concilium*, embora não tenham redigido novos documentos magisteriais de aplicação da Constituição, fizeram diversas e significativas intervenções que orientaram a reflexão e o compromisso pastoral. A seguir serão citados alguns textos que mostram brevemente essas atividades.

João Paulo II (1978-2005), por exemplo, escreveu várias vezes por ocasião do aniversário da *Sacrosanctum Concilium*: alocução ao Congresso das Comissões Nacionais de Liturgia, por ocasião das comemorações do 20º aniversário (27/10/1984); Carta Apostólica *Vicesimus Quintus Annus* (04/12/1988); carta Apostólica *Spiritus et Sponsa* (4/12/2003); além de outros textos, quase desconhecidos que não há possibilidade de serem mencionados nessa parte da pesquisa, mas são contribuições importantes que muitas vezes tiveram o mesmo destino das Instruções¹⁴⁷.

¹⁴³ SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS – CONSILIIUM. Carta sobre alguns problemas da reforma litúrgica (25 de janeiro de 1966). In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **Enquirídio dos documentos da Reforma Litúrgica (EDREL)**. Fátima: Coimbra, 1998, n. 2350.

¹⁴⁴ SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS - CONSILIIUM. Sobre o incremento da reforma litúrgica (30 de junho de 1965), n. 3.

¹⁴⁵ Ibid., nn. 3; 1.

¹⁴⁶ Cf. CASTRILLÓN, Diego Alberto Uribe. La renovación litúrgica en el magisterio posterior al concilio. **Cuestiones Teológicas**, v. 42, n. 97, p. 133 - 155, nov. 2015, p. 140. Disponível em: <<https://revistas.upb.edu.co/index.php/cuestiones/article/view/5574>>. Acesso em: 05 de maio de 2018.

¹⁴⁷ Terminada a fase geral das grandes Instruções pós-conciliares, houve um período de experiência prática, que exigia necessariamente um notável espaço de tempo. Com a Carta Apostólica *Vicesimus quintus annus* de 4 de dezembro de 1988 de João Paulo II, que comemorava o 25º aniversário da Constituição Conciliar, iniciou-se uma nova fase de uma gradual avaliação, de conclusão e de consolidação. A 25 de Janeiro de 1994, a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos fez progredir mais uma vez esse processo com a publicação da quarta Instrução para a reta Aplicação da Constituição da sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II, a *Varietatis legitimae*, que trata das questões difíceis acerca da Liturgia romana e da inculturação. Em seguida: *Liturgiam*

Os três textos comemorativos mencionados acima possuem temas comuns analisados por João Paulo II que aproveitou cada ocasião para refletir acerca da reestruturação da Liturgia na linha de compreensão do Concílio. Nas três ocasiões o pontífice avaliou elencando aspectos positivos e também negativos no processo de reforma, reconheceu alguns desvios que criaram e criam desconcerto e tensões no meio do povo de Deus e propôs a redescoberta das temáticas de base da renovação litúrgica desejada pelos Padres do Concílio (princípio da atualização do Mistério pascal de Cristo na liturgia da Igreja; princípio da presença da Palavra de Deus; princípio da manifestação da Igreja a si própria - Liturgia epifania da Igreja) para verificar de certa forma a sua recepção e lançar o olhar para o futuro¹⁴⁸.

Com relação aos organismos responsáveis da renovação litúrgica, João Paulo II destacou que “o múnus de promover a renovação da Liturgia compete, em primeiro lugar, à Sé Apostólica através da Congregação para o Culto Divino e da Disciplina dos Sacramentos. Este Dicastério tem a tarefa de regular e promover a Liturgia encorajando a ação pastoral litúrgica e apoiando os organismos que se dedicam ao apostolado litúrgico (música, canto, arte sacra) e vigiando sobre a disciplina sacramental¹⁴⁹. João Paulo II pede aos Bispos que constituam e encorajem as comissões diocesanas para desempenharem suas funções contribuindo para promover a ação litúrgica. Aos bispos compete incrementar a vida litúrgica no âmbito das comunidades, através de uma formação adequada do clero, e especialmente dos jovens seminaristas, e de todos os fiéis¹⁵⁰.

authenticam (25/04/2001) desenvolve alguns aspectos do uso da língua litúrgica, que continua a ser o latim e com precisões muito importantes sobre o uso dos Missais antes da reforma de 1970 e a sua nova versão do ano 2000; *Ecclesia de Eucharistia* (17/04/2003): extensa e muito clara exposição do Mistério central da fé, com referências decisivas à essência do Sacramento à forma de sua celebração, às implicações pastorais e a adoração que a Eucaristia merece; *Reconciliatio poenitentia* (2/12/1984): reflete sobre o Sínodo da Penitência, e propõe elementos muito importantes sobre a celebração litúrgica do sacramento; *Pastores Dabo Vobis* (25/03/1992): contém a recomendação sobre a formação litúrgica em seminários; *Pastoris Gregis* (16/10/2003): sobre o ministério pastoral dos Bispos, com referências explícitas ao ministério litúrgico e ao dever dos Bispos de celebrar e guardar a celebração litúrgica (Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução para a reta Aplicação da Constituição sobre a sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II, Liturgiam authenticam.** Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20010507_comunicato-stampa_po.html. Acesso: 05/04/2018.

¹⁴⁸ Cf. JOÃO PAULO II. Alocução no XX aniversário da Constituição Sacrosanctum Concilium (27 de outubro de 1984), nn. 3; 4; VQA 14; JOÃO PAULO II. Carta **Apostólica Spiritus et Sponsa no XL aniversário da Constituição Sacrosanctum Concilium** (Doravante SetS), nn. 1; 15. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 05/04/2018.

¹⁴⁹ Cf. VQA 19; 21; JOÃO PAULO II. Alocução no XX aniversário da Constituição Sacrosanctum Concilium (27 de outubro de 1984), n. 6.

¹⁵⁰ Cf. JOÃO PAULO II. Alocução no XX aniversário da Constituição Sacrosanctum Concilium (27 de outubro de 1984), 5; 6; SetS 7.

Ao tratar da pastoral litúrgica, o papa é categórico afirmando que ela constitui um dever e uma tarefa permanente que tem como objetivos primeiros a fé que leva à caridade e à adoração, o louvor ao Pai e o silêncio de contemplação. Sintonizada com a plena fidelidade às mudanças propostas pela renovação conciliar e desafiada a enfrentar as transformações sociais que puseram à prova o compromisso eclesial e a liturgia, a pastoral litúrgica tem como missão inculcar o gosto pela oração considerando as capacidades dos fiéis singularmente, suas distintas condições de idade e cultura¹⁵¹.

João Paulo II, admitindo que o esforço pela renovação litúrgica deva corresponder às exigências do tempo corrente, apresentou tarefas concernentes à pastoral litúrgica: formação bíblica e litúrgica do povo de Deus, dos pastores e dos fiéis; adaptação da Liturgia às diferentes culturas com a consciência daquilo que é imutável, por ser de instituição divina, e das partes que são susceptíveis de mudança; por fim, o papa diz que para salvaguardar a reforma e garantir o incremento da Liturgia é necessário ter em conta a piedade popular cristã e sua relação com a vida litúrgica¹⁵².

Bento XVI (2005-2013 - renunciou) caracterizou seu pontificado prestando especial atenção à Liturgia, especialmente por meio de uma revisão da aplicação do Concílio. O magistério litúrgico de Bento XVI tratou de destacar a figura de Cristo como princípio da liturgia que só é possível por causa da sua presença¹⁵³. Dois documentos serão rapidamente revisados nesta parte da presente pesquisa na tentativa de ilustrar a caracterização desse pontificado e mostrar suas necessárias precisões e clarificações que fazem evidente a constante necessidade de cuidar e conhecer a liturgia: Exortação Apostólica *Sacramentum Charitatis* (2007), com as reflexões e conclusões do Sínodo sobre a Eucaristia; e a Exortação Apostólica *Verbum Domini* (2010) em que se recorda a centralidade da Palavra Divina proclamada na Liturgia.

A Exortação Apostólica *Sacramentum Charitatis* (SCa) reúne os resultados das reflexões da XI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que decorreu de 2 a 23 de outubro de 2005 no Vaticano. No n. 37 deste documento, o pontífice diz que “a liturgia eucarística é essencialmente ação de Deus (*actio Dei*) que nos envolve em Jesus por meio do Espírito” e que “o seu fundamento não está à mercê do nosso arbítrio e não pode suportar a

¹⁵¹ Cf. VQA 15; 16; 17; 18; SetS 15.

¹⁵² Cf. VQA 15; 16; 17; 18; SetS 15.

¹⁵³ Cf. VALOR, Juan José Silvestre. El legado litúrgico de Benedicto XVI. **Phase: revista de pastoral litúrgica**, Barcelona – ESP. n. 315, mayo-junio, 2013, p. 335-342, 2013, p. 338.

chantagem das modas passageiras”. Bento XVI reverbera a recomendação do sínodo sobre a necessidade de superar toda e qualquer separação entre a arte da celebração e a participação plena, ativa e frutuosa de todos os fiéis: com efeito, o primeiro modo de favorecer a participação do povo de Deus no rito sagrado é a condigna celebração do mesmo¹⁵⁴.

A arte de celebrar “resulta da fiel obediência às normas litúrgicas na sua integridade, pois é precisamente este modo de celebrar que, há dois mil anos, garante a vida de fé de todos os crentes”¹⁵⁵, enfatiza o papa. Referindo-se aos que receberam o sacramento da Ordem (Bispos, sacerdotes e diáconos), Bento XVI diz que a estes compete a correta *ars celebrandi*, além de terem a celebração como o seu dever principal¹⁵⁶. O bispo diocesano é o liturgista por excelência da sua Igreja, com a missão de salvaguardar a unidade das celebrações na sua diocese com a preocupação de “fazer com que os presbíteros, os diáconos e os fiéis compreendam cada vez melhor o sentido autêntico dos ritos e dos textos litúrgicos, levando-os deste modo a uma ativa e frutuosa celebração da Eucaristia”¹⁵⁷.

Em tom de revisão e em estreita relação de continuidade com seus predecessores, Bento XVI cobra o respeito pelos livros litúrgicos e pela riqueza dos sinais¹⁵⁸. “A celebração eucarística é frutuosa quando os sacerdotes e os responsáveis da pastoral litúrgica se esforçam por dar a conhecer os livros litúrgicos em vigor e as respectivas normas”¹⁵⁹. Para uma correta arte da celebração, o papa pede atenção a todas as formas de linguagem previstas pela liturgia (palavra e canto, gestos e silêncios, movimento do corpo, cores litúrgicas dos paramentos), pois “situados na ordem e nos momentos previstos, comunicam e cativam mais do que o artificialismo de adições inoportunas”¹⁶⁰. Sendo a participação ativa uma “maior consciência do mistério que é celebrado e da sua relação com a vida quotidiana”¹⁶¹, para se chegar ao patamar que supera todo artificialismo é necessário a instrução dos fiéis.

A XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (5 a 26 de outubro de 2008, Roma) teve como fruto a Exortação Apostólica pós-sinodal intitulada *Verbum Domini* (VD),

¹⁵⁴ Cf. BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis (22 de fevereiro de 2007**. Doravante SCa), 38. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben_xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html. Acesso em: 15/10/2018.

¹⁵⁵ Idem.

¹⁵⁶ Cf. SCa 39.

¹⁵⁷ SCa 39.

¹⁵⁸ Cf. SCa 40.

¹⁵⁹ SCa 40.

¹⁶⁰ Idem.

¹⁶¹ SCa 52.

assinada por Bento XVI no dia 30 de setembro de 2010 e publicada a 11 de novembro de 2010. A Exortação aprofunda o tema da Palavra divina com uma dupla tarefa: verificar a realização das indicações conciliares e “enfrentar os novos desafios que o tempo presente coloca a quem acredita em Cristo”¹⁶². Além disso, nota-se como desejo da Exortação influenciar “a relação pessoal com as Sagradas Escrituras, sobre sua interpretação na liturgia e na catequese bem como na investigação científica, para que a Bíblia não permaneça uma Palavra do passado, mas uma Palavra viva e atual”¹⁶³.

As Constituições conciliares *Sacrosanctum Concilium* e *Dei Verbum* falam da Palavra, da sua relação vital com a liturgia e da veneração que a Igreja sempre teve pela mesma. O primeiro documento diz que [...]

[...] na celebração litúrgica é máxima a importância da Sagrada Escritura. Pois dela são lidas as lições e explicadas na homilia e cantam-se os salmos. É de sua inspiração e bafejo que surgiram as preces, orações e hinos litúrgicos. E é dela também que os atos e sinais tomam a sua significação. Portanto, para cuidar da reforma, progresso e adaptação da Sagrada Liturgia, é necessário que se promova aquele suave e vivo afeto pela Sagrada Escritura que é confirmado pela venerável tradição dos ritos, tanto orientais como ocidentais¹⁶⁴.

Então,

[...] nas celebrações litúrgicas restaure-se a leitura da Sagrada Escritura mais abundante, variada e apropriada” para que “apareça claramente que na Liturgia as cerimônias e as palavras estão intimamente conexas¹⁶⁵.

A Constituição Dogmática *Dei Verbum*, lembra que:

A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na Sagrada Liturgia, de se alimentar com o pão da vida e de o distribuir aos fiéis tanto da mesa da Palavra de Deus como da do Corpo de Cristo¹⁶⁶.

Nesta Exortação, o Papa Bento XVI retomando a *Sacrosanctum Concilium*, a *Dei Verbum* e outros documentos do Magistério, nos números 52-71, repete que cada ação litúrgica

¹⁶² BENTO XVI. **Exortação Apostólica pós-sinodal** Verbum Domini (Doravante VD). Brasília: Edições CNBB, 2010, 3.

¹⁶³ VD 5.

¹⁶⁴ SC 24.

¹⁶⁵ SC 35.

¹⁶⁶ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum Sobre A Revelação Divina (Doravante DV). In: **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. São Paulo: Vozes, 1998, 21.

está impregnada da Sagrada Escritura e que nelas a Liturgia busca inspiração. A liturgia é o lugar privilegiado da Palavra de Deus. A Palavra é quem dá pleno sentido à ação litúrgica e para compreendê-la “é necessário entender e viver o valor essencial da ação litúrgica”¹⁶⁷. “A Sagrada Escritura deve ter sempre como ponto de referência a Liturgia, onde a Palavra de Deus é celebrada como Palavra viva e atual”¹⁶⁸. A Exortação elucida que “os sacramentos e sacramentais supõem no primeiro momento a proclamação da Palavra, em que Deus fala hoje por meio da liturgia celebrada”¹⁶⁹ por isso “entre Palavra e ação não há separação”¹⁷⁰, mas uma conexão íntima com a liturgia, com os Sacramentos, para os quais a mesma encaminha e de maneira particular com a Eucaristia.

A *Verbum Domini*, mesmo não apresentando nenhuma novidade de conteúdo teológico e litúrgico, torna-se importante porque retoma um tema amplamente discutido no Concílio Vaticano II que é o da doutrina da presença de Cristo na ação litúrgica. A Sacrosanctum Concilium no n. 7 diz que quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja é o Cristo mesmo que fala¹⁷¹. Retomando este princípio conciliar a *Verbum Domini* diz que Cristo está presente na Palavra proclamada na Liturgia como está presente nas espécies do pão e do vinho¹⁷². Nesse sentido mesa da Palavra e mesa eucarística não formam duas mesas, mas uma só - palavra na ação litúrgica e Cristo na Palavra – com uma só presença “porque o centro e a plenitude de toda a Escritura é o Cristo”¹⁷³.

Bento XVI faz lembrar o motivo cristológico como sustentação da primazia da Palavra, pois “a leitura da Palavra é um sinal da presença de Cristo na assembleia”¹⁷⁴. O princípio ativo da liturgia da Palavra é o Cristo que “santifica os homens e presta ao Pai o culto perfeito”¹⁷⁵. Ele estando presente em sua Palavra torna-se presente também nos que a escutam “com sua força salvadora e sua virtude transformadora, para além do espaço e do tempo”¹⁷⁶.

¹⁶⁷ VD 52.

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ COSTA, Valeriano Santos. **Viver a ritualidade como momento histórico da salvação**: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 27.

¹⁷⁰ Idem.

¹⁷¹ Cf. SC 7.

¹⁷² VD 56.

¹⁷³ ALDAZÁBAL, José. **A mesa da Palavra I**: elenco das leituras da missa: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 5, p. 18.

¹⁷⁴ MALDONADO, Luís; FERNÁNDEZ, Pedro. A celebração litúrgica: fenomenologia da celebração. In: BOROBIÓ, Dionísio. (org.). **A celebração na Igreja**. v.1 São Paulo: Loyola, 1990, p. 189.

¹⁷⁵ CNBB. **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário**. Brasília: Edições CNBB, 2008, p. 194.

¹⁷⁶ BOROBIÓ, Dionísio. **Celebrar para viver**: Liturgia e Sacramentos da Igreja. São Paulo: Loyola, 2009, p. 236-237.

Trata-se, portanto, de uma presença pessoal, dinâmica, salvadora, do Cristo, que primeiro se dá como Palavra e depois como alimento eucarístico¹⁷⁷. Não é uma presença abstrata, mas é o Verbo que se encarnou e que agora está presente com toda sua realidade histórica e divina através da Palavra¹⁷⁸. Esta Palavra que procede da boca de Deus na liturgia se converte em um acontecimento novo que ganha nova interpretação e eficácia¹⁷⁹.

Na celebração dos Sacramentos e em todas as ações litúrgicas, fica claro que a Liturgia da Palavra é um elemento decisivo que junto com os gestos esclarecem a unidade destas realidades inseparáveis. Por isso a Exortação diz que é dever dos sacerdotes e diáconos, evidenciarem a unidade que formam Palavra e Sacramento¹⁸⁰. Os ministros ordenados devem indicar de modo persuasivo “que o que as escrituras narram e anunciam está acontecendo aqui e agora para esta assembleia (sic) do Senhor Jesus, povo de Deus”¹⁸¹. Esta unidade revela o agir atual de Deus na história da salvação e na vida pessoal através da sua Palavra. Decisivamente a insistência é a de que a Palavra não pode deixar de ser proclamada em nenhuma das celebrações dos Sacramentos. Ela deve estar presente para confortar, amparar, curar e recordar “a atenção dada por Jesus aos doentes”¹⁸², e a todos que a Ele recorrem, em particular nas liturgias. Desse modo, portanto, ela constitui “uma mediação sacramental da presença de Deus e do Senhor Jesus do falar d’Eles à assembleia (sic)”¹⁸³.

Não fica difícil pensar no tema do incremento a partir da *Verbum Domini* quando o Papa Bento XVI exorta “todos os fiéis a redescobrirem o encontro pessoal e comunitário com Cristo, Verbo da Vida que se tornou visível, a fazerem-se anunciadores para que o dom da vida divina, a comunhão, se dilate cada vez mais”¹⁸⁴; quando se pode esperar maior empenho na preparação da homilia e uma qualidade alta religiosamente que vai além da interpretação dos textos bíblicos, mas inspirando-se neles, para oferecer aos ouvintes uma interpretação de fé do que está acontecendo na celebração¹⁸⁵.

¹⁷⁷ Cf. ALDAZÁBAL, José. **A mesa da Palavra I**: elenco das leituras da missa: texto e comentário, p. 17.

¹⁷⁸ Cf. PALUDO, Faustino; D’ANNIBALE, Miguel Angel. A Palavra de Deus na Celebração. A Palavra de Deus na Celebração. In: CELAM. **Manual de liturgia. Vol. II: A Celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos**. São Paulo: Paulus, 2007, p. 156.

¹⁷⁹ Cf. ALDAZÁBAL, José. **A mesa da Palavra I**: elenco das leituras da missa: texto e comentário, p. 14.

¹⁸⁰ VD 53.

¹⁸¹ BISCONTIN, Chino. **Pregar a Palavra**: a ciência e a arte da pregação. Brasília: Edições CNBB, 2015, p. 322-323.

¹⁸² VD 61.

¹⁸³ BISCONTIN, Chino. **Pregar a Palavra**: a ciência e a arte da pregação, p. 323-324.

¹⁸⁴ VD 2.

¹⁸⁵ Cf. BISCONTIN, Chino. **Pregar a Palavra**: a ciência e a arte da pregação, p. 323-324.

Dirijo uma saudação cheia de afeto e profunda gratidão ao meu venerado Predecessor Bento XVI que, durante estes anos de Pontificado, enriqueceu e revigorou a Igreja com o seu magistério, a sua bondade, a sua orientação, a sua fé, a sua humildade e a sua mansidão. Estas continuarão a ser um patrimônio espiritual para todos. O ministério petrino, vivido com dedicação total, teve nele um intérprete sábio e humilde, com os olhos sempre fixos em Cristo, Cristo ressuscitado, presente e vivo na Eucaristia. Não cessarão jamais de o acompanhar a nossa oração fervorosa, a nossa viva lembrança, a nossa imorredoura e afetuosa gratidão. Sentimos que Bento XVI acendeu no fundo dos nossos corações uma chama: esta vai continuar a arder, porque será alimentada pela sua oração, que sustentará a Igreja no seu caminho espiritual e missionário¹⁸⁶.

O Papa Francisco, que na citação acima recorda algumas das linhas mestras do magistério de Bento XVI, ainda não escreveu nenhum documento sobre liturgia especificamente, mas seus gestos, atitudes e palavras criam um clima de renovação e de reconciliação da Igreja com a primavera iniciada no Concílio Vaticano II que ele considera “uma releitura do Evangelho à luz da cultura contemporânea”¹⁸⁷. Para Francisco, “o trabalho da reforma litúrgica foi um serviço ao povo como releitura do Evangelho a partir de uma situação histórica concreta”¹⁸⁸; e, apesar das linhas de hermenêutica de continuidade e de descontinuidade, esta releitura baseada na dinâmica de leitura do Evangelho no hoje, própria do Concílio, “é absolutamente irreversível”¹⁸⁹.

No seu primeiro documento, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (24 de novembro de 2013), resumo do Sínodo dos Bispos de 2012, sobre a Nova Evangelização, chama a atenção a ausência de uma referência explícita à liturgia como fonte e cume para o qual a evangelização deve apontar, embora seja reconhecida como a oração pública da Igreja e como algo de beleza atrativa. Mas sobre isso, Francisco informa no último capítulo do mesmo documento considerado como uma declaração programática¹⁹⁰ do seu pontificado:

Neste último capítulo, não vou oferecer uma síntese da espiritualidade cristã, nem desenvolverei grandes temas como a oração, a adoração eucarística ou a celebração da fé, sobre os quais já possuímos preciosos textos do Magistério e escritos célebres de grandes autores. Não pretendo substituir nem superar

¹⁸⁶ FRANCISCO. **Discurso aos membros do Colégio Cardinalício (Sala Clementina, 15 de março de 2013)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130315_cardinali.html. Acesso em: 28/06/2018.

¹⁸⁷ FRANCISCO. **Entrevista exclusiva ao pe. Antonio Spadaro, SJ, diretor da revista de La Civiltà Cattolica**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013, p. 25.

¹⁸⁸ Ibid., p. 26.

¹⁸⁹ Ibid., p. 26.

¹⁹⁰ Cf. FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: A alegria do Evangelho**. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013, 25. (Doravante EG).

tanta riqueza. Limitar-me-ei simplesmente a propor algumas reflexões acerca do espírito da nova evangelização¹⁹¹.

Da supracitada declaração/afirmação de Francisco se pode intuir sua apreciação e desejo de continuidade incondicional a todo o processo de renovação incrementado até o presente momento sem rupturas que não representem o aprimoramento do projeto conciliar¹⁹². Embora seja inegável a escassez de menção explícita da liturgia que aparece somente cinco vezes durante quatro artigos da *Evangelii Gaudium*¹⁹³, o que leva a imaginar que a exortação não tem muito a ver com a liturgia, se pode analisar seus efeitos aplicativos em cada uma das celebrações da Igreja, em particular na Eucaristia, afinal a alegria de evangelizar não pode apartar-se da alegria de celebrar¹⁹⁴. “O texto programático de Francisco apresenta uma visão eclesial de uma Igreja em missão – como um hospital de campanha – de um jeito que atrai uma renovada atenção à relação entre liturgia e vida, e entre liturgia e cultura”¹⁹⁵.

Na *Evangelii Gaudium*, o bispo de Roma, a partir do texto de Mateus 28,19-20, lembra que evangelizar significa sair¹⁹⁶; anunciar o Evangelho com alegria; primeiro dando prioridade ao amor e à misericórdia¹⁹⁷; envolver-se com a realidade; acompanhar com paciência, o processo de conversão e resposta de cada um; dar fruto; celebrar com alegria cada encontro na fé¹⁹⁸. Isto tudo indica que evangelização implica a celebração¹⁹⁹ e leva a pensar na tarefa da pastoral litúrgica de dedicar-se no intento de expressar a qualidade mistagógica da celebração introduzindo os participantes à fé no mistério que se celebra. Para isso será necessário, como diz o Papa, “abandonar o confortável critério pastoral do ‘sempre foi feito dessa maneira’, sendo mais ousado e criativo, sem distorcer a forma, o significado e o conteúdo da própria celebração”²⁰⁰.

¹⁹¹ EG 260.

¹⁹² Cf. FRANCISCO. **Entrevista exclusiva ao pe. Antonio Spadaro, SJ, diretor da revista de La Civiltà Cattolica**, p. 26.

¹⁹³ Cf. EG 24; 95; 135; 138.

¹⁹⁴ Cf. EG 1; 3; 5; 12; 13.

¹⁹⁵ GRILLO, Andrea. **Evangelii Gaudium promove a liturgia autêntica: Um ponto de inflexão em direção à sexta Instrução sobre a Reforma da Liturgia?** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/551813-evangelii-gaudium-promove-a-liturgia-autentica-um-ponto-de-inflexao-em-direcao-a-sexta-instrucao-sobre-a-reforma-da-liturgia-artigo-de-andrea-grillo>. Acesso: 15/12/2017.

¹⁹⁶ Cf. EG 20.

¹⁹⁷ Cf. EG 24.

¹⁹⁸ Cf. Idem.

¹⁹⁹ Cf. BOROBIO, Dionisio. Implicaciones sacramentais da Evangelii Gaudium. **Phase: revista de pastoral litúrgica**, Barcelona – ESP. n. 321, mayo-junio, 2014, p. 241.

²⁰⁰ EG 33.

A nova evangelização redundava em implicações exigentes também para aqueles que presidem. Destes o papa exige que atuem na celebração com uma atitude evangelizadora superando todo ritualismo e os moldes do estabelecido por uma renovação das formas de expressão necessária para transmitir ao homem de hoje a mensagem evangélica no seu significado imutável²⁰¹. Francisco insiste para que haja pregação em cada Eucaristia²⁰²; ela deve tornar-se cada vez mais o coração de toda a atividade eclesial, pois a Palavra ouvida e celebrada prepara para a recepção dos sacramentos alimenta e reforça interiormente os cristãos para darem testemunho na vida diária²⁰³.

Não há dúvida de que todas estas exigências, panoramicamente apresentadas aqui, não têm outra finalidade senão a de fazer perceber a beleza do Evangelho e fazê-la acolher por todos²⁰⁴. É fato que o desejo de Francisco se volta para uma participação que ressoe nos participantes movidos pela eloquência dos sinais que comova o coração e que supera toda doutrinação ou moralismo. Nota-se que para o papa este é um desafio de conversão pastoral que afeta, compete e implica todos os que creem no Evangelho. É uma tarefa permanente²⁰⁵.

1.4.2 Incremento da ação pastoral litúrgica segundo as Conclusões das Conferências Episcopais Latino-Americanas

A proposta do Vaticano II funcionou na América Latina como inspiração e não mais como padrão a ser simplesmente copiado. De fato, até Medellín, a Igreja no Continente era uma réplica da Igreja europeia, em seu modo de organização, em sua problemática teológica e em suas propostas pastorais²⁰⁶. Medellín constituiu-se numa palavra própria que gerou uma fisionomia autóctone, e não somente um reflexo da Igreja romana, senão uma fonte inspiradora e programática para a América Latina²⁰⁷ e os seus Documentos “representam o ato de fundação da Igreja da América Latina (AL) a partir e em função de seus povos e de suas culturas”²⁰⁸.

Um inegável fruto de Medellín é a colegialidade do episcopado. Os bispos “dinamizados por diversos movimentos de atualização teológico-pastoral, pelo clima do

²⁰¹ Cf. EG 41.

²⁰² Cf. EG 139.

²⁰³ Cf. EG 174.

²⁰⁴ Cf. EG 42; 43.

²⁰⁵ Cf. EG 25.

²⁰⁶ Cf. BOFF, Clodovis. **A originalidade histórica de Medellín**. Disponível em: <http://servicioskoinonia.org/relat/203p.htm>. Acesso em: 09/05/2018.

²⁰⁷ Cf. BRIGHENTI, Agenor. Vaticano II - Medellín: intuições básicas e eixos fundamentais. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis. vol. 69, fasc. 273, janeiro de 2009, p. 21.

²⁰⁸ Cf. BOFF, Clodovis. **A originalidade histórica de Medellín**.

pontificado de João XXIII e pelo Concílio Vaticano II, passaram por uma progressiva mudança de mentalidade e, conseqüentemente, de compromissos²⁰⁹ mostrando-se sensíveis aos clamores do povo interpretando seus desejos e fazendo ecoar suas vozes. O episcopado latino-americano traduziu a vida de toda a Igreja nesta parte do mundo com originalidade e criatividade sem igual a partir da situação concreta dos povos ressaltando a identidade dos mesmos²¹⁰.

Neste processo, muito próprio do Magistério Latino-Americano, é justo reconhecer a presença do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) como um veículo privilegiado, através do qual se criou uma verdadeira solidariedade entre a Ameríndia e o Caribe. Graças à existência do CELAM, a renovação conciliar no continente latino-americano foi pensada por todas as Igrejas particulares católico-romanas em conjunto, a partir de Medellín (1968)²¹¹. A criação deste organismo fortaleceu a afirmação da identidade/personalidade e responsabilidade específica da Igreja nestas duas partes do mundo de tal forma que “a história recente da Igreja na América Latina [e Caribe] não pode ser entendida sem essas Conferências Gerais”²¹².

Convocada corajosamente por Paulo VI, mas inaugurada pelo seu sucessor João Paulo II, a Conferência de Puebla (1979) se dá em um contexto político deteriorado a partir de 1968. Aumentava o abismo entre ricos e pobres, proliferavam-se os regimes militares e os modelos econômicos que sedimentavam a situação de miséria e de dependência devidos à forte concentração de renda nas mãos de uma minoria. Os direitos humanos eram violados através da escancarada perseguição a lideranças de todos os setores da vida social, inclusive das CEB's²¹³.

“A Conferência de Santo Domingo coincidiu com a comemoração dos 500 anos da conquista da América. O tema da Conferência era Nova Evangelização, promoção humana

²⁰⁹ Cf. MARINS, José. (Org.). **De Medellín a Puebla: a práxis dos padres da América Latina**, p. 17.

²¹⁰ Cf. SÁNCHEZ, Víctor. La liturgia en el magistério latinoamericano: de Medellín a Aparecida. **Phase: revista de pastoral litúrgica**, Barcelona – ESP. n. 315, mayo-junio, 2013, p. 250.

²¹¹ Cf. BUYST, Ione. **Teologia e liturgia na perspectiva da América Latina: avanços e desafios**. In: Tear Online. São Leopoldo. v. 1 n.1, p. 16-39 jan-jun. 2012, p. 26. Disponível em: <http://est.tempsite.ws/periodicos/index.php/tear/article/view/331/318>. Acesso em: 19/04/2018.

²¹² GODOY, Manoel. Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015, p. 209.

²¹³ Cf. SARANYANA, Josep-Ignasi. **Cem anos de Teologia na América Latina (1899-2001)**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2005, p. 117.

cultura cristã”²¹⁴. Ela conseguiu segurar avanços essenciais das conferências anteriores e marcou sua visão interpretativa da virada conciliar como imperativo da inculturação²¹⁵. A redescoberta da presença das diversas culturas que se unem no continente e sua discussão temática estava ganhando espaço como campo de estudo e exigia por parte da Igreja uma decidida e diferenciada ação pastoral²¹⁶. Este fato fez com que Santo Domingo reconhecesse a pluralidade das expressões de fé inculturada na realidade urbana e nas culturas afro-ameríndias e assumisse de modo positivo a religião do povo²¹⁷. Atribuem-se como marcas pastorais de Santo Domingo: “o protagonismo laical, a nova evangelização inculturada, maior integração do povo latino-americano e caribenho; tudo isso somado à reafirmação das Conferências de Medellín e Puebla”²¹⁸.

De Medellín (1968) a Aparecida (2007), a América Latina “passou por mudanças profundas em todos os setores da vida social, política, econômica, cultura e religiosa”²¹⁹. Este último aspecto (religioso) inquietou bastante os bispos reunidos em Aparecida: o recuo estatístico dos católicos da Igreja, distância do número do clero cada vez mais do crescimento das populações²²⁰, levou Aparecida a realizar sua reflexão sob o enfoque missionário: Discípulos missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida. A Conferência “reconheceu a necessidade de a Igreja ‘repensar profundamente e relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais’”²²¹. Repensar a missão no contexto cinquentenário do Concílio Vaticano II (1962-1965) significa aprofundar a origem e alcance da “natureza missionária”²²² de todos os batizados.

²¹⁴ SUESS, Paulo. A virada popular inibida. Proposta missionária do Vaticano II no cinquentenário de sua abertura à luz da pastoral latino-americana. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 69, fasc. 288, outubro, 2012, p. 850.

²¹⁵ Cf. CELAM. Documento de Santo Domingo (Doravante DSD). In: **Documentos do CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo**. São Paulo: Paulus, 2004, 13; 243.

²¹⁶ Cf. SÁNCHEZ, Víctor. La liturgia en el magistério latinoamericano: de Medellín a Aparecida, p. 264.

²¹⁷ Cf. BOMBONATTO, Vera Ivanise. **Liturgias, celebración y Eucaristía**. In: VVAA. Aparecida, Renacer de una esperanza. Fundação Ameríndia, 2007, p. 241. Disponível em: www.amerindiaenlared.org. Acesso em: 20/05/2018.

²¹⁸ GODOY, Manoel. Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, p. 215.

²¹⁹ Idem.

²²⁰ Cf. CELAM. **Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus, Paulinas, 2008, 100a. (Doravante DAp)

²²¹ SUESS, Paulo. A virada popular inibida. Proposta missionária do Vaticano II no cinquentenário de sua abertura à luz da pastoral latino-americana, p. 835; cf. DAp 11.

²²² AG 2.

1.4.2.1 Medellín: celebrar a partir dos acontecimentos dos fatos da vida

Ao tratar do tema do incremento da liturgia na Conferência de Medellín (1968), cabe dizer que ela “faz uma releitura da *Sacrosanctum Concilium* para o contexto social”²²³, e “inaugura a fundamentação teológica e pastoral da liturgia ao afirmar que a presença do mistério da salvação na história humana culmina na celebração litúrgica das comunidades”²²⁴. Na verdade, Medellín, além da Constituição Litúrgica, faz sua explanação litúrgica, revisando toda a doutrina do Concílio Vaticano II, principalmente à luz da Constituição pastoral *Gaudium et Spes* e a Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*²²⁵ que dão a fundamentação da Liturgia para Medellín.

A Conferência reconhece que há uma pluralidade na renovação litúrgica visível nas diferenças quanto à sua aplicação realizada com crescentes esforços em algumas regiões e em outras de maneira mais franzina. Os resultados são tidos como insuficientes. O elemento cultural diversificado “provoca difíceis problemas de aplicação (línguas, sinais)”²²⁶. Os Bispos avaliaram que ainda não se tinha uma “mentalidade importante sobre o conteúdo da reforma”²²⁷ e que a liturgia não estava integrada organicamente na educação religiosa²²⁸. O desafio da educação litúrgica em Medellín é destacado como indispensável para o incremento da reforma²²⁹: catequese prévia sobre o mistério cristão e sua expressão litúrgica²³⁰; adaptação da liturgia ao gênio das diversas culturas encarnando-se nele²³¹; acolhida positiva da pluralidade na unidade, evitando eleger a uniformidade como princípio²³²; manter-se numa situação dinâmica que acompanhe tudo o que houver de são no processo de evolução da humanidade²³³; conduzir a uma experiência vital da união entre a fé, a liturgia e a vida cotidiana, em virtude da qual chegue o cristão ao testemunho de Cristo²³⁴.

²²³ DA SILVA, José Arioaldo. A celebração do Mistério de Cristo ao longo da história: panorama histórico geral da liturgia. In: CELAM. **Manual de Liturgia. A celebração do mistério pascal**: outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja. São Paulo: Paulus, 2007, p. 510.

²²⁴ ABREU, Elza Helena de. Formação litúrgica à luz das intuições de Medellín. In: CNBB. **Liturgia e profecia**: 50 anos de Medellín. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 50.

²²⁵ FRADE, Gabriel dos Santos. Medellín e a liturgia. In: SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson, (Orgs.). **Medellín**: memória, profetismo e esperança na América Latina. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 278.

²²⁶ DM 9,1.

²²⁷ Idem.

²²⁸ Cf. Idem.

²²⁹ Cf. DM 9,7.

²³⁰ Cf. SC 9; 35, §3.

²³¹ Cf. SC 37; AG 22; GS 44.

²³² Cf. SC 37; LG 13.

²³³ Cf. GS 1; 42.

²³⁴ Cf. SC 11; 48.

No campo das recomendações, Medellín segue o Concílio Vaticano II, obviamente, e faz uma autocrítica do momento²³⁵ em que “o bispo nem sempre exerce de forma eficaz seu papel litúrgico, de promotor, regulador e orientador do culto”²³⁶, mas reconhece a este “o direito de regulamentar a liturgia e aponta-lhe o dever de promovê-la no seio da Igreja”²³⁷. Os bispos devem, portanto, assumir a responsabilidade pastoral de promover e moderar a vida litúrgica em suas dioceses valendo-se das comissões diocesanas ou interdiocesanas recomendadas pelo Concílio e compostas por especialistas em liturgia, Bíblia, pastoral, música e arte sacra²³⁸.

Ao tratar das Conferências Episcopais, Medellín recorda que elas possuem função regulamentadora e coordenadora dentro dos limites estabelecidos para assegurarem a fidelidade da imagem eclesial que cada comunidade cristã deve oferecer da Igreja universal²³⁹. Para que as Conferências de cada país atingissem suas finalidades, Medellín requisitou para as mesmas faculdades mais amplas em matéria litúrgica, a fim de realizarem melhor as adaptações necessárias; recomendou a reunião dos ordinários dos territórios de missão para estudar as adaptações necessárias e apresentá-las às autoridades competentes²⁴⁰.

Além do ofício ministerial dos Bispos e do papel das Conferências, Medellín especifica o incremento dos serviços que o CELAM pode proporcionar mediante a necessidade de contar com grupos de técnicos devidamente preparados²⁴¹: “um serviço de informação, documentação bibliográfica e coordenação prestado pelo secretário executivo do Departamento, que se propõe manter em permanente comunicação os Episcopados latino-americanos”²⁴²; um serviço de investigação e formação com vistas à adaptação mais profunda da Liturgia às necessidades e culturas da América Latina²⁴³. Para que esses serviços sejam executados, Medellín considera importante o agrupamento de técnicos em Liturgia, Sagradas Escrituras e Pastoral, antropólogos que cooperem para um progresso legítimo²⁴⁴.

Tratando da liturgia de maneira específica, no final do livro IX, a Conferência oferece sugestões particulares para o incremento da animação litúrgica²⁴⁵: a celebração em pequenos

²³⁵ Cf. FRADE, Gabriel dos Santos. Medellín e a liturgia, p. 278.

²³⁶ DM 9,1.

²³⁷ DM 9,8.

²³⁸ Cf. SC 45; 46; IOe 47.

²³⁹ Cf. DM 9,9.

²⁴⁰ Cf. DM 9,10; SC 40.

²⁴¹ Cf. DM 9,11.

²⁴² DM 9,11.

²⁴³ Cf. SC 15; 16; 44.

²⁴⁴ Cf. DM 9,11; SC 23.

²⁴⁵ Cf. DM 9,12; 9,13; 9,14; 9,15.

grupos e comunidades de base pode ter verdadeira eficácia pastoral; aos Bispos cabe permiti-la, tendo em conta as circunstâncias de cada lugar²⁴⁶; a fim de que os sacramentos alimentem e fortaleçam a fé na situação atual da América Latina (1968), aconselha-se o estabelecimento, planificação e intensificação de uma pastoral sacramental comunitária mediante preparações sérias, graduais e adequadas para o Batismo (os pais e padrinhos), confirmação, primeira eucaristia e matrimônio²⁴⁷.

A 2ª Conferência, junto com a recomendação da celebração comunitária da penitência²⁴⁸, incentivou a celebração em pequenos grupos e comunidades fomentando a inseparável relação entre fé e vida²⁴⁹ e conservando sua relação com os sacramentos nos quais ela alcança sua máxima eficácia e particularmente com a Eucaristia²⁵⁰. Sobre as devoções populares tão arraigadas na vida do povo latino-americano, recomendou buscar formas mais adequadas que lhes dessem conteúdo litúrgico, de modo a tornarem-se veículos da fé e de compromisso com Deus e com os homens²⁵¹.

1.4.2.2 Puebla: adaptar a liturgia às diversas culturas

A respeito do tema anunciado nessa seção, liturgia, a visão de Puebla implica um avanço efetivo na compreensão da mesma como celebração do mistério pascal, em que se integra a ação de Deus e a ação do povo²⁵².

A liturgia, como ação de Cristo e da Igreja, é o exercício do sacerdócio de Jesus Cristo; é o ápice e a fonte da vida eclesial. É um encontro com Deus e os irmãos; banquete e sacrifício realizado na Eucaristia; festa de comunhão eclesial, na qual o Senhor Jesus; por seu mistério pascal, assume e liberta o Povo de Deus e, por ele, toda a humanidade, cuja história é convertida em história salvífica, para reconciliar os homens entre si e com Deus. A liturgia é também força em nosso peregrinar, para que se leve a bom termo, mediante o compromisso transformador da vida, a realização plena do Reino, segundo o plano de Deus²⁵³.

Percebe-se na citação acima como Puebla integra na liturgia, a festa da páscoa e o compromisso de libertação e de integração de toda a história do povo latino-americano, como

²⁴⁶ Cf. DM 9,12.

²⁴⁷ Cf. DM 9,13.

²⁴⁸ Idem.

²⁴⁹ Cf. BEOZZO, José Oscar **Medellín, quarenta anos: 1968-2008**. Disponível em: http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=S&cod=36332. Acesso: 29/10/2016.

²⁵⁰ Cf. SC 35, §4.

²⁵¹ Cf. DM 9,15; SC 13.

²⁵² Cf. . SÁNCHEZ, Víctor. La liturgia en el magisterio latinoamericano: de Medellín a Aparecida, p. 261.

²⁵³ CELAM. Documento de Puebla (Doravante DP). In: **Documentos do CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo**. São Paulo: Paulus, 2004, 918.

uma história de salvação e de reconciliação, como um compromisso de transformação social em direção ao reino de Deus²⁵⁴. A liturgia é concebida como um dos principais meios da evangelização com os quais a Igreja cria comunhão e envia ao serviço dos irmãos²⁵⁵. A conferência enfatizou que ela “é o momento privilegiado de comunhão e participação para uma evangelização que conduz à libertação cristã integral, autêntica”²⁵⁶. Isto influenciou a eclesiológica de comunhão e participação, “destacando a comunhão em sentido horizontal e não só vertical, e a participação como fomentadora de uma Igreja mais aberta e mais ministerial”²⁵⁷. Isto significa ainda que a comunhão não é genérica, mas se faz a partir da opção preferencial pelos pobres²⁵⁸ tendo como espaço privilegiado as comunidades onde esses pobres se sentem Igreja²⁵⁹.

Ao longo de suas conclusões, Puebla verificou que a renovação litúrgica em chão ameríndio deu resultados positivos e atribuíram isso ao fato da redescoberta da posição real e central da liturgia na missão evangelizadora da Igreja; à maior compreensão e participação dos fiéis, favorecidos pelos novos livros litúrgicos e documentos da Sé Apostólica e das Conferências Episcopais, e pela difusão da Catequese pré-sacramental²⁶⁰; ao idioma comum, à riqueza cultural e à piedade popular; e aos encontros em diversos níveis (latino-americano, regional, nacional etc.).

Após constatar os valiosos e significativos avanços, Puebla não escondeu que ainda era necessário adaptar a liturgia às diversas culturas e à situação dos jovens, dos pobres e dos humildes²⁶¹; verificou que não se estava atribuindo à pastoral litúrgica a prioridade devida dentro da pastoral de conjunto, continuando muito prejudicial a oposição existente em alguns setores entre evangelização e sacramentalização²⁶²; analisou que a participação na liturgia não reverberava no compromisso social dos cristãos; que a instrumentalização que se fazia da mesma, lhe desfigurava o valor evangelizador²⁶³; identificou como prejudicial a inobservância das normas litúrgicas com seu espírito pastoral, caracterizada nos abusos que tanto causaram

²⁵⁴ Cf. . SÁNCHEZ, Víctor. La liturgia en el magisterio latinoamericano: de Medellín a Aparecida, p. 262.

²⁵⁵ Cf. DP 893.

²⁵⁶ DP 895.

²⁵⁷ GODOY, Manoel. Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, p. 213.

²⁵⁸ Cf. DP 382.

²⁵⁹ Cf. GODOY, Manoel. Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, p. 213.

²⁶⁰ Cf. DP 896; 898.

²⁶¹ Cf. DP 899.

²⁶² Cf. DP 901.

²⁶³ Cf. DP 902.

desorientação como divisão nas comunidades²⁶⁴. A Conferência reclamou a falta de aprofundamento da formação do clero e a ausência de catequese litúrgica destinada aos fiéis²⁶⁵.

Puebla asseverou que “as considerações pastorais, salva sempre a observância das normas litúrgicas, devem superar o mero rubricismo”²⁶⁶. Reafirmando a importância de uma pastoral de conjunto fontal, defendeu “que nenhuma atividade pastoral pode se realizar sem referência à liturgia. As celebrações litúrgicas supõem uma iniciação à fé, mediante o anúncio evangelizador, a catequese e a pregação bíblica”²⁶⁷. Pediu maior atenção às expressões religiosas do povo e um cuidado para adaptar a liturgia às diversas culturas e situações do jovem, do pobre e do humilde²⁶⁸. Puebla insistiu na projeção evangelizadora e catequética que qualquer celebração deve ter adaptada “às diversas assembleias de fiéis, pequenos grupos, crianças, grupos, grupos populares etc.”²⁶⁹. Somente conhecer as orientações não é suficiente. É necessário que toda a riqueza de expressão de fé, de símbolos religiosos, de participação, de reflexão sobre a realidade faça surgir aos poucos uma expressão litúrgica autenticamente latino-americana²⁷⁰.

Após ter feito exame da situação latino-americana, Puebla chegou a algumas conclusões das quais se pode averiguar a atualidade. A seguir são citadas algumas somente: “Dar à liturgia sua verdadeira dimensão de ponto culminante e manancial da atividade da Igreja”²⁷¹; “Celebrar a fé, na liturgia, como encontro com Deus e com os irmãos, como festa da comunhão eclesial, como fortalecimento em vida cristã. Dar especial importância à liturgia dominical”²⁷²; Revalorizar a força dos sinais e sua teologia atentando, porém, a que a liturgia não seja instrumentalizada para fins alheios à sua natureza; respeitem-se fielmente as normas da Santa Sé, nas celebrações litúrgicas, evitem-se arbitrariedades²⁷³; Estudar a função catequética e evangelizadora da liturgia²⁷⁴; Promover a formação dos agentes de pastoral litúrgica por meio duma autêntica teologia, que os leve a um compromisso vital²⁷⁵; Oferecer

²⁶⁴ Cf. DP 903.

²⁶⁵ Cf. DP 901.

²⁶⁶ DP 925.

²⁶⁷ DP 927.

²⁶⁸ Cf. DP 899.

²⁶⁹ DP 928.

²⁷⁰ Cf. BUYST, Ione. **Equipe de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 26.

²⁷¹ DP 938.

²⁷² DP 939.

²⁷³ Cf. DP 940.

²⁷⁴ Cf. DP 941.

²⁷⁵ Cf. DP 942.

aos presidentes das celebrações litúrgicas condições aptas para aprimorarem sua função e conseguirem comunicação viva com a assembleia²⁷⁶.

1.4.2.3 Santo Domingo: liturgias inculturadas

Como a nova evangelização é um dos temas centrais de Santo Domingo (1992), os bispos mencionaram o lugar e o papel desempenhado pela liturgia nela²⁷⁷: “O serviço litúrgico, assim realizado na Igreja, tem, por si mesmo, valor evangelizador que a Nova Evangelização deve situar em lugar de grande destaque”²⁷⁸. Santo Domingo, ressoando a SC 10 - a liturgia “é o cume ao qual tende a atividade da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte de onde emana sua força” - reconhece o valor evangelizador do serviço litúrgico que deve ser situado em lugar de destaque pela Nova Evangelização. A liturgia é o anúncio e realização²⁷⁹ dos feitos salvíficos que nos chegam a tocar sacramentalmente; por isso, convoca, celebra e envia. Para Santo Domingo, o culto não é simplesmente uma expressão da virtude da religião que dá a Deus o que é devido, nem antes um movimento de homens em direção a Deus, mas “deve expressar a dupla vertente da obediência ao Pai (glorificação) e da caridade com os irmãos (redenção), pois a glória de Deus é que o homem viva. Com o qual longe de alienar aos homens, os liberta e os faz irmãos”²⁸⁰. Santo Domingo ressalta que “é especialmente pela liturgia que o Evangelho penetra no coração mesmo das culturas”²⁸¹.

Santo Domingo retoma o incremento da liturgia reconhecendo que resta muito para ser assimilada a renovação litúrgica desencadeada pelo Concílio Vaticano II²⁸². Acrescenta que “ainda não se alcançou plena consciência do que significa a centralidade da liturgia como fonte e cume da vida eclesial”²⁸³. Não houve cuidado com uma séria e permanente formação litúrgica seguindo os documentos do Magistério e é carente de atenção o processo de inculturação litúrgica. A constatação dessa situação tem sérias consequências para a vida e missão da Igreja na América Latina e Caribe, dizem os bispos de Santo Domingo: resultam daí celebrações ritualistas, onde muitos são privados de participarem na comunidade cristã, “a ponto de não se fazerem conscientes da presença transformadora do Cristo e de seu espírito nem traduzirem-na

²⁷⁶ Cf. DP 943.

²⁷⁷ Cf. . SÁNCHEZ, Víctor. La liturgia en el magisterio latinoamericano: de Medellín a Aparecida, p. 267.

²⁷⁸ DSD 35.

²⁷⁹ Cf. SC 6.

²⁸⁰ DSD 34.

²⁸¹ DSD 35.

²⁸² Cf. DSD 43.

²⁸³ DSD 43.

em um compromisso solidário para a transformação do mundo²⁸⁴; e a falta de coerência entre fé e vida em muitos católicos, inclusive, inclusive entre os próprios agentes pastorais²⁸⁵.

No intento de oferecer linhas pastorais para a América Latina, Santo Domingo defende a continuidade da formação doutrinal e espiritual dos fiéis cristãos, principalmente do clero, religiosos e religiosas, catequistas e agentes pastorais²⁸⁶; e aponta compromissos pastorais que tem como objetivo promover uma liturgia que impulse a Nova Evangelização na Igreja latino-americana e caribenha. Na sequência serão citados alguns: promover uma séria e permanente formação litúrgica do povo de Deus em todos os seus níveis, a fim de ele que possa viver a liturgia espiritual, consciente e ativamente. Esta formação deverá ter em conta a presença viva de Cristo na celebração, seu valor pascal e festivo, o papel ativo que cabe à Assembleia e seu dinamismo missionário²⁸⁷; promover e dar uma séria formação a quem esteja encarregado de dirigir a oração e a celebração da Palavra na ausência do sacerdote²⁸⁸; dar ao domingo, aos tempos litúrgicos e à celebração da Liturgia das Horas todo seu sentido e força evangelizadora²⁸⁹; promover uma inculturação da liturgia, acolhendo com apreço seus símbolos, ritos e expressões religiosas compatíveis com o claro sentido da fé, mantendo o valor dos símbolos universais em harmonia com a disciplina geral da Igreja²⁹⁰.

1.4.2.4 Aparecida: Eucaristia, lugar privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo

Aparecida relaciona a liturgia ao tema central do discipulado missionário e ressalta o papel fundamental e imprescindível da vida litúrgica e eucarística na formação e missão dos discípulos e missionários. A dimensão litúrgica está relacionada com aspectos significativos da vida do discípulo missionário²⁹¹.

No documento de Aparecida, assim como nas Conclusões de Santo Domingo, não há um capítulo exclusivo que trate da liturgia²⁹², distinguindo-se das conclusões de Medellín (capítulo 9) e Puebla (capítulo 3) nos quais se localiza facilmente o que se refere à liturgia por

²⁸⁴ Idem.

²⁸⁵ Cf. DSD 44.

²⁸⁶ Cf. DSD 45.

²⁸⁷ Cf. DSD 51.

²⁸⁸ Idem.

²⁸⁹ Idem.

²⁹⁰ Cf. DSD 248.

²⁹¹ Cf. BOMBONATTO, Vera Ivanise. **Liturgias, celebración y Eucaristía**, p. 239.

²⁹² Cf. DA SILVA, José Ariovaldo. Da liturgia em Medellín para um jeito renovado de ser Igreja. In: GODOY, Manoel; AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **50 anos de Medellín: revisitando os textos, retomando o caminho**. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 160.

meio de um título ou subtítulo. Para compreender a visão de Aparecida em relação à liturgia, as celebrações e a Eucaristia é importante ter presente seu modo próprio de apresentar esse conteúdo. Diferentemente dos outros textos conclusivos o Documento de Aparecida segue uma lógica diferente na apresentação dos temas. O fio condutor e o tema central da Conferência são Discípulos missionários a serviço da vida. A partir daí e como consequência dele, se desenvolvem os outros assuntos²⁹³.

Explicitamente Aparecida fala de liturgia no n. 250 somente. Ainda assim percebe-se que os bispos oferecem uma visão positiva da liturgia (luzes)²⁹⁴. Basta conferir os nn. 98-100 para confirmar esta afirmação. Mas também notam sombras no incremento da pastoral litúrgica em meio à mudança de época em que vive o mundo²⁹⁵. Para citar somente algumas sombras que preocupam os bispos: ênfase em um ritualismo sem um itinerário formativo adequado²⁹⁶; a situação de milhares de comunidades privadas da Eucaristia Dominical por longos períodos de tempo²⁹⁷; evangelização com pouco ardor sem novos métodos e expressões²⁹⁸; preocupação com muitas pessoas que perdem o sentido transcendente de suas vidas e abandonam as práticas religiosas²⁹⁹. Outras sombras podem ser descobertas ao longo do documento³⁰⁰.

Diante dos desafios e compreendendo que a pastoral litúrgica só pode frutificar dentro de uma pastoral orgânica³⁰¹, resposta consciente e efetiva para atender a demandas do mundo de hoje³⁰², os bispos em Aparecida, confrontados pela realidade eclesial da América Latina e Caribe³⁰³, apontaram os grandes desafios e pistas de ação da pastoral litúrgica para o incremento da vida litúrgica continental. Serão indicados adiante alguns desafios e pistas de superação: promover a pastoral do domingo e dar a ela prioridade nos programas pastorais, para novo impulso na evangelização do povo de Deus no Continente latino-americano³⁰⁴. Onde não for possível a celebração eucarística dominical, garantir que os fiéis nutram o espírito missionário

²⁹³ Cf. BOMBONATTO, Vera Ivanise. **Liturgias, celebración y Eucaristía**, p. 239.

²⁹⁴ Cf. RUSSO, Roberto. La dimensión litúrgica del Documento de Aparecida. **Phase: revista de pastoral litúrgica**, Barcelona – ESP. n. 313, enero-febrero, 2013, p. 77.

²⁹⁵ Cf. DAp 44.

²⁹⁶ Cf. DAp 99c.

²⁹⁷ Cf. DAp 99d.

²⁹⁸ Cf. DAp 100c.

²⁹⁹ Cf. DAp 100f.

³⁰⁰ Outros desafios elencados pelos Bispos podem ser encontrados nos números seguintes: DAp 100c; DAp 100e; DAp 173 e 286; DAp 287; DAp 297; DAp 298; DAp 299.

³⁰¹ Cf. . SÁNCHEZ, Víctor. La liturgia en el magisterio latinoamericano: de Medellín a Aparecida, p. 274.

³⁰² Cf. DAp 371.

³⁰³ Cf. DAp 33-97.

³⁰⁴ Cf. DAp 252.

participando da celebração dominical da Palavra³⁰⁵; a piedade popular: é “imprescindível ponto de partida para conseguir que a fé do povo amadureça e se faça mais fecunda”³⁰⁶. Deve ser promovida e protegida³⁰⁷, valorizada e evangelizada³⁰⁸; fortalecer a unidade dos três sacramentos da iniciação (Batismo, Confirmação e Eucaristia), e aprofundar o rico sentido deles³⁰⁹; Optar clara e decisivamente pela formação de todos os membros da comunidade³¹⁰.

O texto de Aparecida, “‘penúltimo passo’ da V Conferência, que terá como último a missão continental”³¹¹, não esconde que para a América Latina e Caribe se tornarem “uma Igreja cheia de ímpeto e audácia evangelizadora”³¹², é necessário de novo serem evangelizados. A renovação missionária das paróquias é indispensável nesse processo. Elas devem se tornar espaços da iniciação cristã, da educação e celebração da fé, abertas à diversidade de carismas, serviços e ministérios³¹³.

Conclusão: para tempos novos uma nova pastoral.

Nas páginas acima, se pôde observar como o incremento exigido pelo Concílio Vaticano II pôs a Igreja numa profunda revisão da Pastoral Litúrgica. Tal trabalho exigiu muitos esforços num misto constante entre paciência e inteligência para a aplicação gradual dos princípios do Concílio. A intenção desse primeiro capítulo foi justamente fazer perceber que a meta assumida pela reforma foi devolver ao povo de Deus o sentido do sagrado velado por formas litúrgicas que já não ajudavam os fiéis, e ajudá-lo a incorporar-se ao mistério do qual passam a fazer parte pela ação litúrgica.

O que se quis demonstrar, inclusive com uma ligeira alusão ao Movimento Litúrgico, é que o Concílio Vaticano II assumiu como seu dever principal animar e promover a vida cristã. Para isso elegeu a liturgia como fonte e cume e confirmou que só por ela essa intenção se tornará

³⁰⁵ Cf. DAp 253.

³⁰⁶ DAp 262.

³⁰⁷ Cf. DAp 258.

³⁰⁸ Cf. DAp 262-263.

³⁰⁹ Cf. DAp 288.

³¹⁰ Cf. DAp 276-278c.

³¹¹ Fala do Cardeal Jorge Bergoglio, então Arcebispo de Buenos Aires, durante apresentação do documento da Conferência de Aparecida a um grupo de 150 pessoas. Disponível em: <https://es.zenit.org/articles/cardenal-bergoglio-el-documento-de-aparecida-penultimo-paso-de-la-v-conferencia/>. Acesso: 05/05/2018.

³¹² DAp 549.

³¹³ Cf. DAp 170.

realidade. Esta é a finalidade também das modificações introduzidas ou ainda a serem introduzidas, e não tanto mudar os ritos e os textos litúrgicos somente.

Do ardente desejo da Igreja, a pastoral, de maneira irremediável, passou pela revisão da sua forma de atuação na Igreja, sobretudo no campo litúrgico. Como consequência, a liturgia, incorporada no campo de reflexão teológica e de atuação pastoral, recebeu a tarefa de atingir a meta da participação convencida de que pela celebração litúrgica acontece a redenção humana e a glorificação de Deus³¹⁴. A nova visão teológica sobre a liturgia remeteu os fiéis não para um culto exterior e mágico, mas os encaminhou para dentro da experiência integral do Mistério Pascal de Cristo onde são edificados. Aconteceu, como se pôde ver, uma virada que transformou a liturgia em espiritualidade da Igreja, sua principal manifestação³¹⁵. A primavera conciliar recuperou, finalmente, a liturgia como primeira e necessária fonte de espiritualidade dos cristãos.

Esforçou-se por mostrar como é viva a Igreja latino-americana no incremento da renovação conciliar com suas riquíssimas conclusões das assembleias gerais já em boa porcentagem postas em prática nos variados contextos, mas ainda com timidez. A revisão das mesmas no aspecto litúrgico revela os avanços históricos que se reverteram em uma mudança da consciência eclesial desde os compromissos assumidos a partir de Medellín até Aparecida. Destila das conclusões um desejo de fazer aquilo que pediu o Vaticano II, aproximar a celebração litúrgica dos povos e suas culturas.

Portanto, uma parcial conclusão a que se pode chegar nesta pesquisa, é a de que para acontecer o incremento da ação pastoral litúrgica ainda são atuais as solicitações dos nn. 43-46 da SC. Viu-se como a aplicação prática da reforma aterrissou na América-Latina e Caribe guiada pelas Conferências Episcopais e como ainda está transcorrendo, pois compreende-se bem que a renovação da mentalidade é mais urgente que a reforma dos livros. Sem desprezar os livros reformados nos termos dos decretos do Vaticano II responsáveis pelo processo de divulgação do projeto conciliar, mas cabe dizer que as comissões nacionais, diocesanas paroquiais ainda precisam aceitar o desafio sempre novo da educação litúrgica de Pastores e fiéis.

³¹⁴ Cf. SC 14; 19; 30.

³¹⁵ Cf. SC 41.

Notou-se como esse processo não é simples, pois, mesmo com a passagem de uma Igreja lunar para uma Igreja solar, de uma espiritualidade que não é só horizontal, mas também vertical, os desafios esbarram naturalmente nas múltiplas transformações em que a Igreja se encontra imersa. Isto não pode inibir a retomada de prioridades tratadas em todas as Conferências em vistas da nova evangelização como: formação litúrgica em todos os níveis e a necessidade de se continuar refletindo e encontrando caminhos para a liturgia inculturada.

CAPÍTULO II

TEMPOS LÍQUIDOS: DESAFIO PARA A PASTORAL LITÚRGICA

A Igreja, ao longo dos séculos na sua missão evangelizadora, espalhou-se pelos quatro cantos da terra enraizando-se em muitos lugares e aprendendo a falar as diversas línguas do mundo exprimindo-se através de sinais, gestos, doutrinas, ritos, narrações, livros. Transmitindo a fé carregada pela cultura, forneceu padrões de práticas e atos religiosos iguais para povos inteiros que cresceram com os mesmos símbolos e se comportaram igualmente por muitos séculos³¹⁶. Como Mestra genuína sentiu a responsabilidade de delinear e de impor, não apenas as formas culturais, mas inclusive os valores básicos sobre os quais as pessoas se apoiavam para encontrar os significados últimos e as respostas às suas exigências vitais³¹⁷. A Igreja era uma sólida referência para as relações familiares que mantinham as pessoas ligadas entre si no interior da vivência social numa cultura onde as crenças, “valores e comportamentos eram transmitidos de uma geração a outra de maneira espontânea e quase natural”³¹⁸. A fé nutria-se culturalmente, dentro do ambiente social³¹⁹, ou seja, “uma pessoa se tornava cristã adotando a maneira de pensar, os comportamentos e as práticas de seus antepassados cristãos”³²⁰.

Respalhada pela pastoral de conservação, como mencionado no primeiro capítulo, da Idade Média até o Vaticano II, a Igreja defendeu e viveu na cristandade. Esta pastoral estava perfeitamente integrada nessa sociedade, como se pode notar. De forma se pode depreciá-la, pois, mesmo durante mais de oito séculos sem grandes mudanças e transmitindo a fé como uma herança recebida do passado, este modelo pastoral, legitimamente e perfeitamente integrada na sociedade, como se pode notar, guardou e transmitiu a memória de Jesus, promovendo no povo cristão grandes valores evangélicos³²¹

Até que no século XVI inicia-se a virada moderna sobre a Igreja pressionada a rever sua atuação e presença no mundo. Foi um corte bastante brusco que originou o que hoje se

³¹⁶ Cf. LIBANIO, João Batista. **Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação**. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 85-86.

³¹⁷ Cf. FRANCISCO. **Discurso aos participantes do Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades** (27 de novembro de 2014). Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html. Acesso: 14/05/2018.

³¹⁸ PAGOLA, José Antonio. **Voltar a Jesus: para a renovação das paróquias e comunidades**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 14.

³¹⁹ Cf. LIBANIO, João Batista. **Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação**, p. 81.

³²⁰ PAGOLA, José Antonio. **Voltar a Jesus: para a renovação das paróquias e comunidades**, p. 14.

³²¹ Idem.

chama de cultura ocidental moderna. O evento histórico que convulsionou o mundo católico neste período foi o protestantismo de Lutero, que em 1517 publicou suas 95 teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, divergindo em diversos pontos da doutrina católica, propondo uma reforma do catolicismo romano³²². Nesta Reforma histórica Lutero defendeu “um papel ativo das pessoas leigas na reforma da Igreja”³²³. A insatisfação com as atitudes da Igreja Católica e o seu distanciamento em relação aos princípios do Evangelho³²⁴ motivaram o questionamento da necessidade e função do aparato institucional da Igreja, pondo a Palavra sobre o sacramento, o sacerdócio dos fiéis sobre o sacerdócio hierárquico e as Igrejas locais num corpo-a-corpo com a Igreja de Roma³²⁵.

Na transição dos séculos XVIII-XIX, a sociedade europeia entrou no enorme palco de transformações impulsionado pelas revoluções iluminista (pensamento), francesa (social burguesa) e industrial (econômica capitalista). O iluminismo (séc. XVIII), rompeu com o determinismo religioso, imprimiu força incondicional na ação crítica da razão, questionou a obediência submissa, organizou o saber criando métodos de pesquisa, criticou a autoridade e o poder. Suas críticas não pouparam a Igreja Católica: abismo social entre alto e baixo clero, indiferença diante das dificuldades do povo. Estes processos impactaram o modo de conceber a história e de entender o ser humano³²⁶.

A pastoral de transmissão da fé tornou-se cada vez mais difícil porque não se encontra mais com facilidade aquela sociedade estática e homogênea baseada nos pilares culturais da ancestralidade. A sociedade é dinâmica e em contínua mudança. “As novas gerações já não vivem olhando para o passado, mas para o futuro, para o novo, o emergente”³²⁷ e alimentam-se das novas experiências que a cultura hodierna lhes oferece. “O ser humano constrói e produz o processo histórico por si mesmo, e o que não é do seu mundo lhe é desnecessário ou é sentido como imposição”³²⁸. “As convicções religiosas são fluidas, sem preocupação de formular

³²² PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. **Do Conflito à Comunhão. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017**: Relatório da Comissão Luterana-Católico-Luterana para a Unidade. Brasília, Edição conjunta Edições CNBB e Editora Sinodal. 2015, p. 26.

³²³ *Ibid.*, p. 32.

³²⁴ SBARDELOTTO, Moisés. **E o verbo se fez rede**: religiosidade em reconstrução no ambiente digital. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 41.

³²⁵ Cf. FLORISTAN, Cassiano. **Teología práctica**: Teoría y praxis de la acción pastoral, p. 70-74.

³²⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. A teologia latino-americana. BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario. **A Teologia da Libertação em perspectiva**. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2013, p. 217.

³²⁷ PAGOLA, José Antonio. **Voltar a Jesus**: para a renovação das paróquias e comunidades, p. 15.

³²⁸ WOLFF, Elias. **Espiritualidade do diálogo inter-religioso**: contribuições na perspectiva cristã. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 45.

doutrinas, ritos e mediações que lhe deem estabilidade”³²⁹. Isto não é o fim da religião nem da necessidade do divino que habita no íntimo do ser humano, mas indica somente que ela deixou de cumprir seu papel tradicional na sociedade, uma vez que esta não é mais organizada religiosamente³³⁰.

Atentamente, perceber-se-á que na sociedade onde se celebra a liturgia “muitos cultivam espiritualidades de consumo, sintonizadas com a lógica do mercado neoliberal, que propõe o triunfalismo a qualquer custo, o individualismo e a exclusão social”³³¹. O panorama e o perfil espiritual atuais sofrem as consequências da fluidez da sociedade líquida que encetou fragmentação e ambiguidade nas correntes espirituais contemporâneas³³². Assim, “a religião não pode ser mais imposta, mas tem de ser posta no mercado”³³³ considerando os desejos de uma dada população de consumidores em relação ao bem de consumo ofertado. Assim, constatar-se-á que o desafio continua sendo o confronto com a modernidade onde o eixo cultural agora não é a religião e, sim, o crescimento econômico e o consumismo. De fato, o consumo constitui-se em uma das temáticas mais amplas e profundas que o ser humano vivencia hodiernamente, “na medida em que supera o mero modo de produzir, distribuir e circular os produtos, e se institui, sobretudo, como modo de ser”³³⁴.

Não é intenção desta breve contextualização fazer uma linha do tempo com todas as fases que marcaram a relação da Igreja com a sociedade. Mas não se pode ignorar que, assim como em outros momentos da história as transformações sempre exigiram da Igreja renovadas energias e imaginação na proclamação do Evangelho de Jesus Cristo, a modernidade líquida descrita por Bauman constitui um desafio inadiável que abre pistas para a reflexão teológica acerca da fé e da vivência cristãs. Este traço característico sempre marcou o caminho da Igreja³³⁵. De fato, a Igreja e sua pastoral estão atravessando tempos da criação de novas respostas e novas perguntas como todas as instituições.

³²⁹ Ibid., p. 46.

³³⁰ Idem.

³³¹ WOLFF, Elias. **Espiritualidade do diálogo inter-religioso**: contribuições na perspectiva cristã, p. 25.

³³² Idem.

³³³ BERGER, Peter. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2017, p. 188.

³³⁴ PASSOS, João Décio. Crítica ético-teológica da cultura de consumo. In VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio (Orgs.). **Religião e consumo**: relações e discernimentos. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 187.

³³⁵ O mundo ocidental passou por profundas mudanças a partir da segunda metade do século XVIII. Por um lado, a revolução industrial provocou mudanças econômicas e sociais irreversíveis. No campo político, o regime das liberdades civis e religiosas simbolizado pela “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão” levou a um período de turbulência que muitos temiam. O mundo ocidental entrou na “era das revoluções” que se estenderia por várias décadas. A revolução das colônias inglesas, a Revolução Francesa, a Revolução da América Espanhola

É mister destacar que antepor o pensamento de Bauman ao argumento de uma liturgia sólida não intenciona de modo algum declarar como herética a técnica e o progresso, afinal, à humanidade foi entregue o mundo para o cultivo (cf. Gn 2,15; 1,28), mas o contraponto revelará que “o clima cultural que atravessa o mundo das relações sociais e laborativas é marcado por individualismo radical, antagonismo, concorrência”³³⁶; e que no mundo tecnológico alimenta-se uma cultura altamente seletiva, e, por essa razão, excludente. Uma cultura que com seus critérios auto avaliação e de desvalorização “cria primeiros e últimos, produz marginalizados e doentes, frágeis e perdedores. Certamente, produz frustrados e iludidos”³³⁷.

Do prisma da fé, a pastoral litúrgica, especificamente, terá condições de duvidar do mecanismo de felicidade introjetado pelo consumo que, com a glorificação do presente e das satisfações que o mercado pode oferecer vai esvaziando a cultura da solidariedade e fazendo emergir um individualismo exacerbado, que desumaniza as pessoas, e das suas dinâmicas que já entraram nas liturgias para dominá-las. Sem dúvida é a oportunidade para, na era dos progressos tecnológicos da comunicação, “participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada”³³⁸.

2.1 Bauman e a modernidade líquida

Bauman nasceu na cidade de Posnânia, Polônia, numa família judia, em 19 de novembro de 1925. Sendo de família pobre, não eram muitas as oportunidades que poderia ter no futuro em termos de educação universitária, pois além do limite de vagas para judeus nas universidades polonesas, seus pais não podiam financiar seus estudos no estrangeiro como era comum em famílias abastadas. Mas isto não inibiu o empenho de Zygmunt Bauman no aprendizado.

Antes de me juntar ao exército polonês e voltar para meu país natal por essa via, eu fiz dois anos de curso universitário de física por correspondência (na Rússia, os estrangeiros não tinham permissão de viver em cidades grandes, onde havia universidades). Lembro de, como tantos adolescentes, me sentir um tanto apavorado e esmagado pelos mistérios e enigmas do universo e de desejar ardentemente dedicar minha vida a desvendar esses mistérios e a

e as revoluções liberais de 1830 e 1848 levantaram diversas realidades políticas e sociais. Novos atores coletivos – movimentos ideológicos, partidos, exércitos, estados, repúblicas, nações - se tornariam os novos protagonistas da história. Estes processos envolveram mudanças nas ideias, nas crenças, nos imaginários, nos valores, nos comportamentos.

³³⁶ MANICARDI, Luciano. **O humano sofrer: evangelizar as palavras sobre o sofrimento**. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 164.

³³⁷ Idem.

³³⁸ EG 87.

solucionar esses enigmas. Meus estudos, no entanto, foram interrompidos pelo apelo das armas, quando eu tinha 18 anos, para jamais serem retomados³³⁹.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a invasão do território polonês pelos nazistas em 1939, sua vida sofreu uma virada drástica. Mudou-se, em setembro de 1939, com a família para a antiga União Soviética, fugindo da invasão nazista para escapar dos horrores do Holocausto que aguardavam os judeus poloneses na Segunda Guerra. Lá, aos 18 anos, juntou-se ao exército polonês e lutou na frente russa. De volta após a guerra, Bauman encontrou uma Polônia devastada. A situação do seu país natal era calamitosa. Palavras do próprio Bauman em entrevista concedida a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke:

Deixando o Exército em 1945, eu me vi novamente numa Polônia arruinada pela ocupação nazista, que se somava a um anterior legado de miséria, de desemprego em massa, de conflitos étnicos e religiosos aparentemente insolúveis e de exploração de classe brutal. Os desafios que meu país confrontava eram, pois, muito maiores do que os do resto da Europa, pois, além de reconstruir fábricas e casas destruídas, semear campos abandonados e colocar a economia de pé novamente, a Polônia exigia uma batalha exaustiva contra uma pobreza sedimentada e contra profundas divisões de classe; a abertura das oportunidades educativas também era tarefa urgente, já que até então estas haviam estado fechadas à grande maioria da nação³⁴⁰.

Filiou-se ao Partido Comunista. Começou a carreira acadêmica no início da década de 1950. Estudou e foi professor da Universidade de Varsóvia onde conheceu Janina (falecida em 2009), com quem se casou e teve três filhas: Anna (matemática), Lydia (pintora) e Irena (arquiteta). Confiantes e animados pelo sonho de criar uma sociedade mais justa e igualitária, o casal Bauman ali esteve a construir suas carreiras (ele como professor da Universidade, ela, como editora de enredos cinematográficos) e criar sua família, até que uma nova onda de antissemitismo e repressão promovida pelas autoridades comunistas em 1968 esmagou os seus sonhos e os forçou ao exílio. Após três anos em Israel, o convite a Bauman para ser chefe do departamento de sociologia da Universidade de Leeds, em 1971, o levou à Inglaterra, onde permaneceu até sua aposentadoria oficial, em 1990³⁴¹, e até a sua morte, 9 de janeiro de 2017.

Descrito certa vez como profeta da pós-modernidade por suas reflexões sobre as condições do mundo da modernidade líquida, Bauman é autor de diversos livros que abordam

³³⁹ GARCIA PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. **Entrevista com Zygmunt Bauman**. *Tempo Social*, São Paulo, v. 16, n. 1, june 2004, p. 303. ISSN 1809-4554. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12427/14204>>. Acesso em: 19 apr. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702004000100015>.

³⁴⁰ *Ibid.*, p. 304.

³⁴¹ BAUMAN, Zygmunt. **Bauman sobre Bauman: diálogos com Keith Tester**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 10.

temas amplos, variados e especialmente focalizados na vida cotidiana dos homens e mulheres comuns. Holocausto, globalização, sociedade de consumo, amor, comunidade, individualidade são algumas das questões de que trata sempre salientando a dimensão ética e humanitária que deve nortear tudo o que diz respeito à condição humana³⁴².

Bauman “sintetiza o que está se passando e o que é importante, e o apresenta aos pensadores sociais de modo a que possam proceder aos debates por si mesmos. Bauman traduz o mundo em textos”³⁴³; e, apesar do desconforto que pode causar a leitura de seus livros, lê-los faz “pensar de um modo diferente sobre o mundo, sobre si mesmo e – talvez ainda mais importante – sobre suas relações e afinidades com os outros”³⁴⁴. Em seus livros, Bauman expõe exemplos de pensamento social. “O que ele faz é praticar e promover o pensamento sobre as relações, situações e forças vivenciadas e confrontadas por homens e mulheres, e, o que é importante, vivenciadas como reais”³⁴⁵. Um pensador social que busca entender o ser humano considerando as situações em que se encontra; “que deseja que homens e mulheres construam o mundo para si mesmos, pressionem uma faca contra o futuro e assim pratiquem a liberdade em vez de aceitar as restrições da necessidade”³⁴⁶. Bauman é “um teórico cujo pensamento e cuja palavra passeiam com desenvoltura pelo universo das relações humanas, as quais ele considera frágeis, devido ao contexto atual de liquidez”³⁴⁷ do tempo presente.

Bauman tornou-se um fenômeno editorial na virada dos anos 1990 para os anos 2000, quando passou a utilizar as metáforas da fluidez ou liquidez para definir e tecer sua reflexão acerca da época presente. Suas obras são construídas não sobre o ficcional, mas com base no social e experimentalmente factual. Isto faz do polonês “o mais agudo estudioso da sociedade pós-moderna”³⁴⁸ que “contou em páginas memoráveis a angústia do homem contemporâneo, transformado de produtor em consumidor”³⁴⁹. O sociólogo polonês considerou as metáforas adequadas para a captação da fase presente, “nova de muitas maneiras, na história da

³⁴² Ibid., p. 10.

³⁴³ Ibid., p. 14.

³⁴⁴ Ibid., p. 9.

³⁴⁵ Ibid., p. 17.

³⁴⁶ Ibid., p. 20.

³⁴⁷ LOPES, Antônio de Lisboa Lustosa. Entre a cidade e as comunidades: uma leitura sócio-pastoral. In: SILVA, Geoval Jacinto da (org.). **Itinerário para uma pastoral urbana. Ação do povo de Deus na cidade**. São Bernardo do Campo: EDITEO; UMESP, 2008, p. 24.

³⁴⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Contra a Europa da suspeita e para encontrar saída, escutem o Papa**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/557760-qcontra-a-europa-da-suspeita-e-para-encontrar-uma-saida-escutem-o-papaq-entrevista-com-zygmunt-bauman>>. Acesso em: 11/08/2018.

³⁴⁹ Idem.

modernidade”³⁵⁰. Delas resultam modernidade líquida e modernidade sólida, que iniciam uma nova categorização crítica das relações sociais feita por Bauman. A apreciação de qualquer obra deste sociólogo deverá considerar as metáforas da fluidez e da liquidez.

Com a metáfora da sociedade líquida, tornada já proverbial, “em que o indivíduo é cada vez mais forçado a se adequar aos comportamentos dos grupos para não se sentir excluído”³⁵¹, se consegue chegar às mais diversas dimensões exploradas pelo pensador tal como a liquidez nas relações em *Comunidade* (*Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, 2003), no *Amor* (*Amor líquido*, 2004), no *Tempo* (*Tempos líquidos*, 2007a), no *Medo* (*Medo líquido*, 2008) ou mesmo na *Vida* (*Vida líquida*, 2007b). Esta composição gera a leitura da modernidade líquida, elemento nuclear na reflexão do polonês (*Modernidade líquida*, 2001).

Passada esta breve contextualização biográfica e entrando na discussão central desta seção, modernidade líquida, diga-se que Bauman faz questão de deixar claro o que ele chama de Modernidade:

[...] um período histórico que começou na Europa Ocidental no século XVII com uma série de transformações sócio-estruturais e intelectuais profundas e atingiu sua maturidade primeiramente como projeto cultural, com o avanço do Iluminismo e depois como forma de vida socialmente consumada, com o desenvolvimento da sociedade industrial (capitalista e, mais tarde, também a comunista)³⁵².

Para Bauman a modernidade foi sempre um processo de derretimento dos sólidos desde o começo³⁵³. A diferença da modernidade a qual chamará líquida, é que no seu período inicial, a tarefa moderna era a de derreter os antigos sólidos que impediam os movimentos e as iniciativas individuais. Não fazia parte desta fase “acabar de uma vez por todas com os sólidos e construir um admirável mundo novo livre deles para sempre”³⁵⁴. Intencionava-se “substituir o conjunto herdado de sólidos deficientes e defeituosos por outro conjunto, aperfeiçoado e preferivelmente perfeito, e por isso não mais alterável”³⁵⁵. De fato, diz Bauman, a constatação do avançado estado de desintegração dos sólidos pré-modernos motivou os tempos modernos

³⁵⁰ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 9.

³⁵¹ BAUMAN, Zygmunt. **Contra a Europa da suspeita e para encontrar saída, escutem o Papa**.

³⁵² BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 299-300.

³⁵³ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**, p. 9.

³⁵⁴ *Ibid.*, p. 10.

³⁵⁵ *Idem.*

a derretê-los a fim de descobrir ou inventar, por uma vez, “sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável”³⁵⁶.

O derretimento dos sólidos pré-modernos fez-se urgente para que o novo Estado moderno pudesse tomar o lugar de instituições tradicionais e organismos executivos dos nativos, e se tornasse o legislador de afirmações universalmente válidas e impositivas³⁵⁷ através de instituições que poderiam esperar obter e defender a autonomia. Essa foi a meta do novo Estado moderno que “nasceu como uma força missionária, proselitista, de cruzada, empenhado em submeter as populações dominadas a um exame completo de modo a transformá-las numa sociedade ordeira, afinada com os preceitos da razão”³⁵⁸ deslegitimando a condição presente (selvagem, inculta) da população e desmantelando os mecanismos existentes de reprodução e autoequilíbrio³⁵⁹.

A transição da pré-modernidade para a modernidade pretensamente sólida compreendeu, portanto, o fim do projeto iluminista que, à sua maneira, buscava um Estado com sólidos duradouros; e o fim da legitimidade governamental da Igreja (derretimento do sagrado). Estado e Igreja são poderes de primeiro plano que carimbam a realidade social com o selo da ordem sagrada³⁶⁰. A governabilidade da Igreja, como um artefato da sociedade, da interação humana, não podia coabitar com a nova modernidade dita sólida porque ela (a Igreja) é o tipo de instituição que possui uma essência eterna, preceitos primordiais, fundamentos absolutos da verdade³⁶¹, verdades indiscutíveis³⁶². Por isso Bauman diz que a primeira tarefa da modernidade foi a profanação do sagrado “pelo repúdio e destronamento do passado, e, antes e acima de tudo, da tradição”³⁶³. O Estado moderno, que tinha como princípio a soberania absoluta indivisível, por sua vez, buscava interferir em todos os campos da vida humana, “a fim de controlá-la, monitorá-la, registrá-la, regulamentá-la, administrá-la e gerenciar todos os setores da vida antes deixados à preocupação dos praticantes dessa vida”³⁶⁴. Por isso sua uniformidade/nacionalismo/homogeneidade foram derretidos.

³⁵⁶ Idem.

³⁵⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**, p. 180.

³⁵⁸ Ibid., p. 29.

³⁵⁹ Cf. Ibid., p. 29.

³⁶⁰ Ibid., p. 178.

³⁶¹ Ibid., p. 179.

³⁶² Ibid., p. 180.

³⁶³ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**, p. 9.

³⁶⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Babel: entre a incerteza e a esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016, p. 20.

Mas não parou na Igreja, derretida em suas posições de crenças tradicionais que funcionavam como cetro do poder³⁶⁵, nem no Estado, sem força de monopólio e, por conseguinte, sem capacidade de decidir sobre o que deve ser feito³⁶⁶. A modernidade estendeu o derretimento a todos os campos de conhecimento filosoficamente incontrolados ou incontroláveis (no reino intelectual), execrou e invalidou o senso comum (meras crenças, preconceitos, superstições ou simples manifestações de ignorância)³⁶⁷ - é o que Bauman chama de expurgar a ambivalência. Na prática do Estado jardineiro a ambivalência está representada na segregação ou deportação dos estranhos; na sanção a alguns poderes locais e na exclusão dos não sancionados.

A sociedade que entra no século XXI não é menos ‘moderna’ que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas do convívio humano: a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta modernização; a opressiva e inerradicável, insaciável sede de destruição criativa (ou de criatividade destrutiva, se for o caso: de “limpar o lugar” em nome de um “novo e aperfeiçoado” projeto; de “desmantelar”, “cortar”, “defasar”, “reunir” ou “reduzir”, tudo isso em nome da maior capacidade de fazer o mesmo no futuro - em nome da produtividade ou da competitividade)³⁶⁸.

A partir destas operações surge um conceito diferente de moderno:

Ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado. Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo ‘adiamento da satisfação’, como sugeriu Max Weber, mas por causa da impossibilidade de atingir a satisfação: o horizonte da satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da autocongratulação tranquila movem-se rápido demais. A consumação está sempre no futuro, e os objetivos perdem sua atração e potencial de satisfação no momento da realização, se não antes. Ser moderno significa estar à frente de si mesmo, num Estado de constante transgressão (...); também significa ter uma identidade que só pode existir como projeto não realizado³⁶⁹.

Derreter os sólidos significava, portanto, dissolver “o que quer que persistisse no tempo e fosse infenso à sua passagem ou imune a seu fluxo”³⁷⁰. Porém, esta iniciativa se constituiu em um desvio fatal deixando toda a complexa rede de relações sociais no ar - “nua desprotegida, desarmada e exposta, impotente para resistir às regras de ação e aos critérios de

³⁶⁵ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**, p. 179- 180.

³⁶⁶ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Babel: entre a incerteza e a esperança**, p. 21.

³⁶⁷ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**, p. 33.

³⁶⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**, p. 40.

³⁶⁹ *Ibid.*, p. 41.

³⁷⁰ *Ibid.*, p. 9.

racionalidade inspirados pelos negócios, quanto mais para competir efetivamente com eles”³⁷¹. O derretimento dos sólidos permitiu a invasão e dominação da racionalidade instrumental e deixou campo aberto para o poder da economia que passou a determinar a base da vida social. Traço permanente da modernidade, o derretimento dos sólidos dissolveu principalmente “as forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política alvo”³⁷² e as consequências desceram do nível macro para o nível micro do convívio social. Está tudo fragmentado, individualizado, deixado à administração dos indivíduos e seus recursos³⁷³.

Nasceu a partir daí uma nova ordem para dominar a totalidade da vida humana definida em termos econômicos. O engajamento da esfera econômica, resultante do derretimento radical das algemas e dos grilhões que limitavam a liberdade humana³⁷⁴, marca a transição da fase pré-moderna para a modernidade sólida, conforme se pode captar do pensamento de Bauman:

O derretimento dos sólidos levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais. Sedimentou uma nova ordem, definida principalmente em termos econômicos. Essa nova ordem deveria ser mais “sólida” que as ordens que substituíra, porque, diferentemente delas, era imune a desafios por qualquer ação que não fosse econômica³⁷⁵.

O que aconteceu no século XX, como diz Bauman, “foi uma passagem de toda uma era da história mundial, ou seja, da sociedade de produção, para a sociedade de consumo”³⁷⁶. A nova transformação social da modernidade conseguiu pôr em xeque os pontos sólidos de orientação que construíam uma situação social mais duradoura, segura e confiável³⁷⁷. Assim se deu a passagem da fase sólida da modernidade para a líquida³⁷⁸. Esta é uma transição para uma condição em que as organizações sociais não podem mais manter sua forma por muito tempo, “pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam”³⁷⁹.

Com a palavra o próprio Bauman:

³⁷¹ Ibid., p. 10-11.

³⁷² Ibid., p. 12-13.

³⁷³ Cf. Ibid., p. 41.

³⁷⁴ Cf. Ibid., p. 12.

³⁷⁵ Ibid., p. 10.

³⁷⁶ **Entrevista exclusiva com Zygmunt Bauman:** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1miAVUQhdwM>. Acesso: 15/05/2016.

³⁷⁷ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 47.

³⁷⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 7.

³⁷⁹ Idem.

‘Fluidez’ é a qualidade de líquidos e gases. O que os distingue dos sólidos, como a Enciclopédia britânica, com a autoridade que tem, nos informa, é que eles ‘não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis’ e assim ‘sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão. Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, destilados; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho³⁸⁰.

Modernidade líquida é então a expressão utilizada por Bauman para se referir às consequências do derretimento dos sólidos pré-modernos, como se viu acima. Com esta expressão ele denomina o formato da condição moderna³⁸¹. Analisando as características dos fluidos, Bauman infere que os líquidos, “diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade”³⁸². Os fluidos “não fixam espaço nem prendem o tempo”³⁸³, ao passo que “os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo”³⁸⁴. Bauman considerou a fluidez ou liquidez metáforas adequadas para a captação da fase presente, “nova de muitas maneiras, na história da modernidade”³⁸⁵, tecendo a partir delas sua reflexão acerca da era moderna atual. No sentido denotativo o termo líquido remete à noção de fluidez, corrente, movimento, indeterminação, matéria que prontamente se amolda à forma do recipiente que a contém. Como se pode perceber o potencial semântico do termo desdobra-se ainda na oposição entre sólido e líquido marcando também a maneira como Bauman faz a distinção da modernidade sólida da líquida - opondo sólido e líquido³⁸⁶.

Tudo na modernidade líquida é temporário. As condições sob as quais agem seus membros, instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções, “mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir”³⁸⁷. Nesses tempos os líquidos são impedidos de se solidificarem. “O impulso de transgredir, de substituir, de acelerar a circulação de mercadorias rentáveis”³⁸⁸ não permite

³⁸⁰ Ibid., p. 7-8.

³⁸¹ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 34.

³⁸² BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**, p. 8.

³⁸³ Ibid., p. 8.

³⁸⁴ Idem.

³⁸⁵ Ibid., p. 9.

³⁸⁶ Cf. LIMA, Fernando da Mota. **Bauman, teórico do mundo líquido**. Disponível em: <https://www.revistaamalgama.com.br/06/2011/bauman-teorico-do-mundo-liquido/>. Acesso: 19/04/2018.

³⁸⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 7.

³⁸⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Vivemos tempos líquidos: Nada é para durar. Entrevista de Zygmunt Bauman à ISTOÉ, por e-mail (2009)**. Disponível em: https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/. Acesso: 22/03/2018.

“ao fluxo uma oportunidade de abrandar, nem o tempo necessário para condensar e solidificar-se em formas estáveis, com uma maior expectativa de vida”³⁸⁹.

Se na fase sólida, a antiga modernidade pesada, sólida, condensada, sistêmica³⁹⁰, se desacomodava a fim de reacomodar³⁹¹ até que se substituíssem os sólidos deficientes e defeituosos “por outro conjunto, aperfeiçoado e preferivelmente perfeito, e por isso não mais alterável”³⁹²; na fase líquida, a mudança não tem fim, ela é constante, célere e compulsiva; na fase sólida, a sociedade de produtores, “a parte útil era extraída de matérias-primas adequadamente reprocessadas, que deveria ser sólida e permanente”³⁹³; na sociedade de consumo “é a vez de as partes úteis terem vida curta, volátil e efêmera, a fim de abrir caminho para a próxima geração de produtos úteis”³⁹⁴; a identidade de uma pessoa, por exemplo, na modernidade sólida, determinava-se “pelo papel produtivo desempenhado na divisão social do trabalho, quando o Estado garantia a solidez e a durabilidade desse papel”³⁹⁵; na modernidade líquida o que se coloca no corpo é uma forma de manter-se em dia com a época de alta velocidade³⁹⁶, ou seja, busca-se a identidade não naquilo que se é, mas naquilo que se consome e exhibe.

Na sociedade de produtores onde o tempo caminhava mais lento e resistia à aceleração, “as pessoas tentavam fechar o torturante fosso entre a pobreza de uma vida curta e mortal e a riqueza infinita do universo eterno com esperanças de reencarnação ou ressurreição”³⁹⁷; no mundo líquido, “que não conhece nem admite limites à aceleração, tais esperanças podem muito bem ser descartadas”³⁹⁸. A sociedade de produtores, modelo de sociedade da fase sólida da modernidade, foi orientada para a segurança a longo prazo. Como esta última era o principal propósito e o maior valor, “os bens adquiridos não se destinavam ao consumo imediato - pelo contrário deviam ser protegidos da depreciação ou dispersão e permanecer intactos”³⁹⁹. Na era

³⁸⁹ Idem.

³⁹⁰ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**, p. 36.

³⁹¹ Cf. Ibid., p. 45.

³⁹² Ibid., p. 10.

³⁹³ BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**, p. 117.

³⁹⁴ Ibid., p. 117.

³⁹⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 51.

³⁹⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**, p. 112.

³⁹⁷ Ibid., p. 15.

³⁹⁸ Idem.

³⁹⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Vidas para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 41-43.

sólida da sociedade de produtores, “a satisfação parecia de fato residir, acima de tudo, na promessa de segurança a longo prazo, não no desfrute imediato de prazeres”⁴⁰⁰.

Na sociedade líquida não há planejamento, investimento e armazenamento de longo prazo. Os bens valiosos perdem o brilho e o poder de atração com rapidez tendo o lixo como destino a maioria das vezes⁴⁰¹. A instabilidade dos desejos e insaciabilidade das necessidades, ambas instantâneas são marcas da liquidez. Elas criam novas necessidades que exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos. O que torna líquida a modernidade, e assim justifica a escolha do nome, é sua modernização compulsiva e obsessiva, capaz de impulsionar e intensificar a si mesma.

Dissolver tudo que é sólido tem sido a característica inata e definidora da forma de vida moderna desde o princípio; mas hoje, ao contrário de ontem, as formas dissolvidas não devem ser substituídas (e não o são) por outras formas sólidas. “No lugar de formas derretidas, e, portanto, inconstantes, surgem outras, não menos - se não mais - suscetíveis ao derretimento e, portanto, também inconstantes”⁴⁰². Bauman afirma que nessa sociedade, ao contrário do que ocorria na sociedade de produtores, as pessoas são cada vez mais moldadas como consumidoras⁴⁰³.

Bauman sabe que os seres humanos sempre foram consumidores:

Aparentemente, o consumo é algo banal, até mesmo trivial. É uma atividade que fazemos todos os dias, por vezes de maneira festiva, ao organizar um encontro com os amigos, comemorar um evento importante ou para nos recompensar por uma realização particularmente importante - mas a maioria das vezes é de modo prosaico, rotineiro, sem muito planejamento antecipado nem reconsiderações⁴⁰⁴.

Mas a sua conclusão e crítica acerca da mentalidade da sociedade de consumidores⁴⁰⁵ é mais profunda e não se refere ao mero consumo como uma característica e uma ocupação dos seres humanos. Sua análise refere-se à ruptura de enormes consequências que, segundo ele, “merecia o nome de revolução consumista”⁴⁰⁶. É o momento em que o consumo se tornou central para a vida das pessoas assumindo “o papel-chave que na sociedade de produtores era

⁴⁰⁰ Ibid., p. 43.

⁴⁰¹ Ibid., p. 45.

⁴⁰² BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**, p. 16.

⁴⁰³ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**, p. 72.

⁴⁰⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Vidas para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria, p. 37.

⁴⁰⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Babel**: entre a incerteza e a esperança, p. 32.

⁴⁰⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Vidas para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria, p. 38.

exercido pelo trabalho”⁴⁰⁷. “A capacidade de ‘querer’, ‘desejar’, ‘ansiar por’ e particularmente de experimentar tais emoções repetidas vezes de fato passou a sustentar a economia’ do convívio humano”⁴⁰⁸. O fenômeno atual do consumo individual realizado no ambiente de uma sociedade de consumidores é analisado como atributo da sociedade⁴⁰⁹.

A lógica da sociedade de consumidores é a de uma sociedade que interpela, julga e avalia seus membros pela sua capacidade e suas condutas relacionadas ao consumo. Dizer ‘sociedade de consumidores’, é dizer que “a percepção e o tratamento de praticamente todas as partes do ambiente social e das ações que evocam e estruturam tendem a ser orientados pela ‘síndrome consumista’ de predisposições cognitivas e avaliativas”⁴¹⁰. Fica marcada a distinção de definição entre consumo e consumismo. Consumo é a prática que leva as pessoas à aquisição de algo relacionado à necessidade e/ou sobrevivência; com o consumismo essa relação é quebrada pelo ato da pessoa consumir ilimitadamente sem nem precisar daquilo que está comprando.

Pode-se dizer que o consumismo é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, neutros quanto ao regime, transformando-os na principal força propulsora operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto-identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais⁴¹¹.

“A sociedade de consumo tem por premissa satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pôde realizar ou sonhar”⁴¹². A vida nesta sociedade é organizada em torno do lucro e da sedução imediata⁴¹³; é orientada por desejos sempre crescentes e querereres voláteis - não mais por regulação normativa⁴¹⁴. O mundo se apresenta “como um imenso contêiner de futuros objetos de consumo”⁴¹⁵. Na modernidade líquida, qualquer atividade que se faça, seja qual for o nome que receba, é uma atividade nos padrões do ir às compras, ou seja, “o código em que nossa ‘política vida’ está escrito deriva da

⁴⁰⁷ Ibid., p. 41.

⁴⁰⁸ Ibid., p. 38-39.

⁴⁰⁹ Cf. Ibid., p. 41.

⁴¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**, p. 108.

⁴¹¹ BAUMAN, Zygmunt. **Vidas para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria, p. 41.

⁴¹² BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**, p. 105.

⁴¹³ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**, p. 150.

⁴¹⁴ Cf. Ibid., p. 99.

⁴¹⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Babel**: entre a incerteza e a esperança, p. 33.

pragmática do comprar”⁴¹⁶. O comprar compulsivo “é o ritual feito à luz do dia para exorcizar as horrendas aparições da incerteza e da insegurança que assombram as noites”⁴¹⁷.

A modernidade líquida (= modernidade de consumidores) é tão sagaz, indomável e cruelmente engenhosa que não pretende que nada escape de sua desregulada fragmentação. Bauman se interessou em compreender quais as consequências dessa situação metaforizada pelos sólidos e líquidos para a lógica do ser humano com seu cotidiano e concluiu que a síndrome do consumo degradou a duração e promoveu a transitoriedade; encurtou drasticamente o lapso de tempo que separa o querer do obter⁴¹⁸; colocou o valor da novidade acima do valor da permanência “em proveito de sua contínua e crescente fluidez, principal fonte de sua força e garantia de sua invencibilidade”⁴¹⁹.

Esse formato de modernidade nutrido por uma globalização totalmente negativa⁴²⁰ atingiu em cheio as relações humanas proporcionando a liquefação “dos padrões de independência e interação”⁴²¹ que em pouco tempo perdem a forma. Os laços humanos que formavam o fundamento epistemológico da experiência de comunidade foram derretidos e em seus lugares foram colocados os mais diversos tipos de incerteza, de obscuros medos e premonições em relação ao futuro que assombram os homens e mulheres no ambiente fluído e em perpétua transformação causando divisão e sofrimento⁴²².

Em suma: foi-se a maioria dos pontos firmes e solidamente marcados de orientação que sugeriam uma situação social que era mais duradoura, mais segura e mais confiável do que o tempo de uma vida individual. Foi-se a certeza de ‘nos veremos outra vez’, de que nos encontraremos repetidamente e por longo porvir - e com ela a de que podemos supor que a sociedade tem uma longa memória e de que o que fazemos aos outros hoje virá a nos confortar ou perturbar no futuro; de que o que fazemos aos outros tem significado mais do que episódico, dado que as consequências de nossos atos permanecerão conosco por muito tempo depois do fim aparente do ato – sobrevivendo nas mentes e feitos de testemunhas que não desaparecerão⁴²³.

No líquido cenário da cultura consumista, a experiência amorosa, à semelhança de outras mercadorias, é produto favorecido para uso imediato: o prazer é passageiro, a satisfação

⁴¹⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**, p. 95.

⁴¹⁷ Ibid., p. 105.

⁴¹⁸ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**, p. 109.

⁴¹⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**, p. 23.

⁴²⁰ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**, p. 126.

⁴²¹ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**, p. 14

⁴²² Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**, p. 48.

⁴²³ Ibid., p. 47.

é instantânea, os resultados não podem exigir esforços prolongados⁴²⁴. Como resultado tem-se “um cemitério de esperanças destruídas e expectativas frustradas, e o caminho à frente está salpicado de relacionamentos frágeis e superficiais”⁴²⁵. As relações humanas já não são mais espaços de certeza, tranquilidade e conforto espiritual, mas fontes de ansiedade perpétua e contínuo estado de alerta. A modernidade tornou-se habitat natural do medo cada vez mais difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claros⁴²⁶. Vive-se num “ensaio diário de desaparecimento, sumiço, extinção e morte”⁴²⁷.

Os perigos dos quais se tem medo (e também medos derivados que estimulam) podem ser de três tipos. Alguns ameaçam o corpo e as propriedades. Outros são de natureza mais geral, ameaçando a durabilidade da ordem social e a confiabilidade nela, da qual depende a segurança do sustento (renda, emprego) ou mesmo da sobrevivência no caso de invalidez ou velhice. Depois vêm os perigos que ameaçam o lugar da pessoa no mundo – a posição na hierarquia social, a identidade (de classe, de gênero, étnica, religiosa) e, de modo mais geral, a imunidade à degradação e à exclusão sociais⁴²⁸.

Em oposição ao hábitat natural da cultura de partilha - a família, a vizinhança, as comunidades ao velho estilo da pré-modernidade - surgiram as redes virtuais da internet que, diferentemente dos relacionamentos que despertavam cooperação amigável geradoras de compromissos de longo prazo, estabeleceram relações descartáveis e compromissos revogáveis⁴²⁹. Bauman assevera que nesses tempos há uma preferência por investir as esperanças em redes “em vez de parcerias, esperando que em uma rede sempre haja celulares disponíveis para enviar e receber mensagens de lealdade”⁴³⁰. Há uma busca de salvação nas redes⁴³¹. Afinal, interroga Bauman, se na qualidade não é possível confiar “quem sabe a salvação não está na quantidade? Se todo relacionamento é frágil, quem sabe o recurso de multiplicar e acumular relacionamentos não vai tornar o terreno menos traiçoeiro?”⁴³².

A rede, comparada por Bauman a um condomínio fechado cercado por muros que o separam do mundo lá fora⁴³³, que oportuniza as relações virtuais, não é um espaço tecido para

⁴²⁴ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**, p. 21-22.

⁴²⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**, p. 94.

⁴²⁶ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**, p. 8.

⁴²⁷ *Ibid.*, p. 13.

⁴²⁸ *Ibid.*, p. 9.

⁴²⁹ Cf. *Ibid.*, p. 11.

⁴³⁰ BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**, p. 94.

⁴³¹ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**, p. 75.

⁴³² *Ibid.*, p. 75.

⁴³³ BAUMAN, Zygmunt. **Babel: entre a incerteza e a esperança**, p. 86.

debates de ideias e de preferências, muito menos é um espaço para quem pensa diferente ou que tenham opiniões estranhas. As comunidades virtuais não conseguem dar substância à identidade pessoal. Ao contrário, tornam mais difícil para a pessoa chegar a um acordo com o próprio eu. As identidades não são para ser mantidas, mas sim exibidas, usadas⁴³⁴. Sem referências e identidade, os usuários são presas fáceis dos provedores de internet, que por sua vez são patrocinados para criar e aplicar tecnologias de ponta hábeis e rápidas na identificação dos padrões de preferências do público cliente/alvo para satisfazer - sem que haja pedidos ou perguntas - o impulso consciente ou inconsciente na direção do grupo de pares⁴³⁵.

Como se pode perceber, a sociedade líquido-moderna não pensa senão nos lucros. Como as instituições responsáveis pela educação vitalícia do consumidor são incontáveis e ubíquas, a sociedade líquida, protagonizada por seus mercados, desvaloriza tudo que seja durável, permanente e que tenha longo prazo.

Hoje em dia, um século e meio depois, somos consumidores numa sociedade de consumo. A sociedade de consumo é a sociedade do mercado. Todos estamos *dentro* e *no* mercado, ao mesmo tempo clientes e mercadorias. Não admira que o uso/consumo das relações humanas, e assim, por procuração, também de nossas identidades (nós nos identificamos em referência a pessoas com as quais nos relacionamos), se emparelhe, e rapidamente, com o padrão de uso/consumo de carros, imitando o ciclo que se inicia na aquisição e termina no depósito de supérfluos⁴³⁶.

A sociedade líquida prospera em condições de insegurança. Ela aproveita os medos e o sentimento de desamparo dos seres humanos⁴³⁷ e lhes oferece a cura através de produtos destinados aos consumidores “temerosos e amedrontados, esperançosos de que os perigos que temem sejam forçados a recuar graças a eles mesmos (com ajuda remunerada, obviamente)”⁴³⁸. “A ideia de ‘progresso’ agora representa principalmente a ameaça de mudança implacável e inescapável”⁴³⁹. Não há descanso para as rotinas quando há iminência de mudança não prevista e não planejada. O dejetos do progresso é a exclusão⁴⁴⁰. Seus membros têm necessidade de “correr com todas as forças para permanecer no mesmo lugar, longe da lata de lixo que constitui o destino dos retardatários”⁴⁴¹, afinal, para os consumidores da líquida sociedade moderna, “a

⁴³⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**, p. 96.

⁴³⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Babel: entre a incerteza e a esperança**, p. 86-87.

⁴³⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**, p. 98.

⁴³⁷ *Ibid.*, p. 176.

⁴³⁸ *Ibid.*, p. 15.

⁴³⁹ *Ibid.*, p. 181.

⁴⁴⁰ *Cf. Ibid.*, p. 181.

⁴⁴¹ BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**, p. 10.

perspectiva de ‘viver-para-o-depósito-de-lixo’ pode ser a preocupação mais imediata e consumidora de energia e trabalho”⁴⁴².

Praticar a arte da vida, fazer de sua existência uma “obra de arte”, significa, em nosso mundo líquido-moderno, viver num estado de transformação permanente, autorredefinir-se perpetuamente tornando-se (ou pelo menos tentando se tornar) uma pessoa diferente daquela que se tem sido até então. “Tornar-se outra pessoa” significa, contudo, deixar de ser quem se foi até agora, romper e remover a forma que se tinha, tal como uma cobra se livra de sua pele ou uma ostra de sua concha; rejeitar, uma a uma, as personas usadas – que o fluxo constante de “novas e melhores” oportunidades disponíveis revela serem gastas, demasiado estreitas ou apenas não tão satisfatórias quanto foram no passado. Para apresentar em público um novo eu e admirá-lo no espelho e nos olhos dos outros, é preciso tirar o velho das vistas, nossas e de outras pessoas, e possivelmente também da memória, nossa e delas. Ocupados com a auto-definição e a autoafirmação, nós praticamos a destruição criativa diariamente⁴⁴³.

A modernidade fluida também manipulou a eternidade. Não há porque se preocupar com ela. “A preocupação com o ‘agora’ não deixa espaço para o eterno nem tempo para refletir sobre ele”⁴⁴⁴. A ideia de eternidade é rejeitada, porque o que importa é velocidade e não duração⁴⁴⁵. “Com velocidade certa, pode-se consumir toda a eternidade do presente contínuo da vida terrena”⁴⁴⁶. Por isso “o truque é comprimir a eternidade de modo a ajustá-la, inteira, à duração de uma existência individual”⁴⁴⁷. A “duração perpétua ou valor permanente, imune ao fluxo do tempo, não tem fundamento na experiência humana”⁴⁴⁸. Foi dada a solução para a incerteza de uma vida mortal em um universo imortal: “agora é possível parar de se preocupar com as coisas eternas sem perder as maravilhas da eternidade. Com efeito, ao longo de uma vida mortal é possível extrair tudo aquilo que a eternidade poderia oferecer”⁴⁴⁹.

O medo da morte agora é uma empresa promissora geradora de lucro⁴⁵⁰. Na verdade, “o medo da metafórica ‘morte de segundo grau’ é, no final das contas, o horror de ser excluído”⁴⁵¹, de ser eliminado da competição sem aviso prévio. A morte não é mais imaginada como uma passagem do transitório ao eterno, nem é contemplada como um portal para a

⁴⁴² Ibid., p. 18.

⁴⁴³ BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 99-100.

⁴⁴⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**, p. 79.

⁴⁴⁵ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**, p. 15.

⁴⁴⁶ Ibid., p. 15.

⁴⁴⁷ Ibid., p. 15.

⁴⁴⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**, p. 79.

⁴⁴⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**, p. 15.

⁴⁵⁰ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**, p. 72-73.

⁴⁵¹ Ibid., p. 66.

imortalidade⁴⁵². Tem sua finalidade negada pelo “viva sua vida terrena de maneira a ganhar a felicidade na vida após a morte”⁴⁵³. Não é mais a morte física que deve ser temida, mas sim os perigos que podem vazar de qualquer canto ou fresta dos lares e do planeta provocando um sentimento de impotência⁴⁵⁴. “O pensamento do futuro, hoje, mais frequentemente, a ideia de uma catástrofe iminente, mas não a de uma vida mais confortável”⁴⁵⁵.

Nós estamos assustados: “progresso”, para nós, significa uma constante ameaça de ser chutado para fora de um carro em aceleração. De não descer ou embarcar a tempo. De não estar atualizado com a nova moda. De não abandonar rapidamente o suficiente habilidades e hábitos ultrapassados e de falhar ao desenvolver as novas habilidades e hábitos que os substituem. Além disso, ocupamos um mundo pautado pelo “agora”, que promete satisfações imediatas e ridiculariza todos os atrasos e esforços a longo prazo. Em um mundo composto de “agoras”, de momentos e episódios breves, não há espaço para a preocupação com “futuro”. Como diz um outro provérbio inglês: “Vamos cruzar essa ponte quando chegarmos a ela”. Mas quem pode dizer quando (e se) chegar e em que ponte?⁴⁵⁶.

Segundo Bauman, a liquidez da vida e da sociedade se alimenta e se revigora mutuamente. A vida está obrigada a não manter a forma e a não permanecer em seu curso por muito tempo⁴⁵⁷. Esta vida líquida é uma vida de consumo, e da mesma forma que os objetos perdem a utilidade e são removidos do espaço da vida de consumo, ela também se torna imprópria para o consumo⁴⁵⁸. Nesta sociedade, onde viver é ir às compras, a vida é guiada pela lógica do custo-benefício e a sobrevivência e o bem-estar dos habitantes desta sociedade “dependem da rapidez com que os produtos são enviados aos depósitos de lixo e da velocidade e eficiência da remoção dos detritos”⁴⁵⁹. Aliás, diz Bauman, “o lixo é o principal e comprovadamente o mais abundante produto da sociedade líquido-moderna de consumo”⁴⁶⁰. A indústria de produção de lixo é a mais sólida e a que segue imune a crises.

O mercado recebeu a função de “intermediário nas cansativas atividades de estabelecer e cortar relações interpessoais, aproximar e separar pessoas, conectá-las e desconectá-las, datá-

⁴⁵² Ibid., p. 65.

⁴⁵³ Ibid., p. 47.

⁴⁵⁴ Ibid., p. 31.

⁴⁵⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Contra a Europa da suspeita e para encontrar saída, escutem o Papa.**

⁴⁵⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Vivemos tempos líquidos: Nada é para durar.**

⁴⁵⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**, p. 7.

⁴⁵⁸ Cf. Ibid., p. 16-17.

⁴⁵⁹ Ibid., p. 9.

⁴⁶⁰ BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**, p. 17.

las e deletá-las do diretório de texto”⁴⁶¹. O que ele toca transforma-se em mercadoria de consumo. Os caminhos podem ser muitos e dispersos, mas nenhum deles deve evitar a passagem pelos shoppings centers, lojas, mercados - santuários dos consumidores, lugares de comprar e vender. Os processos de vida são matéria de marketização e oportunidades para difusão de padrões de consumo que abrangem todos os aspectos e atividades.

2.1 A Liturgia no mundo líquido moderno

Com as lentes de Bauman, fica evidente que os tempos que envolvem a sociedade são outros marcados por profundas transformações. O mercado internalizou em cada indivíduo consumidor o desejo de possuir as coisas de maneira desenfreada e desnecessária. Assim, construída a partir do indivíduo e de seu desenvolvimento sem ligação essencial com os outros, a sociedade consumista e o seu modo de produção e distribuição de mercadorias, geram a exclusão das grandes majorias. O individualismo, e não a comunhão é o que alimenta essa dinâmica⁴⁶². Está instaurada há muito tempo uma ditadura global da economia⁴⁶³ como “a nova forma abusiva de domínio econômico nos planos social, cultural e até político”⁴⁶⁴.

As consequências desta ditadura são cada vez mais concretas: o vazio de ideais e de valores; esmorecimento do sentido da Verdade e crescimento do relativismo moral; não raro parece que prevalece uma ética individualista, utilitária, sem pontos de referência firmes; as preocupações pelos inúmeros problemas materiais, mesmo sendo muitas vezes legítimas, absorvem as relações e as tornam arrefecidas, difíceis⁴⁶⁵, distorcidas e debilitadas⁴⁶⁶. Ocupa o primeiro lugar aquilo que é exterior, imediato, visível, rápido, superficial, provisório. O real cede o lugar à aparência⁴⁶⁷. Trata-se de uma tirania que governa “com o chicote do medo, da desigualdade, da violência financeira, social, cultural e militar que gera cada vez mais violência numa espiral descendente que parece infinita”⁴⁶⁸. No processo de globalização do consumo, “o

⁴⁶¹ Ibid., p. 116.

⁴⁶² Cf. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Desafios éticos da globalização**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 75-76.

⁴⁶³ Cf. PIO XI. **Carta Encíclica Quadragesimo Anno (15 de maio de 1931. Doravante QA)**, 109. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html. Acesso em: 05/04/2018.

⁴⁶⁴ PAULO VI. **Carta Apostólica Octogesima Adveniens (14 de maio de 1971. Doravante OA)**, 44. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html. Acesso em: 05/04/2018.

⁴⁶⁵ JOÃO PAULO II. **Mensagem para o dia missionário mundial (18 de Outubro de 1998)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/missions/documents/hf_jp-ii_mes_31051998_world-day-for-missions-1998.html. Acesso em: 05/04/2018.

⁴⁶⁶ Cf. EG 67.

⁴⁶⁷ EG 62.

⁴⁶⁸ FRANCISCO. **Discurso aos participantes do Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades (27 de novembro de 2014)**. Disponível em:

absolutismo da técnica tende a produzir uma incapacidade de perceber aquilo que não se explica meramente pela matéria”⁴⁶⁹.

A passagem do capitalismo pesado ao leve e da modernidade sólida à fluida degenerou os laços e as parcerias que neste formato tendem a ser vistos como artigos destinados ao consumo sujeitas aos mesmos critérios de avaliação dos outros objetos à disposição no mercado. Os relacionamentos são impactados novamente pelo *modus vivendi* do consumo que modelam ideias, crenças, imaginários, valores, comportamentos apontando para uma nova maneira de conceber a relação com as pessoas. São relacionamentos em rede revelados frágeis que aumentam o recuo de interação com pessoas reais, ou com presenças carnis criando comunidades extraterritoriais e instantâneas, imediatamente experimentáveis e descartáveis, espaços de segurança onde é vetada a presença de intrusos que podem causar surpresas desagradáveis e prejuízos. Comunidades que na verdade, significam isolamento, separação, muros protetores e portões vigiados que garantem a ausência do indesejado. Isto tudo não é sem razão numa sociedade de cartões de créditos que eliminam as distâncias e atenuam obstáculos entre a espera e o desejo⁴⁷⁰.

A crise enfrentada, atribuída em grande parcela, à crise da modernidade que, apesar das inegáveis conquistas, acarretou frustrações e desregulamentação social, não isentou a Igreja e sua prática pastoral secular. Oficialmente não se vive mais no tempo da cristandade e a Igreja não é mais a única que produz cultura, nem a primeira, nem a mais ouvida⁴⁷¹. São muitos os desafios lançados para a comunidade cristã agora sem as âncoras sociais que as faziam parecer natural. Houve uma mudança de uma sociedade protegida, fechada, mantida dentro de uma tradição estável para uma sociedade aberta, pluralista, exigindo mais das decisões livres das pessoas⁴⁷²; uma sociedade que criou um mundo fictício, gratificante, envolvente; com a ausência de referência territorial e falta de compartilhamento de vida; um refúgio alienante que distancia do contato com a riqueza incomparável da experiência irreversível⁴⁷³. Passou-se de a

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html. Acesso: 14/05/2018.

⁴⁶⁹ BENTO XVI. **Carta encíclica Caritas in Veritate sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade (29 de junho de 2009)**. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2009, 77.

⁴⁷⁰ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**, p. 54.

⁴⁷¹ Cf. FRANCISCO. **Discurso aos participantes do Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades (27 de novembro de 2014)**.

⁴⁷² LIBANIO, João Batista. **Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação**, op. cit., p. 81.

⁴⁷³ Cf. SPADARO, Antonio. **Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 126.

uma sociedade que gravita em torno do consumo em torno do qual as pessoas se localizam e vivem; onde o produto não é o centro, mas a cultura que se cria em torno dele⁴⁷⁴.

No campo da Teologia Litúrgica, compreende-se que a Liturgia, apesar de sua fundação divina, de cunho ritual e simbólico e de ação profundamente inculturada, enfrenta uma sociedade líquida de ambíguo progresso onde as tradições religiosas encontram-se disponíveis de maneira nunca vistas – em livros, mídias, e até pessoalmente⁴⁷⁵. Isto faz da diversidade religiosa um fenômeno global invadido, inclusive, pelo capitalismo que estabeleceu um regime de salvação que engloba todas as dimensões da vida, inclusive a religião que pode ser pensada em termos de custos benefícios, retornos do investimento e coisas afins⁴⁷⁶; que se flexibiliza “em termos de mudança de seus produtos no sentido de adequá-los da melhor maneira possível para a satisfação da demanda religiosa dos indivíduos”⁴⁷⁷.

Considere-se a constatação feita por João Paulo II quando se dirigiu à Igreja na Europa em sua Exortação Apostólica Pós-sinodal *Ecclesia in Europa*. Lendo a realidade da Igreja na Europa, o Papa verificou que o contexto é de uma sociedade fechada ao transcendente, imersa em comportamentos consumistas, “presa fácil de antigas e novas idolatrias”⁴⁷⁸. É notório que a conclusão à qual chega o Papa é proveniente de uma globalização de todas as formas, inclusive da forma de se relacionar com o divino, o que toca em cheio a vida da Igreja, dos fiéis e a forma de vivenciar o mistério divino na história humana.

Nas sociedades contemporâneas, em que os indivíduos são crescentemente orientados para decidir livremente a respeito de que modelo de religiosidade vão adotar (quando escolhem um), o que as organizações religiosas oferecem tem que ser atrativo para os potenciais consumidores. Assim, o ethos do consumo - que prevalece em termos de sociedade inclusiva - e o pluralismo do campo religioso são elementos fundamentais para entender como a lógica mercadológica determina a dinâmica de transformações dos modelos de religiosidade⁴⁷⁹.

⁴⁷⁴ Cf. BALBINOT, Rodinei. **Metodologia pastoral: mística do discípulo missionário**. São Paulo, 2009, p. 11.

⁴⁷⁵ BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 68.

⁴⁷⁶ Cf. *Ibid.*, p. 146-147.

⁴⁷⁷ GUERRA, Lemuel. **As Influências da Lógica Mercadológica sobre as Recentes Transformações na Igreja Católica**. Revista de Estudos da Religião (REVER) n. 2, 2003, p. 1. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2003/p_guerra.pdf. Acesso em: 10/09/2018.

⁴⁷⁸ JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Europa* sobre Jesus Cristo, vivo na sua Igreja, fonte de esperança para a Europa (28 de Junho de 2003)**, 69. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20030628_ecclesia-in-europa.html. Acesso em: 05/04/2018.

⁴⁷⁹ GUERRA, Lemuel. **As Influências da Lógica Mercadológica sobre as Recentes Transformações na Igreja Católica**, p. 1.

A sociedade caracterizada por Bauman como líquida gerou pessoas anônimas, marginalizadas, coisificadas, oprimidas pelos *mass media*, pelo ritmo frenético e capital de vida baseada nas máquinas de produção de massa e pela desintegração familiar. Isto implica a ação litúrgica da Igreja que será diferente nas várias realidades de vida (campo, cidade, metrópoles, áreas de turismo, etc.). A liquefação em vista da obtenção de lucros a qualquer custo, acarretou a perda do sentido da santidade e do pecado atingindo em cheio a expressão religiosa, exigindo da reflexão e práxis litúrgica uma cuidadosa síntese para encontrar o verdadeiro sentido da vida e onde estar alicerçada. O individualismo e a privatização da vida espiritual mudaram a mentalidade das comunidades e já foram assumidos pelas liturgias católicas proliferando fanatismo e alienação, além da promessa de milagres tendo como retribuição a compra de produtos.

A análise feita por Bauman faz visualizar que a dinâmica mercadológica entrou na liturgia que sutilmente tem levado em conta o perfil dos fiéis consumidores para moldar a mensagem, os estilos de celebração, o conjunto de práticas sacramentais, as homilias etc., para atender as demandas dos indivíduos. É perceptível a pressa em encontrar algo para satisfazer a vontade dos consumidores na clara competição do mercado fragmentado de religiosidade⁴⁸⁰. A liquidez se caracteriza no atendimento das preferências e desejos dos prováveis consumidores de religião. Pensando nestas demandas, o cenário mercadológico religioso se impõe à proposta litúrgica e esta entra no rol de um público que recebeu o poder de controle de consumidor sobre o produto a ser comercializado⁴⁸¹. Acontece que se introduziu sorrateiramente “a dinâmica da preferência do consumidor na esfera religiosa. Os conteúdos religiosos tornam-se sujeitos à ‘moda’”⁴⁸². Assim, a sociedade das novidades contínuas e líquidas, junto com o princípio de mutabilidade inimigo visceral do tradicionalismo religioso, das inúmeras ofertas de consumo liquidifica os espaços vazios onde ressoe a voz de Deus tornando “cada vez mais difícil manter as tradições religiosas como verdades imutáveis”⁴⁸³.

Nesse contexto, apreciam-se várias formas de espiritualidade do bem-estar sem comunidade, teologia da prosperidade sem compromissos fraternos e experiências subjetivas sem rostos⁴⁸⁴. As comunidades de rede derrotam o real com a simulação, anulam os confrontos com seu baixo nível de risco e produzem uma prática religiosa individual que confirma o

⁴⁸⁰ Cf. Idem.

⁴⁸¹ Cf. ⁴⁸¹ BERGER, Peter. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião, p. 188.

⁴⁸² Ibid., p. 189.

⁴⁸³ Ibid., p. 189.

⁴⁸⁴ Cf. EG 90.

individualismo extremo da sociedade de consumo em que vale o ditado cada um por si e Deus por todos. No mundo onde o medo é uma indústria rentável, a simulação de vida virtual leva a melhor por permitir que tudo permaneça sob o controle, manipulável e reversível. Esta liquefação cria isolamento, e conseqüentemente origina um modelo de comunidade de curta duração e completamente sem perspectiva onde a proximidade já não garante a intensidade da interação⁴⁸⁵. O consumismo hedonista faz com que cada um se concentre em si mesmo sem compromisso que tire o direito de tempo livre para desfrutar das benesses terrenas.

A vida nessas comunidades torna-se eventual de vínculos sem consequência⁴⁸⁶. Precisam sempre de um espetáculo que apele a interesses semelhantes em indivíduos diferentes que os reúna durante certo tempo em que outros interesses são postos de lado. Proporcionam alívio imediato temporário às agonias de solitárias lutas cotidianas. Nesta ambiência líquida o ser humano, alimentado e ancorado no discurso consumista, vive a sua vida sem questionamentos acerca do que acontece à sua volta. É só um espectador e não pode jamais ser protagonista. O consumo é resposta às suas insatisfações.

Intimismo e individualismo invadem as casas por meio de celebrações que não estão preocupadas com o rito, mas somente em ser apresentáveis aos telespectadores dando a compreensão de celebrações desligadas do mundo e da história feitas para distrair-se da vida real sem o natural compromisso do cristão de agir também no temporal. Vive-se o drama da falta de gratuidade refletido na lista de preços expostas com facilidade nas repartições eclesiais; vive-se também em algumas liturgias o drama da busca da novidade pela novidade, a busca de coisas novas para vencer o tédio, próprio do ritmo célere da sociedade de consumo. “Tudo se enche de palavras, prazeres epidérmicos e rumores a uma velocidade cada vez maior”⁴⁸⁷.

A Constituição Litúrgica tem na valorização da mediação ritual, enquanto ação comunitária, participada e dialógica, seu grande critério aglutinador. Mas o contexto cultural midiático de imediatez problematiza o apelo da reforma fazendo o potencial mediador da comunidade sua primeira vítima⁴⁸⁸. A comunidade ritual é atingida pela imediatez midiática

⁴⁸⁵ Cf. LOPES, Antônio de Lisboa Lustosa. Entre a cidade e as comunidades: uma leitura sócio-pastoral. In: SILVA, Geoval Jacinto da (org.). **Itinerário para uma pastoral urbana. Ação do povo de Deus na cidade**. São Bernardo do Campo: EDITEO; UMEESP, 2008, p. 26-29.

⁴⁸⁶ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual, p. 67.

⁴⁸⁷ FRANCISCO. **Exortação Apostólica Gaudete et Exultate** sobre a chamada à santidade no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2018, 29.

⁴⁸⁸ Cf. CARDITA, Ângelo Manuel dos Santos. **Reforma litúrgica para quê?: revisitando a Sacrosanctum Concilium**. São Paulo: Edições Loyola, 2018, p. 114-115.

que cria novos ritos virtuais e opera como mediação espiritual criando a autorreferencialidade espiritual da subjetividade⁴⁸⁹. A comunidade ritual necessita da experiência corporal do tempo e do espaço; “os meios tecnológicos tendem para virtualização do espaço e para a instantaneização do tempo, promovendo, ao mesmo tempo, a diluição da corporeidade pela sua inflação icônica”⁴⁹⁰.

A presidência litúrgica nesses tempos líquidos tornou-se um grande desafio dada a qualidade exigida para tal, uma vez que quem preside o faz *in persona Christi*, mas também *in persona Ecclesiae*. Na onda do consumo e da aparência ocorrem com frequência os abusos que ferem a natureza da liturgia como ação de Deus. Na era dos espetáculos Deus é emudecido pelo protagonismo excêntrico de algumas presidências litúrgicas que ofuscam a nobre simplicidade da liturgia⁴⁹¹. Esquece-se que na liturgia adentra-se na oração sob a inspiração do Espírito Santo para se unir ao diálogo de Cristo com o Pai⁴⁹². Por ser oração, celebra-se bem quando se faz em atitude orante, “unindo-nos ao mistério de Cristo e ao seu diálogo de Filho com o Pai”⁴⁹³. É dessa maneira que as pessoas são atraídas.

Em muitas situações, os ministros se tornam estrelas imitando os tipos da TV e desfiguram sua marca principal que é a de serem servos (cf. Lc 22,27). O primado de Deus é ignorado⁴⁹⁴. Este deveria ser o antídoto para não se cair na tristeza, na impaciência e na ansiedade⁴⁹⁵, mas a necessidade de alcançar um lugar ao sol pela autoafirmação egocêntrica⁴⁹⁶ tem chamado atenção para a leveza do Evangelho, a convicção de que Jesus basta, e que não é necessário adicionar atrativos, por vezes estranhos à simplicidade do Evangelho. A rigor, por conta própria, cancela-se o princípio da comunhão com o conjunto da Igreja para trafegar nas invencionices de cultos à parte, acrescidos de elementos humanos que levam à presunção, ao triunfalismo que se gloria de si mesmo em vez de louvar a Deus. A ação de Deus (*actio Dei*) que envolve em Jesus por meio do Espírito, é manipulada no seu fundamento numa negligência

⁴⁸⁹ Cf. *Ibid.*, p. 116.

⁴⁹⁰ *Ibid.*, p. 115.

⁴⁹¹ Cf. SC 34.

⁴⁹² BENTO XVI. **Encontro com os párocos e o clero da Diocese de Roma no início da Quaresma (Quinta-feira, 22 de fevereiro de 2007)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20070222_clergy-rome.html. Acesso em: 15/10/2018.

⁴⁹³ *Idem*.

⁴⁹⁴ Cf. EG 12.

⁴⁹⁵ Cf. EG 10.

⁴⁹⁶ GUEDES, José Otácio Oliveira. A novidade do cristianismo na *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais**. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p. 170.

total de que a mesma não está à mercê do arbítrio humano e não pode suportar a chantagem das modas passageiras⁴⁹⁷.

Diga-se logo que a Liturgia é estabelecida pela Igreja e o clero e os fiéis não são seus proprietários, mas servidores. Nesse sentido, mesmo que as novas formas litúrgicas tenham sido concebidas com certa elasticidade que possa permitir a adaptação e, por conseguinte, melhor eficácia pastoral, isso não significa que se pode agir com toda a liberdade e reconstruir a seu gosto os ritos sagrados da Igreja. Lembra-se aqui que em primeiro lugar, é preciso considerar que a faculdade de fazer adaptações na liturgia foi dada pela Igreja aos bispos e às Conferências Episcopais.

Admita-se que “hoje em dia a língua litúrgica já não diz muito às pessoas. Para muitas, as orações e prefácios são incompreensíveis”⁴⁹⁸. Alguns padres tentam resolver essa situação reformulando as preces de forma pessoal, usando uma linguagem coloquial que não corresponde à própria da missa, mas o resultado não é melhor. Muitas vezes Também a liturgia pode ser diluída se o padre sentir necessidade de comentar e explicar e tudo⁴⁹⁹. Este abandonar os livros litúrgicos para improvisar orações coleta, sobre as oferendas, prefácios, pós-comunhão e até bênçãos, junto com distribuir no momento da comunhão eucarística bolachas com suco de uva para as crianças ou adultos considerados inaptos para comungar, enquanto os tidos como perfeitos comungam; entrar para celebrar a missa sobre uma bicicleta⁵⁰⁰; tirar os paramentos no presbitério e sair com a camisa do time do coração⁵⁰¹; saudação da assembleia num passeio de skate elétrico⁵⁰²; colocar a hóstia consagrada num drone⁵⁰³; tudo isso é só parte do elenco das criatividadees líquidas que negam a solidez da liturgia e degeneram seus ritos sagrados. A criatividade litúrgica é dada dentro dos limites do que é liturgia - ação de Deus, Ele é o protagonista. Por isso é bom conhecer seja as instruções de cada livro litúrgico, pois elas dão várias possibilidades de se executar, até com criatividade o próprio rito.

⁴⁹⁷ Cf. SCa 37.

⁴⁹⁸ GRÜN, Anselm. **Falar e silenciar**: por uma nova cultura do diálogo atencioso. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 76.

⁴⁹⁹ Cf. Idem.

⁵⁰⁰ **A Missa da Bicicleta**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZbC3PQ3t1jo>. Acesso em: 26/06/2018.

⁵⁰¹ **Padre apóstata tira as vestes no presbitério, beija a camisa do time e sai no final da Missa**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8MhaqnIO5io>. 26/06/2018.

⁵⁰² **Padre recebe punição após celebrar missa em hoverboard**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U8Gi3dpRd4w>. 26/06/2018.

⁵⁰³ **TV SOROCABA/SBT. Drone usado em igreja vira polêmica**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WL3siy7aU4I>. Disponível em: Acesso em: 26/06/2018.

A simplicidade dos gestos e a sobriedade dos sinais, situados na ordem e nos momentos previstos, comunicam e cativam mais do que o artificialismo de adições inoportunas⁵⁰⁴. Contudo, a beleza, que não é apenas formalismo estético, mas que se fundamenta na simplicidade nobre⁵⁰⁵, capaz de manifestar a relação entre os elementos humano e o divino da Liturgia, é esquecida e força-se um artificialismo litúrgico. Enveredou-se numa época ruidosa que não permite que a beleza litúrgica cumpra sua meta de deixar transparecer a presença de Jesus Cristo no centro da Liturgia. Em outras palavras, como a religião, a liturgia tem se transformado num produto de consumo ofertado aos crentes no mercado à maneira que os outros bens simbólicos; seus discursos e práticas são determinados pela lógica competitiva do mercado; a força da tradição é anulada pela concorrência para quem predomina a lei da oferta e da procura de bens religiosos; a liturgia, seus símbolos, sua linguagem são transformados em categorias de consumo e, seguindo o ritmo da modernidade líquida, onde tudo flui, tornam-se descartáveis.

Nestes tempos líquidos, presenciam-se muitas vezes celebrações, especialmente missas, para encher igrejas com a justificativa de benefício espiritual. É corrente e crescente a situação em que fiéis são impedidos de ter a celebração do matrimônio com missa por conta dos horários encontrando a solução na “compra/reserva de mais horários para suprir suas necessidades. Nessas circunstâncias os fiéis são transformados em consumidores. Desconfia-se da novidade que Deus traz à vida e que verdadeiramente realiza, dá verdadeira alegria e serenidade. Dessa forma, nos tempos líquidos também na Igreja já se faz necessário repetir que a redenção é gratuita⁵⁰⁶; não se paga e dela ninguém pode ser excluído. “A salvação não se paga. A salvação não se compra. A Porta é Jesus, e Jesus é grátis!”⁵⁰⁷.

Mesmo já tendo liturgias destinadas ao consumo sem duração em si mesmas, valoradas pelo consumidor/fiel que diz se vale à pena ou não investir nesse produto; transformadas em líquidas e plásticas necessitadas de reinvenção cotidiana a partir do referencial somente humano, que desmembrado do transcendente perde sua fonte perene e vital, fica evidente que a ação ritual litúrgica não é para consumo; que não pode ser comercializada; nem deve ser

⁵⁰⁴ Cf. SCa 40.

⁵⁰⁵ Cf. SC 34.

⁵⁰⁶ FRANCISCO. Quem escandaliza o povo? (21 de novembro de 2014). In: **Homilias da manhã na Capela da Domus Sanctae Marthae**. Volume IV. Brasília: Edições CNBB, 2016, p. 177.

⁵⁰⁷ FRANCISCO. **Audiência geral (Quarta-feira, 16 de Dezembro de 2015)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20151216_udienza-generale.html. Acesso em: 11/08/2018.

alterada para ser mais rentável; ao contrário, deve ser preservada com sua solidez para poder oferecer suas riquezas.

A Liturgia é celebrada na sociedade onde a maior parte da população foi reduzida à mera consumidora; onde o amor deve ser evitado porque não compreende ajustes imediatos, soluções eternas ou devolução do dinheiro; numa mudança de época onde os seres humanos estão sozinhos para tratar das suas coisas humanas e onde o que importa são as coisas de que podem tratar⁵⁰⁸; em meio à comunidade contraditória e mutante do consumo despreocupado com quem não alcança sua perfeição diária; num contexto cultural de identidades flutuantes de pertencimentos negociáveis e revogáveis causados pelos sucessivos deslocamentos dos indivíduos; num fluxo ininterrupto de ofertas de produtos sempre novos com um intervalo reduzido entre aquisição e alienação; e sofre o embate da arte da sedução para conquistar o cliente aplicado pela sociedade de consumo.

A reforma litúrgica é uma das mais audaciosas realizações do Vaticano II. A mais esplêndida e dinâmica realização que causou na Igreja uma inesperada primavera potencialmente acentuada “à medida que os fiéis, mais conscientes de formarem o povo de Deus, se inserirem profundamente no mistério da sagrada Liturgia”⁵⁰⁹. Muitos avanços podem ser constatados após a Reforma Litúrgica: a mesa da Palavra de Deus abundante para todos nas celebrações de todos os sacramentos, principalmente da Missa⁵¹⁰; traduções da Bíblia, do Missal e dos outros livros litúrgicos apropriados para determinados países; pela participação dos fiéis que aumentou, mediante as orações, os cânticos, o comportamento e o silêncio, durante a Eucaristia e a celebração dos outros Sacramentos; as funções litúrgicas nas celebrações confiadas aos leigos, homens e mulheres, em virtude do sacerdócio comum, no qual foram constituídos por meio do Batismo e da Confirmação; as celebrações litúrgicas para as crianças, para os jovens e para os deficientes.

Estes aspectos positivos citados são motivos para a permanência fiel ao ensino da Constituição Sacrosanctum Concilium e às reformas que ela permitiu. São muitas aplicações também: omissões e acréscimos ilícitos, ritos inventados fora das normas estabelecidas, atitudes ou cânticos que em nada favorecem a fé e o sentido do sagrado. Não há dúvida de que iniciativas deste gênero desfiguram a reforma ainda em curso e privam o povo cristão das riquezas

⁵⁰⁸ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**, p. 212.

⁵⁰⁹ SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS - CONSILIIUM. Sobre o incremento da reforma litúrgica (30 de junho de 1965), n. 2300.

⁵¹⁰ Cf. DV 21; SC 51.

autênticas da liturgia da Igreja. Mas os avanços conseguidos são inegáveis, assim como é inegável também que se enfrenta um momento de impasse na relação pastoral e liturgia que não se deve ver de maneira separada. Enfrenta-se uma crise de valores diante do secularismo, consumismo, individualismo e espiritualismo que carecem de uma autêntica resposta espiritual⁵¹¹. Essas são realidades da atual modernidade geradoras de tensões na busca de uma vida comunitária eclesial e missionária.

A Liturgia pode oferecer a resposta mais profunda e eficaz diante dos anseios pelo encontro com Deus⁵¹² através da celebração dos sacramentos e dos sinais que os exprimem. As respostas que a pastoral litúrgica precisa dar para os desafios que lhes são apresentados pela modernidade ganham valioso aliado com o pensamento analítico de Zygmunt Bauman, inclusive para procurar os motivos pelos quais tantas pessoas perdem o sentido transcendental da vida e deixam as práticas religiosas com facilidade abandonando a Igreja para entrar em outros grupos religiosos⁵¹³.

A exposição feita até o momento não pretende ser uma visão pessimista, mas tem a finalidade de reafirmar a liturgia como fonte e cume de toda a vida da Igreja⁵¹⁴ chamada a ser um sinal visível e instrumento eficaz de reconciliação em meio ao estupor causado pelas reluzentes propostas do consumismo. Diante da realidade líquido-moderna, para anunciar o valor supremo de cada homem e de cada mulher a reflexão pastoral-litúrgica deverá “ter a coragem de encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra, as diversas formas de beleza que se manifestam em diferentes âmbitos culturais [...]”⁵¹⁵. A diversidade cultural do mundo também não ameaça a liturgia porque “a graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe”⁵¹⁶.

Nesta configuração, a Pastoral Litúrgica precisará reler a realidade a partir dos parâmetros da fé para expressar e nutrir a vida alegre do Evangelho, a vocação missionária de todos os batizados, a primazia do amor e da misericórdia. Guiada pelo Espírito Santo, longe de ser abatida pelo medo, empenhar-se-á para exprimir a beleza do rosto pluriforme da Igreja⁵¹⁷;

⁵¹¹ ESCOBAR, Francisco. Mistério Pascal de Cristo. In: CELAM. **Manual de liturgia. Vol. II: A Celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos**. São Paulo: Paulus, 2007, p. 13.

⁵¹² Cf. SetS 12.

⁵¹³ Cf. DAp 100f.

⁵¹⁴ Cf. SC 10.

⁵¹⁵ EG 167.

⁵¹⁶ EG 115.

⁵¹⁷ Cf. EG 116.

para evangelizar e se evangelizar com a beleza da liturgia⁵¹⁸; para revelar que “Deus é a comunidade da vida, protetor de toda vida ameaçada, como a dos pobres e injustiçados”⁵¹⁹. Nessa época de mudanças velozes, onde se defende espaços de privacidade e lazer e se permite contagiar pelo consumismo individualista, reafirma-se que a vida sacramental ou pastoral litúrgica é serviço de esperança para revelar o agradecimento a Deus.

Conclusão: uma liturgia sólida resistente ao derretimento do mundo.

Enfatizando a distinção entre solidez e liquidez, importantes concepções do pensamento de Zygmunt Bauman na descrição da sociedade, o capítulo em foco buscou compreender o processo de derretimento dos sólidos como atividade da modernidade destinado ao crescimento da economia, à geração do lucro e conseqüentemente ao aumento do consumo. Conforme o visto a modernidade líquida é caracterizada pelo individualismo e o conseqüente relativismo, emancipação e progresso, fragmentação e liquefação, provisoriade, conformismo, materialismo consumista e crise de identidade. Isto prova que não existe neutralidade nessa forma de organização da economia e da sociedade. Ela incide fortemente na vida social, particularmente na família. A definição da sociedade de consumidores e a importância das pessoas são dadas pelo ter bens materiais, aparatos tecnológicos, perfis nas redes sociais.

Nesta sociedade caracterizada pelo materialismo, para que o consumo esteja sempre na pauta dos seres humanos inquietos, a propaganda trata de criar sempre novas necessidades, de modo que comprem imediatamente com todo esforço, e tenham uma sensação falsa de felicidade, de estar na moda e longe da lata de lixo. A vida nesta sociedade é organizada em torno do lucro e da sedução imediata; é orientada por desejos sempre crescentes e quererem voláteis. Comprar “é o ritual feito à luz do dia para exorcizar as horrendas aparições da incerteza e da insegurança que assombram as noites”⁵²⁰. Sendo a pastoral um processo que considera a vida e as celebrações das comunidades⁵²¹ em contextos socioculturais bem concretos, seu incremento não pode prescindir da atual discussão, uma vez que o ato de ir às compras⁵²² entrou

⁵¹⁸ Cf. EG 24.

⁵¹⁹ Cf. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Desafios éticos da globalização**, p. 75-76.

⁵²⁰ BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**, p. 105.

⁵²¹ Cf. SIVINSKI, Marcelino. A pastoral litúrgica após Medellín. In: CNBB. **Liturgia e profecia: 50 anos de Medellín**. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 113.

⁵²² Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**, p. 95.

muito sutilmente também na Liturgia da Igreja e representa naturalmente novo desafio para a sua missão de construir o Reino de Deus.

Todo o panorama apreendido da análise de Bauman de forma alguma sinaliza o fim do ser humano religioso nem da liturgia, pois o mundo contemporâneo continua intensamente religioso como qualquer outro na história⁵²³. Tal panorama realça que a modernidade gerou o pluralismo que coloca a fé diante de um desafio significativo. Não se apagou a necessidade de espiritualidade, pois a humanidade está sedenta de Deus e de respostas que só são encontradas no contato pessoal com Cristo. Como principal ação de mediação da revelação de Jesus Cristo, a liturgia é um espaço vital no anúncio da esperança perante o desânimo e à quase rendição causados pela liquidação consumista em meio a um mundo cada vez mais globalizado, multicultural e multirreligioso, de muitos rostos sofredores e afligidos por contínuos conflitos vindos de vários cantos e ocasionados por vários matizes.

A proposta litúrgica, comportada numa pastoral, não admite em seu bojo a solidão como atitude a qual se deve adequar e acostumar. As pessoas não se tornam independentes, mas são reunidas no amor de Cristo e pelos seus sonhos propostos a todos. O grande desafio lançado é o de uma pastoral litúrgica que reage diante da individualização de muitas ações litúrgicas, para revelar a simplicidade de Deus que age sempre “na humildade, no silêncio, nas coisas pequenas”⁵²⁴. Seu estilo, válido não só na vida diária, deve se sobressair na celebração litúrgica, nos sacramentos nos quais “é bonito que se manifeste a humildade de Deus e não o espetáculo mundano”⁵²⁵. Neste ínterim, vale a pena perguntar-se, seguindo João Paulo II na carta Apostólica *Spiritus et Sponsa*, escrita por ocasião dos quarenta anos da constituição litúrgica, na intenção de ajudar a examinar a vida litúrgico-sacramental após a recepção do Concílio Vaticano II. São perguntas pertinentes hoje também:

A Liturgia é vivida como fonte e ápice da vida eclesial, segundo o ensinamento da Sacrosanctum Concilium? A redescoberta do valor da Palavra de Deus, que a reforma litúrgica levou a cabo, tem encontrado uma indicação positiva no contexto das nossas celebrações? Até que ponto a Liturgia entrou na vida concreta dos fiéis e cadencia o ritmo de cada uma das comunidades? Ela é compreendida como um caminho de santidade, força interior do dinamismo apostólico e da missionariedade eclesial?⁵²⁶.

⁵²³ Cf. BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 53.

⁵²⁴ FRANCISCO. **Homilias da manhã na Capela da Domus Sanctae Marthae**. Volume V. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 120.

⁵²⁵ Ibid., p. 123.

⁵²⁶ SetS 6.

O mundo líquido moderno incita constantemente a que se viva de maneira individualista e materialista. Isso também perpassa a vida das comunidades e não é raro a identificação de cristãos que querem viver sem Igreja e em busca de espiritualidades individualistas. Na onda da fugacidade, o sucesso da liturgia não depende de uma celebração feita conforme o espírito do Vaticano II, muito menos da certeza de ter como centro o Mistério Pascal de Jesus Cristo, mas unicamente dependerá da última criatividade ou invenção do ponto de vista humano. Isto destoa da liturgia da Igreja que é humana sim, mas é sumamente divina - Deus é o seu autor principal e não a humanidade.

Diante do caos de uma eternidade terrestre, da glorificação do presente e das satisfações que o mercado pode oferecer esvaziando a cultura da solidariedade e fazendo emergir um individualismo exacerbado, que desumaniza as pessoas, a pastoral litúrgica ergue-se para reafirmar a gratuidade de Deus e da redenção que Ele ofereceu à humanidade. A pastoral litúrgica em tempos líquidos propõe a redescoberta da mística de viver juntos, misturar-se, encontrar-se, dar o braço, apoiar-se⁵²⁷. Disso tudo nasce o compromisso do serviço de animação litúrgica. Rever a maneira de apresentar a fé que liberta do isolamento e que conduz à comunhão, que por sua vez transforma pessoas distintas em uma só família, a família universal de Deus na Igreja Católica - “um só corpo e um só espírito”⁵²⁸.

A Pastoral Litúrgica tem a sublime tarefa de recuperar a confiança da proposta litúrgica de convivência e felicidade onde o indivíduo realize a sua humanidade num contexto que não responde às questões de sentido. Aí está a razão do seu esforço para conseguir um dos seus deveres principais que consiste em encontrar de novo uma Liturgia que seja um tempo meditativo de acolhimento e de interiorização da Palavra de Deus escutada, refletida e rezada. Redescobrir a Liturgia como espaço orante, onde se possa viver uma experiência autêntica de encontro e de reconciliação com Deus, consigo mesmo e com a comunidade cristã de pertença. Uma Liturgia que seja o seio maternal da Igreja, onde o cristão nasce, cresce e é alimentado pela Palavra e pelo Pão, para alcançar a estatura do homem perfeito.

⁵²⁷ Cf. EG 87.

⁵²⁸ **MISSAL Romano**, Oração Eucarística III, p. 482.

CAPÍTULO III

PROPOSTAS DE SUPERAÇÃO DO DESAFIO

A Liturgia é a fonte do agir cristão. Nela acontece o encontro fundante com uma Pessoa, Jesus Cristo⁵²⁹. Uma liturgia bela não é a mais ornada materialmente é a mais simples porque consegue ser mais inclusiva de todos na vida. A celebração da comunidade contém a novidade do cristianismo, a Palavra que se faz carne e se dá à assembleia reunida para a oração. Essa Palavra se comunica com força incontrolável gerando confiança e segurança não em si próprio, mas em Deus. A liquidez dos sólidos deixou as pessoas sem referenciais tornando-as vulneráveis e desconfiadas confiando só em si enquanto podem.

A Pastoral Litúrgica tem a missão de exercer sua ação fontal em um cenário onde se defende que a vida vem daquilo que se agarra e isto gera relações conflituosas. Ela precisa apresentar a Liturgia como a fonte de água viva jorrada para dar de beber a outros. A PL tem o serviço mais atraente que deve pautar-se na alegria transbordante do Evangelho. Se não for assim presta um desserviço ao Evangelho minimizando a força do anúncio. A novidade da liturgia é para todos, parafraseando o Papa Francisco, “não se pode excluir ninguém”⁵³⁰, porque “a Ressurreição do Senhor já penetrou a trama oculta desta história”⁵³¹.

Não parece necessário repetir o que já foi dito através da análise das obras de Bauman, senão confirmar que o paralelo entre modernidade líquida e liturgia levanta para a ação pastoral litúrgica questões inadiáveis como: é possível “celebrar a fé em toda a sua densidade sólida e metafísica numa realidade líquida?”⁵³² A liturgia pode oferecer um modelo de superação das relações reguladas pelo consumismo? O que a liturgia precisa oferecer aos fiéis que vivem num ambiente onde a felicidade deve ser imediata no aqui e agora pautada no imperativo do bem-estar? Tem sentido a comunidade diante da hegemonia do individualismo transformado em padrão de vida? Como realçar a teologia do Mistério Pascal e a possibilidade de inculturação da fé nesta civilização uniformizada pela técnica, onde a humanidade deixou de lado a tradição, excluiu a fé para aguardar a salvação como resultado de sua própria ação⁵³³?

⁵²⁹ BENTO XVI. **Carta Encíclica Deus Caritas Est**. São Paulo: Paulinas, 2006, 1.

⁵³⁰ EG 278.

⁵³¹ Idem.

⁵³² COSTA, Valeriano Santos. Liturgia em “tempos líquidos”. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo. v. 24, n. 87, JAN/JUN 2016, p. 71.

⁵³³ Cf. ASSUNÇÃO, Rudi Albino de. **Bento XVI, a Igreja Católica e o “espírito da modernidade”, uma análise da visão do Papa teólogo sobre o “mundo de hoje”**. São Paulo: Paulus; Ecclesiae, 2018, p. 206.

A salvação que Deus oferece é obra da sua misericórdia. Não há ação humana, por melhor que seja, que faça merecer tão grande dom⁵³⁴. Junto da perda desse referencial está a dificuldade acerca da compreensão dos princípios teológicos reabilitados pela reforma litúrgica implementada pelo Vaticano II: natureza da sagrada liturgia e sua importância na vida da igreja (1°); educação litúrgica e participação ativa (2°); reforma da sagrada liturgia (3°); promoção da vida litúrgica na diocese e na paróquia (4°); incremento da ação pastoral litúrgica (5°). Estes princípios não perderam a validade e estão longe de terem sido compreendidos em profundidade. Eles são indispensáveis para que a pastoral litúrgica cumpra sua finalidade de encontrar a originalidade das formas e a resistência embutida nos atos celebrativos da Igreja, que não podem ser simplesmente adaptados ao espírito da volatilidade do consumismo obsessivo do mundo moderno atual. É dessa forma, que confrontados com o pensamento de Bauman, revelam a liturgia como um edifício da Igreja e confirmam a sua condição recriadora no mundo líquido capaz de apontar para a esperança pela beleza de suas formas, ritos, sinais, gestos, atitudes, organização, objetos etc.; capaz de responder seguramente ao tempo com condições de contrapor com a fugacidade dos elementos que decoram esta época.

À Pastoral Litúrgica não se está impondo a toda a Pastoral da Igreja. A pretensão é a de recordar que, mesmo não tendo a solução para todas as situações deverá seguir apontando para Cristo, a grande novidade capaz de iluminar todas as situações da vida humana. Para tanto, as respostas às questões mais urgentes não serão dadas sem o reconhecimento da crise que a pastoral litúrgica enfrenta; e sem a consciência de que a mesma pode ser atribuída ao fato de se ter perdido de vista que na liturgia o que acontece é uma revelação do divino no humano. Por isso um conhecimento mais profundo dos princípios gerais faz-se indispensável para que possa deslanchar a missão da pastoral litúrgica e se realizar o verdadeiro incremento desejado pelo Concílio Vaticano II.

Não será utópico, de maneira alguma, dizer que em meio ao estupor causado pelos novíssimos cotidianos tempos, propõe-se a reintegração da liturgia no espaço/tempo como uma ferramenta segura, como um oásis que não obriga o deserto a deixar de ser o que ele é, mas que no meio do deserto se mantém sendo um lugar onde se pode ter aquilo que satisfaz sempre, porque o que possui é a fonte e o cume. É nesta linha que nesta pesquisa se pensa o incremento da pastoral litúrgica. Para continuidade da proposta serão abordados nesta seção os princípios basilares da liturgia: Mistério Pascal, Rito, Assembleia Litúrgica e a dimensão escatológica da

⁵³⁴ Cf. EG 112.

liturgia, entendendo que o princípio da natureza da liturgia tenha sido tratado no primeiro capítulo ao ser desenvolvido a conceituação da pastoral litúrgica. O princípio da participação ativa será apresentado junto com as sugestões na seção o Incremento da Pastoral litúrgica hoje.

3.1 A retomada dos princípios que antecedem ao 5º princípio geral para a reforma e o incremento da Sagrada Liturgia: Mistério Pascal, Rito, Assembleia Litúrgica e dimensão escatológica.

O Concílio Vaticano II resgatou o Mistério Pascal como o centro e “a raiz vital da Igreja”⁵³⁵, alterando a forma de compreender e vivenciar a liturgia. De fato, a Teologia Litúrgica da *Sacrosanctum Concilium* define a revelação como história da salvação ou Mistério Pascal⁵³⁶ e a “Liturgia como ação salvífica de Cristo na Igreja”⁵³⁷. Este mistério “recapitula toda a economia da salvação realizada em Cristo e comunicada à Igreja por meio dos sacramentos”⁵³⁸. A partir da reforma litúrgica “o fundamento e chave interpretativa de todo o culto cristão”⁵³⁹; o centro de referência para todas as celebrações litúrgicas, não só para a eucaristia, é o Mistério Pascal - Paixão-Morte-Ressurreição de Cristo-Ascensão-Pentecostes. Os diversos aspectos da liturgia⁵⁴⁰ são tratados sob a ótica de tal mistério.

Deus, que ‘quer salvar e fazer chegar ao conhecimento da verdade todos os homens’ (1Tm 2,4), ‘havendo outrora falado muitas vezes e de muitos modos aos pais pelos profetas’ (Hb 1,1), quando veio a plenitude dos tempos, enviou Seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, para evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, como ‘médico corporal e espiritual’, Mediador entre Deus e os homens. Sua humanidade, na unidade da pessoa do Verbo, foi o instrumento de nossa salvação. Pelo que em Cristo, ‘ocorreu a perfeita satisfação de nossa reconciliação e nos foi comunicada a plenitude do culto divino’. Esta obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus, da qual foram prelúdio as maravilhas divinas operadas no povo do Antigo Testamento, completou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal da Sua sagrada Paixão, Ressurreição dos mortos e gloriosa Ascensão. Por este mistério, Cristo, ‘morrendo destruiu a nossa morte e, ressuscitando,

⁵³⁵ DA SILVA, José Ariovaldo. Reforma litúrgica do Vaticano II para um jeito renovado de ser Igreja. In: BRIGHENTI, Agenor; ARROYO, Francisco Merlos (orgs.). **O Concílio Vaticano II: Batalha perdida ou esperança renovada?** São Paulo: Paulinas, 2015, p. 161-164.

⁵³⁶ Cf. FLORES, Juan Javier. **Introdução à teologia litúrgica**, p. 295.

⁵³⁷ *Ibid.*, p. 296.

⁵³⁸ ESCOBAR, Francisco. Mistério Pascal de Cristo, p. 44.

⁵³⁹ COSTA, Valeriano Santos. **Viver a ritualidade como momento histórico da salvação: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium**. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 91.

⁵⁴⁰ [...] a obra de Cristo, sobretudo sua morte e Ressurreição (SC 5); nossa participação na obra de Cristo (SC 6); os sacramentos pascais (SC 10); a Eucaristia, convívio pascal, memorial da Morte e Ressurreição de Cristo (SC 61); expresso nas exéquias (SC 81), na vida dos santos (SC 104); domingo, páscoa semanal (SC 106); ano litúrgico, tempo de celebração do Mistério da Redenção, sobretudo o Mistério Pascal (SC 107); Quaresma, tempo para celebrar o Mistério Pascal (SC 109).

recuperou a nossa vida’, pois do lado de Cristo dormindo na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja⁵⁴¹.

Livre de uma conotação ritualística, a liturgia é concebida como o exercício da função sacerdotal de Cristo⁵⁴², pois nela “Cristo significa e realiza principalmente seu mistério pascal”⁵⁴³. A salvação se dá Nele através do tempo e é traduzida em todas as celebrações litúrgicas que não são memórias de um passado inatingível, mas um evento que engloba a humanidade em sua inteireza gerando contemporaneidade⁵⁴⁴. A revelação histórica da salvação tem na encarnação do Verbo, o momento inaugural do Mistério Pascal⁵⁴⁵ - a culminância plena, máxima, “daquele movimento e impulso de auto-comunicação e íntima união procedente do mais íntimo do Pai”⁵⁴⁶. “O mistério Pascal é o acontecimento primordial, escatológico, essencial e definitivo da história da salvação, que jamais pode sair do centro”⁵⁴⁷. “Na vida da Igreja, na liturgia, o evento pascal permanece presente e contínua eficaz”⁵⁴⁸.

O resgate do Mistério Pascal como centro catalisador de toda a ação litúrgica da Igreja trouxe uma nova concepção de liturgia entendida agora como celebração da vida toda de Jesus, da encarnação a Pentecostes atualizada nos ritos litúrgicos. Uma vez ocorrido na história o mistério de Cristo se torna o referencial também para todos os ângulos da vida do cristão que quer seguir os seus passos. Em Cristo os fiéis são arrancados da morte e transpostos para o reino do Pai. O batismo é a porta para o agir salvífico de Deus, pois através deste sacramento os crentes recebem a proclamação do mistério pascal e nele são inseridos.

A ação salvífica do Mistério Pascal leva a realizar na vida cotidiana a morte e ressurreição de Cristo, sacramentalmente configurados com ele, revestir-se dos seus sentimentos, seguir os seus passos⁵⁴⁹ (cf. Rm 6,3-11; Ef 4,24; Cl 3,10-12; Gl 5,1; 1Pd 2,21). Conformando-se à morte de Cristo, a humanidade, homens e mulheres de boa vontade, participa da sua ressurreição⁵⁵⁰. Nesta configuração, a celebração litúrgica, encarnada desde o seu

⁵⁴¹ SC 5.

⁵⁴² Cf. SC 7.

⁵⁴³ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000, 1085. (Doravante CIgC).

⁵⁴⁴ Cf. RATZINGER, Joseph. **Introdução ao espírito da liturgia**. São Paulo: Edições Loyola, 2015, p. 49.

⁵⁴⁵ Cf. COSTA, Valeriano Santos. **Viver a ritualidade como momento histórico da salvação**: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium, p. 91.

⁵⁴⁶ MALDONADO, Luís. **A ação litúrgica**: Sacramento e celebração. São Paulo: Paulus, 1998, p. 66.

⁵⁴⁷ COSTA, Valeriano Santos. Liturgia em “tempos líquidos”, p. 74.

⁵⁴⁸ BERGER, Rupert. Páscoa, mistério pascal. In: _____: **Dicionário de liturgia pastoral**: obra de consulta sobre todas as questões referentes à liturgia. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 301.

⁵⁴⁹ Cf. SORCI, Pietro. Mistério Pascal. In: SARTORES, Dionisio; TRIACCA, Achille M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 786.

⁵⁵⁰ Cf. GS 22.

princípio, se torna momento de libertação concreta que lança os fiéis para o compromisso de cristificar todas as coisas até que venha o Reino. Daí em diante não dá para compreender a Igreja sem o mistério fundante atualizado no seu seio e de quem ela se torna portadora sinalizando para o futuro.

A assembleia participante e celebrante é inserida neste acontecimento por meio das ações litúrgicas sacramentais pelas quais se faz realmente presente o mesmo acontecimento salvador. Essas ações contam com a mediação de certos gestos simbólicos, linguagem, atitudes, ornamentos, ritmos e sinais que atingem os fiéis através dos sentidos (a água, o alimento, o óleo; lavar-se, nutrir-se, ungir-se...), e assim são elevados a um modo de ser e de agir divinos⁵⁵¹. Destaque-se que não é precisamente uma nova ação, mas o prolongamento de um evento real acontecido na história, através dos ritos, de uma ação que Cristo realizou uma vez por todas⁵⁵². “Estes elementos e comportamentos são gerenciados no rito, de modo a serem elementos da vida e linguagens para dar-lhe sentido”⁵⁵³.

A Igreja recebeu a autoridade para escolher o rito, explorar, desenvolver, fazer frutificar e propor aos seus filhos com palavras e gestos sempre vivos, fecundos e eternamente novos⁵⁵⁴ para que a Páscoa, fonte de vida nunca se esgotasse. Por isso Deus instituiu e ordenou, mesmo não sendo até os últimos detalhes, o conteúdo e a forma essencial da liturgia e confiou à Igreja a celebração da sua obra⁵⁵⁵. Daí se pode presumir que os ritos são expressão do fato de que na liturgia vem ao encontro da assembleia celebrante alguma coisa que não é ela quem faz por si mesma, porque entra em algo muito maior que, em suma, provém da revelação⁵⁵⁶.

Pelo rito “a Igreja e o cristão recebem-se a si mesmos, e nele encontram, no modo mais íntimo, o Senhor Jesus”⁵⁵⁷. O rito opera nos participantes a transformação mediante a graça que a liturgia propõe aos fiéis de Cristo⁵⁵⁸. Não se trata do exercício de um poder, mas “é, justamente e essencialmente, um testemunho ou uma experiência eclesial, é o lugar em que a Igreja recebe a própria identidade”⁵⁵⁹ porque em toda ação ritual litúrgica entra-se em comunhão com Jesus

⁵⁵¹ VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2009, p. 273.

⁵⁵² CIgC 1085

⁵⁵³ SPADARO, Antonio. **Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede**, p. 151.

⁵⁵⁴ CASEL, Odo. **O mistério do culto no cristianismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 58.

⁵⁵⁵ *Ibid.*, p. 79.

⁵⁵⁶ Cf. RATZINGER, Joseph. **Introdução ao espírito da liturgia**, p. 137-138.

⁵⁵⁷ GRILLO, Andrea. **Ritos que educam: os sete sacramentos**. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 47.

⁵⁵⁸ CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA (França). **A arte de celebrar: guia pastoral**. Brasília: Edições CNBB, 2015, p. 30.

⁵⁵⁹ GRILLO, Andrea. **Ritos que educam: os sete sacramentos**, p. 47-48.

Cristo e com o Pai, sob o impulso do Espírito Santo⁵⁶⁰. Dessa forma Cristo atrai todos a si “na órbita da sua ação sacerdotal, sacrificial e mediadora que transcende (...) todo espaço e tempo”⁵⁶¹.

A instituição litúrgica é, portanto, divina e não pode ser gerada pela fantasia ou criatividade humana como uma simples confirmação individualista. Ela não vive das descobertas de algum indivíduo. Ao contrário, ela é a vinda de Deus, é o deixar-se encontrar de Deus no mundo⁵⁶². É Deus que se mostra e indica o modo como pode ser adorado⁵⁶³. Afirmar a solidez e autenticidade da liturgia é dizer que ela procede de Deus. Quando esta origem divina é esquecida, inicia-se a busca de coisas novas para vencer o tédio - e desesperadamente constroem-se altares ao deus desconhecido (cf. At 17,23). Esquece-se que é Deus que traz a novidade revelando-se em seu Verbo encarnado para a salvação e a santificação da Igreja⁵⁶⁴; e que não são as banalidades e invencionices que tornam a liturgia verdadeira e sim “a coragem de pôr-se a caminho rumo a algo grandioso, que por meio do rito sempre nos antecede e que nunca poderemos possuir completamente”⁵⁶⁵.

Além do Mistério Pascal de Jesus Cristo, que vivifica, anima e eleva todos os rituais e suas práticas, considerando fundamental e essencial a presença de Cristo na liturgia, que pelo Espírito Santo presta culto ao Pai, na Igreja⁵⁶⁶, e do rito que é atualização da ação redentora de Deus no mundo, por meio de Jesus Cristo, na graça do Espírito Santo, através das ações sacramentais, existe a assembleia litúrgica - a comunidade dos fiéis. O mistério litúrgico é o mistério da Igreja em oração, que nasce da ação sagrada e se manifesta nela. Neste contexto, a assembleia dos fiéis reunidos para a celebração é constituída, em si, como um sinal da Igreja universal reunida aqui e agora pelo Espírito Santo. A SC 7 se refere a essa realidade com as seguintes palavras: “Está presente finalmente quando a Igreja ora e salmodia, Ele que prometeu: ‘Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles’ (Mt 18,20), está presente na assembleia, quando se reza e canta”. Eis outro fundamento teológico litúrgico a ser refletido em meio à modernidade líquida - a assembleia litúrgica.

⁵⁶⁰ Cf. PALUDO, Faustino. Vida litúrgica no seminário. In: CELAM. **Manual de liturgia. A celebração do Mistério Pascal**: introdução à celebração litúrgica. v.1 São Paulo: Paulus, 2004, p. 40.

⁵⁶¹ VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**, p. 243.

⁵⁶² Cf. RATZINGER, Joseph. **Introdução ao espírito da liturgia**, p. 140.

⁵⁶³ GUARDINI, Romano. **O espírito da liturgia**. Fátima: Secretariado nacional de Liturgia, 2017, p. 30.

⁵⁶⁴ CASEL, Odo. **O mistério do culto no cristianismo**, p. 55.

⁵⁶⁵ RATZINGER, Joseph. **Introdução ao espírito da liturgia**, p. 141.

⁵⁶⁶ Cf. BOGAZ, Antônio Sagrado Concílio Vaticano II: ponto de chegada ou de partida? In: **Revista de Cultura Teológica**, v. 11, n. 43, ABR/JUN, 2003, p. 50-51.

Um traço distintivo da Igreja desde seu início é a realidade da assembleia convocada por Deus e reunida para festejar sua fé “prefigurada na assembleia cultural de Israel no deserto (cf. Ex 19,24), na terra prometida (cf. Js 24) e depois no exílio (cf. Ne 8,9)”⁵⁶⁷. Desvencilhada da noção de preceito dominical, a valorização da assembleia “foi um dos objetivos da renovação litúrgica, sancionada posteriormente pelo ensinamento do Vaticano II”⁵⁶⁸. Depois que Cristo enviou os Apóstolos para que realizassem a obra da salvação que anunciavam, mediante, o sacrifício e os sacramentos, nunca mais a Igreja deixou de se reunir para celebrar o mistério pascal⁵⁶⁹.

Para a Constituição Litúrgica a importância da assembleia é tão fundamental a ponto de dizer que os trabalhos apostólicos devem ordenar-se para este fim⁵⁷⁰. O conceito eclesial de povo de Deus é dado considerando “uma comunidade de fiéis, hierarquicamente constituída, legitimamente reunida”⁵⁷¹. Não é o indivíduo nem a sua formação interior, o fim próximo e específico da liturgia, assim como ele também não é o suporte da ação nem da oração litúrgica. A pessoa litúrgica “é a união da comunidade crente, como tal, alguma coisa que ultrapassa a simples adição numérica dos indivíduos - numa palavra, é a Igreja”⁵⁷² - que na coletividade espiritual, através da liturgia, presta suas homenagens a Deus.

A *Sacrosanctum Concilium* tem consciência de que “a reunião efetiva dos cristãos manifesta, na verdade, a ação congregadora operada por Cristo e cuja graça está misteriosamente em toda celebração litúrgica”⁵⁷³. A assembleia na nova teologia do Vaticano II deixa de ser apenas uma congregação de fiéis e passa a ser um sacramento verdadeiro de salvação, em que se realiza o mistério pascal⁵⁷⁴. De fato, “a liturgia é o lugar onde o corpo de Cristo se revela e se manifesta como Igreja, isto é, na sua verdadeira natureza de sacramento”⁵⁷⁵. A assembleia ou reunião da comunidade para o culto “é a manifestação mais expressiva, uma

⁵⁶⁷ AUGÉ, Matias. **Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013, p.89.

⁵⁶⁸ MARTIMORT, Aimé Georges. **A Igreja em oração**. Introdução à Liturgia I: Princípios da Liturgia, p. 97.

⁵⁶⁹ Cf. SC 6.

⁵⁷⁰ Cf. SC 10.

⁵⁷¹ SC 27.

⁵⁷² GUARDINI, Romano. **O espírito da liturgia**, p. 13.

⁵⁷³ MARTIMORT, Aimé Georges. **A Igreja em oração**. Introdução à Liturgia I: Princípios da Liturgia, p. 97; Cf. SC 26.

⁵⁷⁴ Cf. BOGAZ, Antônio Sagrado; HANSEN, João Henrique. **Liturgia no Vaticano II: novos tempos da celebração cristã**. São Paulo: Paulus, 2014, p. 63.

⁵⁷⁵ MARSILI, Salvatore. **Sinais do Mistério de Cristo: teologia dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico**, p. 133.

verdadeira epifania da Igreja: ela a mostra e a revela”⁵⁷⁶; torna-se um sinal sagrado da Igreja sacramento da salvação “que exercita assim uma função sacerdotal no mundo em favor de todos os homens”⁵⁷⁷. Por essas razões a ação litúrgica é uma ação da assembleia reunida⁵⁷⁸. “É uma ação grupal, corporativa e globalizante, totalizante”⁵⁷⁹, mesmo que cada um faça o que é próprio da sua função⁵⁸⁰, e a assembleia é o seu principal sinal.

A celebração existe em proporção direta com a comunidade que a realiza. “Toda celebração verdadeira começa com uma reunião e consiste numa reunião”⁵⁸¹. A reforma enfatizou o caráter comunitário da liturgia e “destacou a relevância da comunidade que celebra na diversidade de suas experiências e relativizou a rigidez unificante de normas definitivas, fixas e universais”⁵⁸². Distante da concepção de Igreja centrada no clero e, conseqüentemente, de uma liturgia que girava em torno do ministro ordenado, o Concílio entendeu a Igreja como sujeito da Liturgia. O povo santo, reunido e organizado, celebra. Dá-se a passagem de uma liturgia e Igreja hierárquica para uma liturgia e Igreja participativa, comunitária, missionária e corresponsável. “Romperam-se assim o devocionismo, o subjetivismo e o intimismo da liturgia pré-conciliar em direção a uma oração, a uma vida sacramental mais objetiva, mais bíblica, mais comunitária”⁵⁸³.

A reforma litúrgica para criar a realidade comunitária que não admite nenhuma acepção de pessoas⁵⁸⁴ reconheceu como útil ao povo o uso da língua vernácula⁵⁸⁵ possibilitando maior proximidade e comunicação do celebrante com os fiéis; implementou a passagem de um texto litúrgico imutável a um texto sujeito a revisões⁵⁸⁶; de um uso limitado da Bíblia a um uso mais abundante⁵⁸⁷; determinou que as cerimônias fossem de nobre simplicidade e os símbolos

⁵⁷⁶ MARTIMORT, Aimé Georges. **A Igreja em oração**. Introdução à Liturgia I: Princípios da Liturgia, p. 98; Cf. SC 41.

⁵⁷⁷ AUGÉ, Matias. **Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade**, p. 89; Cf. LG 1; 8; SC 2; 5; 26; GS 40.

⁵⁷⁸ Cf. SC 26.

⁵⁷⁹ MALDONADO, Luís; FERNÁNDEZ, Pedro. A celebração litúrgica: fenomenologia da celebração. In: BOROBIO, Dionisio. (org.). **A celebração na Igreja**. v.1 São Paulo: Loyola, 1990, p. 164.

⁵⁸⁰ Cf. SC 28.

⁵⁸¹ ⁵⁸¹ MALDONADO, Luís; FERNÁNDEZ, Pedro. A celebração litúrgica: fenomenologia da celebração, p. 162. Confira alguns textos que descrevem a liturgia das primeiras comunidades cristãs e destacam a reunião como característica: Lc 24; Jo 7,35; 11,52; Jo 20; At 1-6; 13,1-3; 20,7-11; 1Cor 11; 14; Tg 1,1; 1Pd 1,1.

⁵⁸² LIBÂNIO, João Batista. A trinta anos do encerramento do Concílio Vaticano II: chaves teológicas de leitura, p. 323.

⁵⁸³ Ibid., p. 322- 323.

⁵⁸⁴ Cf. SC 32; 37.

⁵⁸⁵ Cf. SC 36,§2.

⁵⁸⁶ Cf. SC 21; 25.

⁵⁸⁷ Cf. SC 35,1; 24.

tivessem clareza ao ponto de não carecerem de muitas explicações⁵⁸⁸; pediu que fossem incentivadas as aclamações do povo, as respostas, as salmodias etc., gerando espaços para os fiéis manifestarem sua participação⁵⁸⁹; reconheceu que para a participação do povo acontecer era necessário considerar a diversidade de cultura, de costumes, de idade, de raças⁵⁹⁰.

A intenção da reforma litúrgica em relação à assembleia celebrante torna a ser desafiada pela sociedade líquido-moderna. O cenário da fé vive um grau historicamente único de integração do tecnológico e do sociocultural que configura uma sociedade da comunicação e da conexão propiciadores de um novo *locus* religioso e teológico, de novas modalidades de percepção, de experiência e de expressão do sagrado em novos ambientes comunicacionais⁵⁹¹. Contudo, a interligação entre as pessoas pelos canais de comunicação é paradoxal porque, “se, de um lado, parece romper a frialdade do individualismo exacerbado, interligando pessoas do mundo inteiro pelas rápidas vias da internet, do outro, reforça o isolamento real das pessoas”⁵⁹². Trata-se de uma sociedade competitiva, onde quem não é capaz de produzir e comercializar seus produtos é empurrado para fora.

Nesse sentido, revisar a teologia da assembleia litúrgica, segundo o Vaticano II, é perceber a comunidade reunida como um sinal resistente frente à corrida de grupos cada vez mais mediados pelo fenômeno paradoxal da virtualidade da presença onde se pode abandonar ou aderir com facilidade. A ação litúrgica reclama a presença física e geográfica; precisa se comunicar em nível de palavra, ação e percepção física. Em outras palavras, “a mediação ritual da fé exige a globalidade da pessoa humana”⁵⁹³. Por isso a realidade virtual contradiz radicalmente a perspectiva de comunidade cristã, pois esta, baseada na fé que é conhecimento, afeto, práxis, antecipação do Reino definitivo, comunitária, eclesial, celebração em torno da memória de Jesus, “exige, num primeiro movimento de graça, a saída de si em direção a Deus e aos irmãos. E nessa relação se estabelecem compromissos reais. Exatamente o que a relação virtual que evitar”⁵⁹⁴.

⁵⁸⁸ Cf. SC 21; 34.

⁵⁸⁹ Cf. SC 30.

⁵⁹⁰ Cf. SC 19.

⁵⁹¹ Cf. SBARDELOTTO, Moisés. **E o verbo se fez rede: religiosidade em reconstrução no ambiente digital**. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 24.

⁵⁹² LIBANIO, João Batista. **Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação**. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 82.

⁵⁹³ CARDITA, Ângelo Manuel dos Santos. **Reforma litúrgica para quê?: revisitando a Sacrosanctum Concilium**, p. 118.

⁵⁹⁴ LIBANIO, João Batista. **Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação**, p. 83-84.

O mistério do qual se participa emerge graças ao fato de que é ele que se doa exigindo um engajamento intensivo do corpo e da mente. Os sacramentos, por exemplo, sinais visíveis e eficazes da graça que fazem o que dizem porque neles atua a graça de Cristo⁵⁹⁵, são eficazes distintamente de uma realidade ampliada por uma tela⁵⁹⁶ que não consegue reproduzir a ação do Espírito Santo tornando o evento litúrgico tecnicamente irreproduzível. O que se disse até aqui não é um questionamento nem a condenação da utilização da tecnologia, pois este é um caminho sem volta e imprescindível para a vida das pessoas. O que se quer reforçar é que e a ação do Espírito Santo que torna presente e realiza o Mistério de Cristo. A Igreja age nos sacramentos como comunidade.

Por essa razão, a Igreja insiste sempre no fato de que é impossível e antropológicamente errado considerar a realidade virtual capaz de substituir a experiência real, tangível e concreta da comunidade cristã visível e histórica. A realidade virtual não substitui a presença real de Cristo na Eucaristia, a realidade ritual dos outros sacramentos e o culto compartilhado no seio de uma comunidade humana feita de carne e de sangue. Na Internet não existem sacramentos; e até mesmo as experiências religiosas nela possíveis pela graça de Deus, são insuficientes, dado que se encontram separadas da interação do mundo real com outras pessoas na fé⁵⁹⁷. Na relação virtual, por exemplo, há predominância da autossatisfação, da autopreservação e de nada que comprometa. Trata-se da imediatez virtual dos meios tecnológicos com sua forte tendência “a reduzir a pessoa à mais radical e solitária interioridade, deslocalizando-a, destemporalizando-a e, finalmente, desencarnando-a”⁵⁹⁸.

O encontro para a Celebração da Eucaristia dominical, não é, ou não poderia ser, um mero encontro de amigos que desfrutam com a sua companhia mútua, mas a superação, pela fé e caridade, das divisões humanas sobre todas as desigualdades. A comunidade cristã se reúne para estar com o Senhor, para ouvir sua Palavra, testemunhar a fé, celebrar a ceia da comunhão com Ele e com os irmãos e as irmãs e aguardar seu retorno⁵⁹⁹. Numa cultura cada vez mais individualista “a Eucaristia constitui uma espécie de antídoto, que age nas mentes e nos

⁵⁹⁵ Cf. SPADARO, Antonio. **Ciberteologia**: pensar o cristianismo nos tempos da rede, p. 146-147.

⁵⁹⁶ Cf. *Ibid.*, p. 134.

⁵⁹⁷ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Igreja e internet (22 de fevereiro de 2002)**. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html. Acesso em: 05/04/2018.

⁵⁹⁸ CARDITA, Ângelo Manuel dos Santos. **Reforma litúrgica para quê?**: revisitando a Sacrosanctum Concilium, p. 118.

⁵⁹⁹ BERGER, Rupert. Reunião/assembleia. In: _____: **Dicionário de liturgia pastoral**: obra de consulta sobre todas as questões referentes à liturgia. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 352-353.

corações dos crentes e semeia continuamente neles a lógica da comunhão, do serviço, da partilha, em síntese, a lógica do Evangelho”⁶⁰⁰. Não há estranhos, mas concidadãos dos santos e parentes de Deus (cf. Ef 2,19).

Mais uma vez a Assembleia Litúrgica possui a solidez frente à comunidade líquida do consumismo. Ao contrário deste último, “a Assembleia Litúrgica tira sua unidade da comunhão do Espírito Santo, que congrega os filhos de Deus no único corpo de Cristo. A reunião litúrgica, mesmo que não possa eliminar todas as diferenças, uma vez que o fato de ser comunidades não elimina conflitos internos, choques de personalidade e até divergências, “ultrapassa todas as afinidades humanas, raciais, culturais e sociais”⁶⁰¹ e obtém uma nova e mais profunda unidade e igualdade de filhos e filhas diante do mesmo Pai. A reunião litúrgica em comunidade torna-se assim mais do que categoria sociológica porque busca por solidez, profundidade e auto-compreensão acerca da condição de seres relacionais: com o próximo, com a história, com Deus⁶⁰². Pede-se exatamente, em especial na Eucaristia, que sejam reforçados os laços da amizade entre aqueles que se reúnem para homenagear a Deus⁶⁰³.

Acrescente-se agora à natureza da liturgia a dimensão escatológica⁶⁰⁴, um fundamento que não pode ser esquecido sob o risco de não se reconhecer a essência da liturgia. Não é pretensão expor sistematicamente a escatologia cristã nem esboçar seu conteúdo e suas tendências, mas apenas captar suas implicações litúrgicas na modernidade líquida. Feita esta observação, infira-se que o centro da escatologia cristã é Cristo que inaugurou com a sua ressurreição a realidade nova e definitiva⁶⁰⁵. Ele já contém “a promessa da escatologia da Igreja e do cosmo; a sua ressurreição é garantia das promessas sobre as realidades que ainda devem realizar-se: a sua vinda na glória, a ressurreição final, a instituição do reino”⁶⁰⁶. Esta visão

⁶⁰⁰BENTO XVI. **Angelus (Domingo, 26 de Junho de 2011)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2011/documents/hf_ben-xvi_ang_20110626.html. Acesso em: 15/10/2018.

⁶⁰¹ CIgC 1097.

⁶⁰² Cf. SATHLER-ROSA, Ronaldo. **Cuidado pastoral em perspectiva histórica e existencial: uma revisão crítica**. São Paulo: ASTE, 2013, p. 132.

⁶⁰³ Cf. **Missal Romano**. Oração sobre as oferendas do XXIII Domingo do Tempo Comum, p. 367.

⁶⁰⁴ Escatologia é conceito formado pelo Cristianismo. Designa a doutrina cristã específica sobre o futuro e a consumação. A história da religião entende por escatologia a sistematização de concepções religiosas que dizem respeito ao destino definitivo do indivíduo humano e ao termo da história do mundo. Podemos definir a escatologia como a teologia cristã enquanto ela, a partir do que adveio (das experiências de Deus feitas pelos homens e em particular de Jesus Cristo), reflete sobre o por-vir, o novo e definitivo, e a partir deste tenta interpretar o presente e comunicar impulsos para o agir no presente (cf. VORGRIMLER, Herbert. Escatologia/juízo. In: EICHER, Peter. (Org.). **Dicionário de Conceitos fundamentais de teologia**. São Paulo: Paulus, 1993, p. 229-230).

⁶⁰⁵ Cf. CASTELLANO, Jesús. Escatologia. In: SARTORES, Dionisio; TRIACCA, Achille M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 349.

⁶⁰⁶ Ibid., p. 349.

escatológica foi sempre expressa pela liturgia da Igreja centralizada na ressurreição de Cristo e na espera da sua vinda, reconduzindo tudo à celebração do mistério pascal, síntese da história da salvação⁶⁰⁷.

Pois a Liturgia, pela qual, principalmente no divino sacrifício da Eucaristia, ‘se exerce a obra de nossa Redenção’, contribui de modo mais excelente para que os fiéis expressem em suas vidas e aos outros manifestem o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja. Caracteriza-se a Igreja de ser, a um tempo, humana e divina, visível, mas ornada de dons invisíveis, operosa na ação e devotada à contemplação, presente no mundo e no entanto, peregrina. E isso de modo que nela o humano se ordene ao divino e a ele se subordine, o visível ao invisível, a ação à contemplação e o presente à cidade futura, que buscamos [...]’⁶⁰⁸.

As indicações da relação entre Liturgia e Escatologia estão distribuídas em vários documentos do Concílio Vaticano II. A Constituição litúrgica no n. 2 faz a primeira afirmação sobre a natureza da Igreja insistindo no seu aspecto escatológico que deve ser vivido na experiência litúrgica: presença do divino no humano, do visível no invisível, do eterno no temporal. Este fundamento⁶⁰⁹ encontra-se também no n. 8 que lembra em consonância com a tradição da Igreja, que na participação da liturgia terrena participa-se da liturgia celeste⁶¹⁰. Essa assertiva está intimamente relacionada ao artigo anterior. Com efeito, SC 7 afirma que o Cristo Pascal e celeste está presente na liturgia da Igreja peregrina e em SC 8 se constata a presença da Igreja peregrina na liturgia celeste. Trata-se da presença escatológica, autocomunicativa e dinâmica do Cristo glorioso na mesma realidade; não em duas celebrações paralelas ou análogas, mas em um só culto, embora presente de uma maneira diferente, no céu e na terra.

O Concílio Vaticano II atribuiu, portanto, a dimensão escatológica ao mistério pascal, entendendo que o Verbo de Deus, pelo qual todas as coisas foram feitas, entrou como homem perfeito na história do mundo, assumindo-a e recapitulando-a⁶¹¹ e introduzindo o tempo terreno no seu tempo e em sua presença alterando o fluxo dos acontecimentos terrestres. Esse Cristo, com o objetivo de conduzir o mundo ao seu termo e introduzir os tempos novos⁶¹², atua continuamente na terra⁶¹³, pela liturgia tornada ponto da virada no processo da redenção⁶¹⁴ e

⁶⁰⁷ Cf. Ibid., p. 349.

⁶⁰⁸ SC 2.

⁶⁰⁹ Em outros números também a SC fala da dimensão escatológica da liturgia através de algumas ações litúrgicas: 47; 83; 81; 102; 103; 104.

⁶¹⁰ SC 8.

⁶¹¹ Cf. GS 38.

⁶¹² Cf. LG 48.

⁶¹³ Idem.

⁶¹⁴ Cf. RATZINGER, Joseph. **Introdução ao espírito da liturgia**, p. 53.

parte da economia da salvação como um componente essencial da obra redentora. A união da Igreja terrestre com a celeste realiza-se de modo sublime na sagrada liturgia pelos seus sinais sacramentais⁶¹⁵ no tempo da Igreja⁶¹⁶ para aqueles que ainda peregrinam na terra esperando a realização de tudo o que o Senhor prometeu, sabendo que pela fé estão unidos a toda a Igreja do céu⁶¹⁷.

Partindo sempre da ressurreição de Cristo e se movendo para ela, a Igreja visível, símbolo da casa paterna, para a qual o Povo de Deus está a caminho e onde o Pai ‘enxugará todas as lágrimas dos seus olhos’⁶¹⁸, está em movimento pascal e alcançará sua realização final na glória celeste quando todas as coisas (cf. At 3,21), inclusive o universo, forem restaurados em Cristo (cf. Ef 1,10; Cl 1,20; 2Pd 3, 10-13) que atraiu todos a si (cf. Jo 12,32). “A Igreja encontrará a sua salvação definitiva (cf. Hb 9,28), a sua redenção completa (cf. Rm 8,23) somente quando Deus a tiver transportado toda inteira ‘do poder das trevas para o reino do seu Filho amado’ (Cl 1,13)”⁶¹⁹. Dessa forma a liturgia “se torna para os cristãos objeto não de uma experiência terrena, mas de uma espera que orienta a vida inteira em direção ao encontro com Deus e a plenitude da salvação em Cristo”⁶²⁰. Torna-se “o Céu sobre a Terra, e nela o Verbo que assumiu a carne envolve a matéria de uma potencialidade salvífica que se manifesta plenamente nos sacramentos”⁶²¹. Assim, a eternidade não vem depois do tempo e da história presentes, “mas é a realização final, ao mesmo tempo, transcendente e intrínseca a essa história”⁶²².

Importante ressaltar que quando a escatologia fala do futuro é também para sublinhar a importância da vida presente, pois o mistério da Páscoa de Cristo atinge a realidade deste mundo. Presume-se daí que a escatologia envolve o presente e sua meditação acerca das realidades últimas. Não separa o presente do contexto nem exclui. Ou seja, ao cristão não é permitido alienar-se da história terrestre. Ao contrário, deve levar a cabo a missão que o Pai confiou, elaborando neste mundo um esboço do além baseado na libertação escatológica

⁶¹⁵ Cf. LG 50.

⁶¹⁶ AUGÉ, Matias. **Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade**, p. 310.

⁶¹⁷ LOPES, Geraldo. **Gaudium et Spes: texto e comentário**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 140.

⁶¹⁸ Cf. ClgC 1186.

⁶¹⁹ BERGAMINI, Augusto. **Cristo, festa da igreja: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico**. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 102.

⁶²⁰ AUGÉ, Matias. **Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade**, p. 310.

⁶²¹ JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Orientalis Lumen no centenário da Orientalium Dignitas do Papa Leão XIII (2 de maio de 1995)**, 11. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1995/documents/hf_jp-ii_apl_19950502_orientalis-lumen.html. Acesso em: 05/04/2018.

⁶²² BERGAMINI, Augusto. **Cristo, festa da igreja: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico**, p. 102-103.

universal⁶²³ “com o compromisso de viver a ressurreição de Cristo desde este mundo caminhando junto com todos os que trabalham pelos demais”⁶²⁴ na esperança dos bens futuros.

O cristão associado ao mistério pascal e configurado à morte de Cristo vai ao encontro da ressurreição, fortalecido pela esperança⁶²⁵. Para assegurar o cumprimento deste empenho, o Senhor deixou à Igreja seu corpo e seu sangue na ceia da comunhão fraterna e na prelibação do banquete celeste⁶²⁶, fazendo pela liturgia, principalmente pela eucaristia, os crentes participarem de sua vida gloriosa⁶²⁷. De modo que quando celebram a ceia do Senhor, além de recordarem a sua ressurreição, na esperança de ver o dia sem ocaso⁶²⁸, de proclamarem sua morte até que ele retorne (Cf. 1Cor 11,26), suplicam o amor ao que ele ordenou e a paciência para esperar o que prometeu fixando os corações onde se encontram as verdadeiras alegrias mesmo em meio a instabilidade deste mundo⁶²⁹.

A dimensão escatológica da liturgia está esquecida em meio à modernidade fluida que manipulou a eternidade para ter lucros. Com a ideia de eternidade rejeitada, prevalece a velocidade e não a duração. Esse contexto propiciou ao crente a despreocupação com a eternidade sem a perda das maravilhas eternas. Como se viu acima no pensamento de Bauman, o que deve ser temido agora não é mais a morte física, mas são os perigos que podem vazar de qualquer canto ou fresta dos lares e do planeta ameaçando o lugar da pessoa no mundo. A insegurança, o medo e o desamparo são componentes chaves para a prosperidade na sociedade líquida e são curados por produtos que devolvem a esperança às pessoas que lutam cotidianamente para não sofrerem a condenação da exclusão nem irem para a lata de lixo. Na sociedade sem eternidade, que valoriza apenas o presente e rejeita tudo que se herda do passado⁶³⁰, o medo de viver para o depósito de lixo preocupa e consome energia e trabalho.

Mas a liturgia celebra para os cristãos e para o mundo “o sentido final da vida histórica, dos compromissos e das esperanças, em um Reino que é antecipado e em uma esperança

⁶²³ Cf. Fl 2,12; LG 4; GS 38.

⁶²⁴ CASTELLANO, Jesús. **Liturgia e vida espiritual**: teologia, celebração, experiência. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 437.

⁶²⁵ Cf. GS 22.

⁶²⁶ Cf. GS 38.

⁶²⁷ Cf. LG 48.

⁶²⁸ Cf. MISSAL Romano. Prefácio dos domingos do tempo comum, IX, O Dia do Senhor, p. 436.

⁶²⁹ Cf. MISSAL Romano. Oração coleta do XXI Domingo do Tempo Comum, p. 365.

⁶³⁰ Cf. FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para a XXXII Jornada Mundial da Juventude 2017 (Domingo de Ramos, 9 de abril de 2017)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papafrancesco_20170227_messaggio-giovani_2017.html. Acesso: 11/08/2018.

escatológica que é anunciada”⁶³¹. Nela a eternidade não foi derretida como tudo que escoa na modernidade líquida, nem foi submetida à eterna mudança dos líquidos porque é conduzida pelo Cristo eterno. A liturgia molda o agir cristão diante de todo mal disseminado no mundo constituindo-o num fermento de transformação, animado não por um ideal histórico, mas pelas exigências da esperança e da vocação cristãs, as quais vão além das realidades desse mundo⁶³². Assim, a liturgia celebra o que já possui e se projeta para o que acredita que terá, enquanto espera o Senhor que vem⁶³³, empenhando o cristão, chamado a eternidade, a vivê-la desde agora no presente pelo exercício da caridade e da oferta do próprio ser pelo qual roga a santificação desejoso de chegar à eterna alegria⁶³⁴.

3.2 Incremento da Pastoral Litúrgica hoje: educar para celebrar

A participação é o “princípio propulsivo, inspirador e diretivo de toda a obra de fomento e renovação litúrgica”⁶³⁵. “O centro de interesse da Constituição é conduzir o povo a viver profundamente a Liturgia”⁶³⁶. A participação plena é o conceito catalisador. Por isso favorecer a ação pastoral litúrgica⁶³⁷ é indispensável para que a reforma geral da liturgia atinja sua meta de “fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis”⁶³⁸. Assim, “no conjunto da ação pastoral da Igreja, a pastoral litúrgica constitui um campo específico de suma importância articulado com as demais pastorais”⁶³⁹ para o crescimento da santidade de todo o povo de Deus, permitindo aos mesmos o exercício de seu sacerdócio, como batizados e confirmados que oferecem suas vidas como culto agradável a Deus no Espírito Santo⁶⁴⁰. Eis a finalidade da pastoral litúrgica que pode encontrar sua síntese fundamental e centro de atuação no artigo 14 da Constituição litúrgica que diz:

Deseja ardentemente a Mãe Igreja que todos os fiéis sejam levados àquela plena, cônica e ativa participação das celebrações litúrgicas, que a própria natureza da liturgia exige e à qual, por força do Batismo, o povo cristão,

⁶³¹ CASTELLANO, Jesús. **Liturgia e vida espiritual**: teologia, celebração, experiência, p. 438.

⁶³² CATÃO, Francisco. Os cristãos e o consumo a partir das Encíclicas Sociais. In: VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio. (orgs.). **Religião e consumo**: relações e discernimentos. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 221.

⁶³³ Cf. CASTELLANO, Jesús. Escatologia, p. 358.

⁶³⁴ Cf. MISSAL Romano. Oração sobre as oferendas do 23º Domingo do Tempo Comum, p. 367.

⁶³⁵ BARAÚNA, Guilherme. A participação ativa, princípio inspirador da Constituição Litúrgica. In: BARAÚNA, Guilherme (Org.). **A Sagrada Liturgia Renovada pelo Concílio**. Petrópolis: Vozes, 1964, p. 283.

⁶³⁶ VAGAGGINI, Cipriano. Vista panorâmica sobre a Constituição Litúrgica. In: BARAÚNA, Guilherme (Org.). **A Sagrada Liturgia Renovada pelo Concílio**. Petrópolis: Vozes, 1964, p. 129.

⁶³⁷ Cf. SC 43.

⁶³⁸ Cf. SC 1.

⁶³⁹ TRUDEL, Jacques. Pastoral litúrgica, p. 303.

⁶⁴⁰ Cf. Ibid., p. 301-302.

geração escolhida, sacerdócio real, gente santa, povo de conquista (1Pd 2,9; 2,4-5), tem direito e obrigação.

O tríplice serviço pastoral (profeta, sacerdote e rei), aplicado ao sacerdócio comum dos fiéis⁶⁴¹, põe o povo dos batizados como agente da celebração litúrgica e instaura um processo de desclericalização da liturgia com a intenção de aproximá-la e levá-la para o meio do povo. A superação, em tese, do clericalismo eclesial e litúrgico exige uma leitura eclesiológica “que tenha verdadeiramente amadurecido a novidade conciliar mais surpreendente: isto é, a participação ativa de todo o povo batizado à liturgia da Igreja à qual pertence”⁶⁴², pois os fiéis “oferecem a Deus hóstias espirituais por Jesus Cristo, e anunciam as virtudes d’Aquele que das trevas os chamou para a sua luz Admirável”⁶⁴³. Com efeito, a Liturgia é, por sua natureza, ação não somente do sacerdote, mas de todo fiel presente - “por sua natureza, a liturgia é popular e não clerical”⁶⁴⁴. Esta apropriação do fiel na ação litúrgica não reporta a nenhuma confusão de papéis específicos entre sacerdote e fiel, pois participam ativamente cada um a seu modo⁶⁴⁵.

Participar, assim, na ação litúrgica é “participar da ação que é de direito de toda a comunidade em ato cúlrico; de toda a assembleia dos filhos de Deus como *ekklesia* em Cristo Jesus, na presença do Espírito Santo, o reunidor de toda dispersão”⁶⁴⁶. É “toda a Igreja, conduzida pelo Espírito Santo, que é responsável por seu culto”⁶⁴⁷. Inevitavelmente tal participação plena, consciente, ativa, frutuosa, fácil, interna, externa e piedosa, deve ser ao mesmo tempo comunitária. No dizer da SC 26: “As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja que é sacramento de unidade, isto é, o povo santo, unido e ordenado sob a direção dos Bispos”. De certo, a Igreja, compelida pelo Espírito Santo, atrai “à fé e à confissão da fé os ouvintes, dispõe-nos ao batismo, arranca-os da escravidão do erro e incorpora-os a Cristo, para que através da caridade cresçam n’Ele até à plenitude”⁶⁴⁸.

As exigências de formação e de reforma contribuem para se atingir a participação que dá forma e estrutura a toda união eclesial⁶⁴⁹ e que para a qual é preciso ser educado como exige

⁶⁴¹ Cf. LG 10-13

⁶⁴² GRILLO, Andrea. **Ritos que educam: os sete sacramentos**. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 25.

⁶⁴³ PO 2.

⁶⁴⁴ PAPA FRANCISCO. **Discurso aos participantes na 68ª Semana Litúrgica Nacional**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papafrancesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html. Acesso: 13/03/2018.

⁶⁴⁵ Cf. SC 28-29.

⁶⁴⁶ VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**, p. 714.

⁶⁴⁷ GELINEAU, Joseph. **Em vossas assembleias: sentido e prática da celebração litúrgica**, p. 32.

⁶⁴⁸ Cf. LG 17; SC 6.

⁶⁴⁹ Cf. GRILLO, Andrea. **Ritos que educam: os sete sacramentos**, p. 32.

a própria natureza da liturgia⁶⁵⁰. O objeto desta educação não é o repertório antigo de textos-gestos rituais nem a elucidação de um conceito, mas a participação no evento do Mistério Pascal cume e fonte⁶⁵¹ de importância tal que não é igualado por nenhuma outra ação da Igreja⁶⁵². Este evento “se realiza de modo simbólico-ritual, envolvendo todo o corpo do sujeito em uma dinâmica que requer inteligência sensível e sensibilidade inteligente”⁶⁵³. Trata-se da participação numa ação litúrgica que possui uma estrutura visível e invisível⁶⁵⁴, na qual a assembleia participante e celebrante é inserida pela mediação de certos gestos simbólicos, atitudes e sinais que a atingem através dos sentidos. Não é a participação em algo do passado, mas no evento “fonte de existência eclesial aqui e agora, com toda a sua complexa realidade de palavras e ações”⁶⁵⁵.

A Liturgia, “compreendida como comunicação entre Deus e o homem, assim como entre os homens reunidos em assembleia”⁶⁵⁶, é uma linguagem, uma mensagem, por sua forma mais que por seu conteúdo⁶⁵⁷ que “se vale dos mais diversos meios de comunicação: o texto proferido, o canto e a música, os gestos, a mímica e o movimento, o espaço, as cores, os utensílios etc.”⁶⁵⁸, para expressar o melhor possível o mistério de Deus do qual a Igreja vive. O que foi instrumento de salvação tem nos sinais sensíveis da liturgia⁶⁵⁹, “novo âmbito externo e histórico da manifestação visível do Filho encarnado do Pai”⁶⁶⁰. Eles significam e operam a graça, a união entre Deus e o homem. Para garantir a participação, familiarizar e sintonizar cada crente com a essência do mistério a liturgia precisará educar os sujeitos para compreender a linguagem dos múltiplos meios de comunicação expressa no conjunto complexo de seus sinais.

Vale dizer que a educação anunciada não se relaciona com a abordagem racionalista para quem fazer educação litúrgica “pode significar somente encontrar/saber os significados de cada texto/gesto, permanecendo fiéis (de qualquer maneira) apenas ao conceito de forma como

⁶⁵⁰ SC 14.

⁶⁵¹ SC 10.

⁶⁵² SC 7.

⁶⁵³ GRILLO, Andrea. **Ritos que educam: os sete sacramentos**, p. 30.

⁶⁵⁴ Cf. SC 2.

⁶⁵⁵ GRILLO, Andrea. **Ritos que educam: os sete sacramentos**, p. 29.

⁶⁵⁶ GERHARDS, Albert; KRANEMANN, Benedikt. **Introdução à liturgia**. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 69.

⁶⁵⁷ MAILLÉ, Michel. Celebrar El hoy de Dios: La fiesta en la liturgia. In: VV.AA. **Problemática de La pastoral litúrgica**. Cuadernos phase, 41, 1993, p. 39.

⁶⁵⁸ GERHARDS, Albert; KRANEMANN, Benedikt. **Introdução à liturgia**, p. 71.

⁶⁵⁹ Objetos funcionais, simbólicos e indicativos, recursos da verbalidade, da expressão em imagens, da sonoridade, da corporeidade (Cf. MAILLÉ, Michel. Celebrar El hoy de Dios: La fiesta en la liturgia, p. 39.).

⁶⁶⁰ LÓPEZ MARTÍN, Julián. **A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 69.

forma verbal”⁶⁶¹. Trata-se antes de uma educação que tem a ver com a questão espiritual, porque coloca o ser espiritual “necessariamente no coração da experiência litúrgica, no mistério do culto, no corpo que celebra ações rituais e que fala linguagens simbólicas”⁶⁶². Trata-se ainda de uma educação que sabe que a realização plena do cristão que celebra “é conseguida na liturgia eclesial mediante a múltipla e rica expressão do simbolismo”⁶⁶³. Esta é a educação litúrgica nos moldes do Vaticano II. Observe-se que ela vai para além do cumprimento da intenção fundamental do mesmo concílio de ter uma liturgia na qual “o texto e as cerimônias expressem mais claramente as coisas santas que eles significam e o povo cristão possa compreendê-las facilmente”⁶⁶⁴, para representar uma redescoberta da fé cristã na relação originária entre Igreja e rito.

A constatação acima é a prova de que no processo de educação para a participação não se pode ignorar a urgência da reabilitação da experiência simbólica, ou seja, “de uma iniciação à ritualidade através da própria ação ritual”⁶⁶⁵ que origine “uma forma de mediação religiosa que permita a implicação do sujeito, isto é, a participação”⁶⁶⁶. “O homem moderno, naturalmente crítico, perdeu a ingenuidade que alimentava o agir simbólico e ritual, mas continua a necessitar dele”⁶⁶⁷. E, apesar de que, “para muitas pessoas a palavra rito hoje não possui crédito. O rito aparece como algo rígido, um vínculo a formas prefixadas; a ele se opõem a criatividade e a dinâmica da inculturação”⁶⁶⁸, “o rito não está ausente de nenhum ser humano, qualquer que seja a sua posição social, o seu ambiente ou sua condição”⁶⁶⁹. “O homem é religioso ou litúrgico por natureza, e, portanto, cultural, simbólico, que precisa expressar sua religiosidade e celebrá-la. Nesta sua natureza de homem litúrgico, ele é assumido pela liturgia cristã”⁶⁷⁰.

“É necessário reabilitar o rito porque o rito é o homem social”⁶⁷¹; porque “Rituais geram comunhão; são ocasiões em que as emoções se expressam - emoções que, talvez, jamais

⁶⁶¹ GRILLO, Andrea. **Ritos que educam**: os sete sacramentos, p. 29.

⁶⁶² Ibid., p. 25.

⁶⁶³ CASTELLANO, Jesús. **Liturgia e vida espiritual**: teologia, celebração, experiência, p. 320.

⁶⁶⁴ SC 21.

⁶⁶⁵ CARDITA, Ângelo Manuel dos Santos. **Reforma litúrgica para quê?**: revisitando a Sacrosanctum Concilium, p. 40.

⁶⁶⁶ Ibid., p. 41.

⁶⁶⁷ Ibid., p. 39-40.

⁶⁶⁸ RATZINGER, Joseph. **Introdução ao espírito da liturgia**, p. 133.

⁶⁶⁹ CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA (França). **A arte de celebrar**: guia pastoral, p. 30.

⁶⁷⁰ CASTELLANO, Jesús. **Liturgia e vida espiritual**: teologia, celebração, experiência, p. 318.

⁶⁷¹ Idem.

se manifestariam em outros lugares”⁶⁷²; é experiência primeira, ação originária, comunhão radical, ato de identidade profunda pelo qual “a Igreja proclama que Deus opera, no ato litúrgico, o efeito salvífico das ações históricas passadas das quais ela faz a comemoração”⁶⁷³. O rito faz parte do caráter conservador da liturgia que garante a sobrevivência e autenticidade da mesma de acordo com a sua natureza divina. É através dele que a liturgia cristã garante a centralidade do mistério de Cristo e estranha quando o mistério é utilizado para outra finalidade como aqueles relacionados à captação de recursos financeiros, destaques de pessoas ou situações, etc. Esses objetivos não condizem com a natureza da liturgia e causam a destruição da sua autenticidade⁶⁷⁴. Neste caso a educação ajudará a “redescobrir seja a interrupção, seja a continuidade entre ação humana e ação divina, que se realiza justamente na ação ritual”⁶⁷⁵.

Ritos e preces são a mediação para a compreensão do visível do mistério invisível⁶⁷⁶. A compreensão intelectual e afetiva do mistério da fé não indica uma participação ativa na liturgia. É necessário se submeter à trama de mediações simbólicas que toca o corpo, transforma a interioridade, fecunda a inteligência, mobiliza a liberdade em proporção direta à participação na ação litúrgica⁶⁷⁷. Um cuidadoso ministério pastoral deve ajudar a clarificar a realidade da palavra convertida em ação, ou seja, fazer notar que em liturgia dizer é fazer com gestos e posturas de “nobre simplicidade”⁶⁷⁸ “e com comportamentos que ocupem o espaço, isto é, que não somente estejam no interior do espaço, mas deem o sentido do que ali acontece: a súplica, o louvor, a ação de graças, a exortação”⁶⁷⁹. Dessa maneira, na cultura da imediatez líquida, a mediação ritual pode exercer “uma função humanizadora na medida em que a valorização da mediação pressupõe e exige a valorização da globalidade da pessoa humana e da(s) sua(s) experiências(s) concretas(s)”⁶⁸⁰. No contexto plenamente humano e cristão são inseridos os sinais da liturgia. Sem necessitar abandoná-las, as atitudes corporais, as coisas utilizadas nas

⁶⁷² GRÜN, Anselm. **Falar e silenciar**: por uma nova cultura do diálogo atencioso, p. 81.

⁶⁷³ AUGÉ, Matias. **Liturgia**: história, celebração, teologia, espiritualidade, p. 111.

⁶⁷⁴ Cf. COSTA, Valeriano Santos. A inculturação da celebração da fé. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 15, n. 60, JUL/SET, 2007, p. 75.

⁶⁷⁵ GRILLO, Andrea. **Ritos que educam**: os sete sacramentos, p. 47.

⁶⁷⁶ Cf. SC 2.

⁶⁷⁷ Cf. CARDITA, Ângelo Manuel dos Santos. **Reforma litúrgica para quê?**: revisitando a Sacrosanctum Concilium, p. 118.

⁶⁷⁸ SC 34.

⁶⁷⁹ CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA (França). **A arte de celebrar**: guia pastoral, p. 32.

⁶⁸⁰ CARDITA, Ângelo Manuel dos Santos. **Reforma litúrgica para quê?**: revisitando a Sacrosanctum Concilium, p. 119.

ações (água, vinho, azeite, pão etc.), são elevadas e transformadas adquirindo um sentido transcendente a significar e realizar a relação de comunicação com Cristo⁶⁸¹.

Não parece sem razões que a Constituição Litúrgica no n. 48 recorda que a Igreja zela para que os fiéis não assistam à ação litúrgica como estranhos espectadores, uma vez que apenas a interioridade da consciência e da afetividade não bastam, mas também é necessário “a exterioridade da corporeidade e da capacidade de relação dos seres humanos, para que ‘aprendam a oferecer-se a si mesmos’ até que ‘Deus seja tudo em todos’ (SC 48)”⁶⁸². Para isso, precisará fomentar tanto a inteligência dos sinais litúrgicos mediante uma apropriada catequese, como o compromisso pessoal através da relação entre culto e vida, liturgia e missão. Este esforço diminuirá os riscos de transformar as celebrações em exercícios conceituais e mentais somente necessitados das apelações consumistas da modernidade líquida. Concretiza-se assim a urgência e o dever da Igreja de promover a educação litúrgica⁶⁸³ dos cristãos para que possam entrar em contato com o ato decisivo, “a primeira e necessária fonte”⁶⁸⁴, de onde afirmam e recebem sua verdadeira identidade.

Por isso que a formação litúrgica não se restringe a ensinar como se celebra, o que também há necessidade, inclusive do aspecto normativo, mas se alarga para a compreensão da teologia da celebração, do por que e para que se celebra a Eucaristia, os sacramentos ou o domingo; o por que dos vários gestos simbólicos, etc. “Educar liturgicamente é também iniciar nas atitudes fundamentais da mesma celebração: a louvação, a escuta, o canto, a ritualidade de certos gestos como expressão do sentimento interior”⁶⁸⁵. Recorde-se que por meio dos gestos que os ministros realizam na liturgia “devem transparecer os gestos do próprio Cristo, de modo que apareça a beleza que nele se encerra”⁶⁸⁶. De certo, a beleza da liturgia é a mesma beleza de Cristo que continua a manifestar-se em cada celebração. “A gestualidade que Cristo mostrou durante sua vida pública, benzendo, acolhendo, tocando, curando, perdoando, impondo as mãos, unguindo, prolonga-se por meio dos gestos da liturgia e dos sacramentos”⁶⁸⁷.

⁶⁸¹ Cf. CASTELLANO, Jesús. **Liturgia e vida espiritual**: teologia, celebração, experiência, p. 320.

⁶⁸² CARDITA, Ângelo Manuel dos Santos. **Reforma litúrgica para quê?**: revisitando a Sacrosanctum Concilium, p. 118.

⁶⁸³ Cf. SC 11; 14; 19; 21; 30; 41; 50; 79.

⁶⁸⁴ Cf. SC 14.

⁶⁸⁵ Cf. *Ibid.*, p. 45.

⁶⁸⁶ BOROBIÓ, Dionísio. **A dimensão estética da liturgia**: arte sagrada e espaços para a celebração. São Paulo: Paulus, 2010, p. 20.

⁶⁸⁷ *Idem.*

Do supramencionado surge a inadiável exigência hermenêutica que se impõe à pastoral litúrgica, mesmo sabendo-se que a tradução da linguagem da fé no contexto cultural em que vivem os crentes também é tarefa da teologia, da catequese e da espiritualidade, pois fornecem à pastoral litúrgica os termos em que deve propor os textos bíblicos e as ações simbólicas⁶⁸⁸. Contudo, é uma ação contundente da pastoral litúrgica a promoção da autenticidade celebrativa investindo na educação dos sinais, pois a celebração é o lugar “onde a mediação sacerdotal de Cristo, que alcança os homens e mulheres em todos os momentos da vida, manifesta-se na visibilidade dos símbolos, em seu exercício a favor da Igreja de maneira privilegiada”⁶⁸⁹. A significação que emerge do diálogo entre normativo e o criativo atua destacando os elementos e as palavras que põe em contato a celebração com a vida, o interior da Igreja com os campos de missão no mundo, o celebrado com o testemunho além da celebração.

A linguagem litúrgica, enquanto expressão da fé de uma assembleia é sempre elaborada culturalmente⁶⁹⁰ e a “a comunicação, na liturgia, depende diretamente da linguagem, de uma linguagem atualizada ao dinamismo das culturas das assembleias celebrantes”⁶⁹¹. Nesse particular, a Pastoral Litúrgica, interpretando “ações linguísticas compostas de elementos verbais e não verbais das mais diversas procedências e de proveniência histórico-cultural diversificada, que se interconectam mutuamente”⁶⁹², contribui para a compreensão da liturgia. Esta tarefa desemboca numa profunda reflexão “a partir do pano de fundo da história e da teologia da liturgia, acompanhando cientificamente as transformações da atualidade”⁶⁹³. Por estes motivos, a ação pastoral se debruçará ainda mais sobre a análise das ações e realizações da celebração litúrgica e na elaboração de critérios para a verificação das condições de significação e comunicação das realidades divinas, dever sacramental das celebrações.

Essa exigência se interessa por manter a ligação da vida comum com os ritos, de modo que estes últimos se tornam gestos antropológica e culturalmente verdadeiros e influam sobre a vida e não fiquem marginalizados desta experiência. Neste sentido “investigam-se patamares de comunicação, competências para a ação, a estética da liturgia, a relação entre cultura e liturgia e a função da liturgia na vida da Igreja”⁶⁹⁴ na tentativa de elaborar critérios para a organização do espaço litúrgico e para a inculturação da liturgia. “A liturgia não é imaterial; é

⁶⁸⁸ Cf. DELLA TORRE, Luigi. Pastoral Litúrgica, p. 917.

⁶⁸⁹ TRUDEL, Jacques. Pastoral litúrgica, p. 308.

⁶⁹⁰ Cf. BRIGHENTI, Agenor. **A pastoral dá o que pensar**: a inteligência da prática transformadora da fé, p. 113.

⁶⁹¹ Ibid., p. 113.

⁶⁹² GERHARDS, Albert; KRANEMANN, Benedikt. **Introdução à liturgia**, p. 69.

⁶⁹³ Idem.

⁶⁹⁴ Idem.

antes, nos sinais em que se exprime, a representação e a reatualização eficaz do mistério de Cristo, quer dizer, da Sabedoria eterna de Deus que ‘apareceu no mundo e viveu entre os homens’⁶⁹⁵. É necessário, contudo, aceitar que o símbolo ainda não é percebido como deveria, embora se saiba da sua precedência na experiência sacramental, e que, “os ritos, para que não se tornem incompreensíveis, precisam encarnar-se, continuamente, em novas expressões”⁶⁹⁶. Por isso, a comunidade celebrante necessita, além da participação ativa e da corresponsabilidade ministerial, da formação para a qualidade dos sinais, a fim de se tornar cada vez mais imagem da Igreja⁶⁹⁷.

Esta educação parte do compromisso permanente da Pastoral Litúrgica de extrair cada vez mais das riquezas da Liturgia a energia vital saída de Cristo e difundida pelos membros do seu Corpo que é a Igreja⁶⁹⁸, mas não obterá êxito se os próprios pastores não estiverem imbuídos do espírito e da força da Liturgia e dela se tornarem mestres⁶⁹⁹. Mas antes dos sacerdotes, os bispos são os primeiros liturgos das dioceses⁷⁰⁰. Cabe a eles, em decorrência da identidade de mestres, pastores e santificadores⁷⁰¹, regular, promover, zelar por toda a vida litúrgica da Diocese⁷⁰², e fomentar nos pastores, seus colaboradores, um interesse prioritário por tudo o que diga respeito às celebrações dos divinos mistérios⁷⁰³. Unidos em Conferências Episcopais, devem ter um apreço muito especial neste setor da formação litúrgica do clero pelos motivos já expressos. Esta tarefa é de grande urgência, pois a carente formação do clero, reclamada em todas as conferências latino-americanas, caracterizada nos abusos que tanto causam desorientação como divisão nas comunidades⁷⁰⁴, continua sendo prejudicial à reforma litúrgica.

Seminários e Casas de formação religiosa, assim como as Faculdades de teologia recebem da reforma o dever de integrar, sob seus diversos aspectos (teológico, histórico,

⁶⁹⁵JOÃO PAULO II. Alocução no XX aniversário da Constituição Sacrosanctum Concilium (27 de outubro de 1984), n. 2; EDREL, n. 2941.

⁶⁹⁶BRIGHENTI, Agenor. **A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé**, p. 113.

⁶⁹⁷MARINI, Piero. **No 40º aniversário da promulgação da Constituição Sacrosanctum Concilium**. Disponível em: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/2003/documents/ns_lit_doc_20031204_40-concilium_po.html. Acesso em: 05/04/2018.

⁶⁹⁸ Cf. VQA 10.

⁶⁹⁹ Cf. SC 14.

⁷⁰⁰ Cf. SC 22; 26; 41; LG 26; ClgC 1125.

⁷⁰¹ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Decreto Christus Dominus. In: **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. São Paulo: Vozes, 1998, n. 15-16; Cf. LG 21; 26.

⁷⁰² Cf. CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS. **Diretório para o Ministério Pastoral dos Bispos - Apostolorum Successores**. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 145.

⁷⁰³ Cf. Idem.

⁷⁰⁴ Cf. DP 903.

pastoral), o ensino da Sagrada Liturgia entre as matérias necessárias, principais e mais importantes⁷⁰⁵. Não é possível conhecer o que se celebra sem familiaridade e sem o estudo do *Ordo Missae*, dos lecionários, dos diversos rituais, da Liturgia das Horas. É óbvio que a formação em foco não se restringe somente a cursos sistemáticos, embora sejam importantes e indispensáveis, mas exige, sobretudo, o próprio exercício do ministério litúrgico, na oração, na presidência dos sacramentos, no serviço da Palavra com sua homilia. O que mais forma na liturgia, tanto os seminaristas como aos sacerdotes, é a mesma liturgia, se a celebram bem⁷⁰⁶. É necessário que os futuros sacerdotes, diocesanos e religiosos, sejam formados num contexto permeado pela liturgia, inclusive que privilegie a formação teológica, pastoral e técnica para exercer a presidência das celebrações. É tarefa da pastoral litúrgica propiciar a profissionalização para o dever de agir e operar ritualmente dos ministros ordenados.

A competência doutrinal e técnica que tornam significantes e comunicantes das realidades divinas as celebrações litúrgicas, constituem o conhecimento intelectual e prático dos que são chamados a presidir assembleias litúrgicas. A verdade humana da celebração, além de ser conseguida pelo cuidado “da qualidade das coisas usadas e do ambiente em que se celebra”⁷⁰⁷, resulta também “da própria ação dos ministros, já que o símbolo litúrgico é quase sempre ação”⁷⁰⁸. É o modo de falar (entonação, pronúncia, ritmo, sonoridade...), o comportamento dos que fazem os vários sinais (uma leitura, um diálogo, um canto, um gesto...) conscientes de que são mediadores simbólicos de realidades divinas de salvação⁷⁰⁹. Nesse sentido, tanto os professores como os estudantes devem unir a teoria à prática. Devem assimilar a relação entre norma e criatividade, a pedagogia dinâmica de uma celebração, a ritualidade simbólica que, sobretudo faz falta que resplandeça nos ministros⁷¹⁰ para que não se incorra em celebrações somente mentais.

Nada disso sairá das ideias se nos Seminários, Casas de formação religiosa e Faculdades de Teologia, a Liturgia não for central na formação e aglutinante de toda a vida de piedade, não haverá possibilidade de entendê-la e vivê-la como fonte e cume da vida eclesial centrada na palavra e ação. Só assim os sacerdotes poderão satisfazer o que a *Sacrosanctum*

⁷⁰⁵ Cf. SC 16.

⁷⁰⁶ Cf. ALDAZABAL, José. La formación litúrgica: tarea inacabada de La reforma del Vaticano II. In: VV. AA. **Problemática de La pastoral litúrgica**. Cuadernos Phase 41, Barcelona, 1993, p. 48-49.

⁷⁰⁷ DELLA TORRE, Luigi. Pastoral Litúrgica, p. 916.

⁷⁰⁸ Idem.

⁷⁰⁹ Cf. Idem.

⁷¹⁰ Cf. ALDAZABAL, José. La formación litúrgica: tarea inacabada de La reforma del Vaticano II, p. 51.

lhes impõe, como um dos seus principais deveres⁷¹¹: promover por todos os meios, não só pela observação das leis que validam a celebração⁷¹², a participação dos fiéis aos sagrados mistérios que vá além da mera presença, como estranhos ou espectadores mudos⁷¹³. Isto acontecerá através de toda a ação pastoral e com a devida formação⁷¹⁴.

Daí nasce a convicção dos pastores para utilizar todas as ocasiões a fim de oferecer uma sólida formação litúrgica também aos agentes pastorais, tanto das equipes de animação litúrgica, servidores do altar e membros do coro, quanto dos catequistas, professores religiosos ou encarregados de outros campos pastorais. Dessa mesma forma, cada comunidade cristã, que nas palavras de João Paulo II deveria ser uma “escola de oração”⁷¹⁵, aprenderá situar a liturgia em seu lugar como mecanismo, aglutinação e impulso de toda a sua atividade⁷¹⁶. Além da exigência de “formar para a arte de celebrar ministros qualificados que presidam a oração, proclamem a Palavra, animem, ajudem no altar e sirvam mediante o canto, a música e a dança”⁷¹⁷, o incremento permanente de uma ação organizada e pensada rendem à pastoral litúrgica a conversão e a revisão das estruturas que não são para modernizar a Igrejas, “mas para buscar maior fidelidade ao que Jesus quer da sua comunidade”⁷¹⁸. Daí resultam outras exigências que serão ressaltadas abaixo.

3.3 Outras exigências para uma ação pastoral-litúrgica sólida

O substrato cultural onde a fé é professada propõe estilos de ser e viver contrários à natureza e dignidade do ser humano⁷¹⁹ impactado pelos ídolos do poder, da riqueza e do prazer efêmero transformados em norma máxima de funcionamento e em critério decisivo na organização social⁷²⁰. Consumir passou a ser o *modus vivendi* de todo ser humano. Quem não é consumidor perde a própria dignidade. Neste contexto mercantilista e competitivo, raros ficam o amor oblato e a gratuidade tratados como realidades impossíveis e absurdas. Quando o

⁷¹¹ Cf. SC 19; 30.

⁷¹² Cf. SC 11.

⁷¹³ Cf. SC 48; 11; 14; 19; 30.

⁷¹⁴ Cf. SC 14.

⁷¹⁵ JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte (6 de Janeiro de 2001)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html. Acesso em: 05/04/2018.

⁷¹⁶ Cf. . SÁNCHEZ, Víctor. La liturgia en el magistério latinoamericano: de Medellín a Aparecida, p. 280.

⁷¹⁷ TRUDEL, Jacques. Pastoral litúrgica, p. 310.

⁷¹⁸ CNBB. **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia** (Documentos da CNBB, 100). São Paulo: Paulinas, 2014, 59.

⁷¹⁹ Cf. DAp 387

⁷²⁰ Idem.

princípio priorizado no seio de uma comunidade eclesial é também o consumo, as relações entre autoridade e fiel são atravessadas por lógicas de poder, a comunidade se torna um lugar só burocratizado, organizado, eficiente e com um nível de esquecimento da atenção ao plano humano. Nessa situação “ela pode produzir exclusões, e, portanto, sofrimentos, feridas, que se tornam dificilmente cicatrizáveis”⁷²¹. Relações assim, como na sociedade líquida, “perpassadas por ciúmes e rivalidades, podem novamente insurgir dinâmicas de exclusão, de descarte”⁷²².

O Papa Francisco pede que se reconheça a evasão dos batizados da Igreja por não se sentirem pertencentes à Igreja⁷²³ e, claramente, aponta as causas: existência de estruturas com clima pouco acolhedor em algumas paróquias e comunidades, atitude burocrática frente aos problemas simples ou complexos da vida das pessoas, predominância do aspecto administrativo sobre o pastoral, assim como a sacramentalização desprovida de evangelização⁷²⁴. Outra constatação de grande importância para o incremento da pastoral litúrgica é feita por Francisco no n. 47 da EG: “Muitas vezes nos comportamos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega, é a casa do pai, onde há espaço para todos com a sua vida fadigosa”. Isto pode ser aplicado também na liturgia quando em muitas ocasiões se age de maneira a transformá-la em uma espécie de culto privado ou fortaleza fechada levando mesmo a atitudes intolerantes e pouco humildes e acolhedoras.

Um desafio importante é mostrar que a solução nunca consistirá em escapar de uma relação pessoal e comprometida com Deus, que ao mesmo tempo nos comprometa com os outros. Isto é o que se verifica hoje quando os crentes procuram esconder-se e livrar-se dos outros, e quando subtilmente escapam de um lugar para outro ou de uma tarefa para outra, sem criar vínculos profundos e estáveis⁷²⁵.

Nesse contexto, exige-se mais acentuadamente “uma certa reestruturação da comunidade cristã na qual estejam em evidência algumas dimensões essenciais que lhe permitam ser comunidade segundo o evangelho”⁷²⁶. Intui-se daí a necessidade de uma pastoral da acolhida levada a sério, “mais atenta às diversas necessidades e situações e mais diversificada para responder de maneira adequada às pessoas numa sociedade na qual cresce a descristianização”⁷²⁷. Acolher é estender as mãos a quem se sente excluído e constitui-se um

⁷²¹ MANICARDI, Luciano. **O humano sofrer**: evangelizar as palavras sobre o sofrimento, p. 164.

⁷²² Ibid., p. 165.

⁷²³ Cf. EG 63.

⁷²⁴ Cf. Idem.

⁷²⁵ EG 91.

⁷²⁶ MANICARDI, Luciano. **O humano sofrer**: evangelizar as palavras sobre o sofrimento, p. 165.

⁷²⁷ PAGOLA, José Antonio. **Voltar a Jesus**: para a renovação das paróquias e comunidades, p. 16.

desafio para a liturgia que precisa encarar a necessidade de deter a corrida desenfreada que a sociedade de consumo impõe para vender coisas, acabando por transformar as pessoas em pobres insatisfeitos permanentemente⁷²⁸.

Junto com uma Pastoral da Acolhida atenta, surge a necessidade da criação de estruturas para desenvolver o diálogo e a escuta que permitem conhecer-se e compreender as exigências recíprocas; que permitem passar de comunidades autoritárias e clericalistas, que criam passividade e infantilismo às comunidades que produzem responsabilidade, participação e criatividade⁷²⁹. Certamente estes espaços libertarão as comunidades dos medos que afogam a alegria e asfixiam a liberdade dos filhos e filhas de Deus. O diálogo é “expressão de caridade porque, mesmo não ignorando as diferenças, pode ajudar a procurar e compartilhar percursos em vista do bem comum”⁷³⁰. Através do diálogo aprende-se a ver o outro não como uma ameaça, mas como um dom de Deus que interpela e pede para ser reconhecido. Por isso ele é capaz de criar um clima de amabilidade, confiança, cordialidade e comunicação. Passa pelo diálogo a recuperação da capacidade de escuta que infelizmente não é muito comum na sociedade do consumismo. A liturgia é um exemplo de espaço para se exercitar tanto o diálogo como o silêncio. Quando nela se entra para rezar escuta-se a Deus e este escuta e encoraja “a abater os muros das incompreensões, a criar pontes de comunicação, superando o isolamento e o fechamento no nosso pequeno mundo”⁷³¹.

São urgências que fazem a comunidade dos cristãos sair ao encontro dos afastados, interessar-se por sua situação, a fim de reencantá-los com a Igreja e convidá-los a retornarem para ela⁷³². Isto gera solidez porque cria vínculo comunitário real, corresponsabilidade, compromisso e entrega em e pela Igreja⁷³³. A revitalização das comunidades deve fazer resplandecer a comunidade acolhedora, samaritana, orante e eucarística⁷³⁴. Para efetivá-la faz-se necessário reanimar os processos de formação de pequenas comunidades vivas e dinâmicas onde se poderá despertar uma espiritualidade sólida, baseada na Palavra de Deus. Através das

⁷²⁸ Cf. GE 108.

⁷²⁹ Cf. PAGOLA, José Antonio. **Voltar a Jesus:** para a renovação das paróquias e comunidades, p. 89.

⁷³⁰ Cf. Idem.

⁷³¹ Cf. FRANCISCO. **Discurso aos voluntários do “telefone amico Itália” (Sala Clementina Sábado, 11 de março de 2017)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/march/documents/papa-francesco_20170311_volontari-telefono-amico.html. Acesso em: 11/08/2018.

⁷³² Cf. DAp 226d.

⁷³³ Cf. DAp 226b.

⁷³⁴ Cf. CNBB. **Comunidade de comunidades:** uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia, 56.

pequenas comunidades, tem-se grande possibilidade de chegar aos afastados, aos indiferentes e aos que alimentam descontentamento ou ressentimentos em relação à Igreja.

Sem dúvida, deve-se considerar que não será possível contornar a onda líquida da modernidade se não houver uma mudança nas relações comunitárias. As mesmas não podem ser dominadas pela lógica de interação burocrática como as que acontecem com a clientela consumidora. Essa distinção comportamental comunitária resulta na redescoberta das comunidades como espaços de irmãos e irmãs e não como lojas de produtos de fé com envolvimento multifacetados ávidos por buscar resultados por métodos semelhantes aos de outras instituições para obter lucros financeiros. Se o modo de ser comunidade distinguir-se do previsto pelo Cristo e já ensinado pelo Concílio Vaticano II, a relação comunitária será selecionada pelo critério da necessidade de operacionalização eficiente aos moldes do capital.

Para se confrontar respeitosamente com o individualismo a proposta em pauta da pastoral litúrgica é a do Ressuscitado convidando para caminhar junto com ele, sendo ele o Mestre e os demais irmãos uns dos outros (cf. Mt 23,8). Jesus reage à despersonalização reconstruindo identidades integradas⁷³⁵. Ciente de que “o encontro com Cristo, graças à ação invisível do Espírito Santo, realiza-se na fé recebida e vivida na Igreja”⁷³⁶, uma pastoral litúrgica que se preza ficará atenta “a qualquer sinal de desprezo da vida e de exploração da pessoa humana”⁷³⁷, haja vista que Jesus faz presente a vida plena (cf. Jo 10,10). À sede de Deus de muitas pessoas, a pastoral litúrgica necessita responder com uma espiritualidade que cure, liberte, encha de vida e de paz, chamando à comunhão solidária e à fecundidade missionária⁷³⁸. Uma pastoral litúrgica que chegue realmente a todos sem exceções nem exclusões e que se concentra no anúncio do essencial, do que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário⁷³⁹.

A tarefa primordial da Pastoral Litúrgica é despertar a fé em Jesus como o Filho do Pai e porta de entrada para a Vida⁷⁴⁰. Para a vida envolta em ansiedades que a condicionam ao consumismo e a põe de joelhos diante da idolatria dos bens terrenos, empurrando Deus para fora, o serviço organizado da liturgia tem como antídoto Jesus que revela a vida íntima de Deus

⁷³⁵ Cf. DAp 110.

⁷³⁶ DAp 246.

⁷³⁷ DAp 112.

⁷³⁸ Cf. EG 89.

⁷³⁹ Cf. EG 35.

⁷⁴⁰ Cf. DAp 101.

em seu mistério mais elevado, a comunhão trinitária; Jesus que oferece a ressurreição e a vida eterna em Deus, valor supremo⁷⁴¹. A Igreja possui o antídoto para todo marasmo pastoral-litúrgico, mas precisa repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das comunidades⁷⁴². O antídoto⁷⁴³ precisa ser usado sem medo e fechamentos em métodos antigos e posturas de defesa diante da nova cultura. Assim poderá, de fato, estimular e favorecer “a reconstrução da pessoa e de seus vínculos de pertença e convivência, a partir de um dinamismo de amizade, gratuidade e comunhão. Desse modo, neutralizam-se os processos de desintegração e atomização sociais”⁷⁴⁴.

Celebrações como batizados e exéquias são reconhecidas ocasiões em que o rito de Deus, que age sempre “na humildade, no silêncio, nas coisas pequenas”⁷⁴⁵ e não do espetáculo mundano⁷⁴⁶, se entranha na vida quotidiana das pessoas. Nestas circunstâncias se pode comunicar uma mensagem de esperança a tantos indiferentes à religião em busca de sentido para suas vidas. A vida quotidiana permite compreender ainda mais diretamente a importância e a eficácia extraordinária da liturgia num mundo cada vez mais necessitado de sinais que o introduzam no mistério⁷⁴⁷.

Não podia ser esquecida na lista de desafios da pastoral litúrgica no mundo líquido, a piedade popular. Em vários artigos da *Sacrosanctum Concilium*⁷⁴⁸ percebe-se expressamente o

⁷⁴¹ Cf. DAp 109.

⁷⁴² Cf. EG 33.

⁷⁴³ A reconciliação: lugar de encontro com Jesus Cristo misericordioso, que nos devolve a alegria e o entusiasmo de anunciá-lo aos outros (cf. DP 254). Os pastores são chamados a fomentar a confissão freqüente dedicando tempo suficiente para oferecer o sacramento da reconciliação com zelo pastoral e entranhas de misericórdia. Ajudados, inclusive com o exemplo dos pastores (cf. DAp 177), os fiéis aprendam a valorizar este sacramento, presente de Deus; Oração pessoal e comunitária: lugar onde o discípulo, alimentado pela Palavra e pela Eucaristia, cultiva uma relação de profunda amizade com Jesus Cristo e procura assumir a vontade do Pai (DAp 255); Promover a Liturgia das Horas como prática bíblica para viver o ser cristão com alegria e convicção como discípulos e missionários de Jesus Cristo; Oferecer à comunidade uma modalidade de iniciação cristã, que além de marcar o quê, também dê elementos para o quem, o como e o onde se realiza (cf. DAp 287); Desenvolver nas comunidades um processo de iniciação na vida cristã que comece pelo querigma que leve à conversão, ao seguimento em uma comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e da missão (cf. DAp 289); No caminho de iniciação tem papel importante a catequese mistagógica. “Trata-se de uma experiência que introduz o cristão numa profunda e feliz celebração dos sacramentos, com toda a riqueza de seus sinais” (DAp 290); Que a catequese não se limite a uma formação meramente doutrinal, mas que também cultive o apreço pela celebração litúrgica (cf. DAp 299); Nessa tarefa, o estudo e a assimilação do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos é referência necessária e apoio seguro (cf. DAp 293); Tudo isso requer novas atitudes pastorais por parte dos bispos, presbíteros, diáconos, pessoas consagradas e agentes de pastoral (cf. DAp 291).

⁷⁴⁴ DAp 539.

⁷⁴⁵ FRANCISCO. Nada de espetáculo (9 de março de 2015). In: **Homilias da manhã na Capela da Domus Sanctae Marthae**. Volume V. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 120.

⁷⁴⁶ Ibid., p. 123.

⁷⁴⁷ Cf. FISICHELLA, Rino. **A nova evangelização: um desafio para sair da indiferença**. São Paulo: Paulus, 2012, p. 77-78.

⁷⁴⁸ Cf. SC 9; 10; 12; 13; 17; 105; 108.

desejo de uma correta relação entre Piedade Popular e Liturgia. Mas o Concílio não conseguiu o equilíbrio desejado entre essas “duas expressões legítimas do culto cristão”⁷⁴⁹ dando o destaque devido à celebração litúrgica e, por várias vezes, subestimando “os exercícios piedosos como restos de uma religiosidade de segunda classe a ser superada”⁷⁵⁰. O pós-concílio foi um período de mal-estar para a piedade popular frente a uma liturgia verbal-conceitual, elitizada e distante do povo simples⁷⁵¹. Esqueceu-se nesse processo que, mesmo a liturgia sendo cume e fonte⁷⁵², de primeira grandeza⁷⁵³ da vida da Igreja, não é a única expressão de culto do povo cristão⁷⁵⁴ que possui expressões em diferentes épocas, culturas e lugares chamadas devoções privadas, atos de piedade popular ou religiosidade popular⁷⁵⁵.

Os valores antropológicos da piedade popular estão no “reconhecimento do valor dos sinais e ritos para o homem, que reage a um racionalismo exagerado”⁷⁵⁶. Em suas expressões estão presentes uma linguagem do povo, “suas aspirações e lutas, suas esperanças e alegrias”⁷⁵⁷; tais expressões integram a totalidade da pessoa: o corpóreo, o sensível, o simbólico e suas necessidades concretas; é uma espiritualidade cristã que é gerada e dialogada, a partir da matriz da identidade cultural; relaciona-se “com os elementos cósmicos naturais, unidos à terra, às estações, à montanha, ao lugar sagrado”⁷⁵⁸; origina-se “das múltiplas formas culturais e de expressões da fé que foram marcando a vida dos povos”⁷⁵⁹. Ela é marcada pela autonomia e pela criatividade em relação ao oficial e à autoridade do clero e pelo protagonismo do povo que adquire atitudes e comportamentos espontâneos, livres, criativos, enraizados.

No contexto que derrete todos os sólidos, é válida a recomendação de Puebla: “esmerem-se os agentes de pastoral por recuperar os valores evangelizadores da piedade popular em suas diversas manifestações, quer pessoais, quer coletivas”⁷⁶⁰. Nestes tempos

⁷⁴⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Diretório sobre a piedade popular e Liturgia:** Princípios e orientações. São Paulo: Paulinas, 2003, 58. (Doravante DPPL).

⁷⁵⁰ GONZÁLEZ, Ramiro. **Piedade popular e liturgia.** São Paulo: Loyola, 2007, p. 118.

⁷⁵¹ Cf. *Ibid.*, p. 40.

⁷⁵² Cf. SC 10.

⁷⁵³ Cf. SC 14.

⁷⁵⁴ Cf. SC 12.

⁷⁵⁵ Cf. BOROBIO, Dionisio. **Celebrar para viver:** Liturgia e sacramentos da Igreja, p. 75.

⁷⁵⁶ *Ibid.*, p. 78.

⁷⁵⁷ *Idem.*

⁷⁵⁸ *Idem.*

⁷⁵⁹ *Idem.*

⁷⁶⁰ DP 959.

líquidos a piedade popular pode ser assumida e valorizada⁷⁶¹ como lugar de encontro com Cristo com “grande significado para a preservação e transmissão da fé e para a iniciação à vida cristã, bem como para a promoção da cultura”⁷⁶². Os povos latino-americanos identificam-se “com o Cristo sofredor, olham-no, beijam-no ou tocam seus pés machucados”⁷⁶³. Sentindo-se parte da Igreja, “muitos deles golpeados, ignorados, despojados, não abaixam os braços”⁷⁶⁴. Longe de desaparecer por conta dos processos migratórios, “é vigoroso o esforço de voltar à aldeia, ao santuário, porque só assim se pode viver com identidade em meio às grandes cidades, que massificam as pessoas”⁷⁶⁵.

Por isso, um tato pastoral acurado faz-se necessário diante da liturgia das romarias e das festas dos padroeiros que podem ser potencializadas com a “celebração do sacramento da penitência, da eucaristia, dos atos eucarísticos, de alguma hora de ofício e dos sacramentais”⁷⁶⁶. Valerá o “esforço para harmonizar os atos devocionais com os tempos litúrgicos em que se enquadram no estilo do indicado na *Marialis Cultus* (1947) 3-5”⁷⁶⁷. Pode-se “dedicar maior empenho aos atos devocionais particularmente estimados pela Igreja: Rosário, Angelus, Via-Crucis etc.

Da interação entre liturgia e piedade popular, surge então a necessidade da inculturação que “não é um processo superficial ou estratégico para ser simpático”⁷⁶⁸, mas é resultado “do conhecimento da liturgia e da cultura própria”⁷⁶⁹. O conhecimento da piedade popular e da liturgia considerará os “traços festivos e dramáticos, espontâneos e criativos, pessoais, mas comunitários, do outro mundo, mas profundamente humanos, simbólicos, mas imediatos”⁷⁷⁰ que compõem a religiosidade popular. Este conhecimento evitará hibridismos e

⁷⁶¹ Para conhecer os textos onde o Papa Francisco fala sobre a piedade popular: FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. Documentos Pontifícios 17. Brasília: Edições CNBB, 2013, nn. 70, 122-126.

⁷⁶² CNBB. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil (2015-2019)**. São Paulo: Paulinas, 2015, n. 88. (Documentos da CNBB, 102).

⁷⁶³ DAp 265.

⁷⁶⁴ Idem.

⁷⁶⁵ FERNÁNDEZ, Marco Antonio Órdenes. Desafios pastorales que plantean a las Diócesis y las parroquias La valorización y el impulso de la piedad popular en el proceso de nueva evangelización. In: PONTIFICIA COMISSIÓN PARA AMÉRICA LATINA. **Incidencia de la piedad popular en el proceso de Evangelización de América Latina. Actas de La Reunión Plenaria, 5-8 de abril de 2011**. Ciudad del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011, p. 390.

⁷⁶⁶ BECKHÄUSER, Alberto. **Religiosidade e Piedade Popular, Santuários e Romarias: Desafios Litúrgicos e Pastorais**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 50.

⁷⁶⁷ GONZÁLEZ, Ramiro. **Piedade popular e liturgia**, p. 50.

⁷⁶⁸ FERNÁNDEZ, Marco Antonio Órdenes. **Piedade popular**. Brasília: Edições CNBB, 2009, p. 76

⁷⁶⁹ Idem.

⁷⁷⁰ CHUPUNGO, Anscar J. **Inculturação litúrgica: sacramentais, religiosidade e catequese**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 121.

atavismos recorrentes na integração forçada de devoções e exercícios piedosos em esquemas litúrgicos, reprovará “criatividades litúrgicas apressadas (...) frutos exclusivos de personalismos, sem base cultural e sem raízes populares na Igreja”⁷⁷¹. Recorde-se a sugestão do Magistério de evangelizar a piedade popular, dando a ela fundamento trinitário, cristológico, eclesial, bíblico, litúrgico, ecumênico e antropológico, conforme sugere a *Marialis Cultus*, 25-39, mas com bom senso pastoral que gera paciência e prudente senso de tolerância. É um desafio para a Pastoral Litúrgica a recuperação de “elementos essenciais da fé cristã, como o significado salvífico da ressurreição de Cristo, o sentido da pertença à Igreja, a pessoa e a ação do Espírito Santo”⁷⁷².

Não se quer com isso a supervalorização da Piedade Popular em detrimento da Liturgia nem sugeri que esta última seja “uma expressão cultural considerada estranha à compreensão e à sensibilidade do povo”⁷⁷³ e “relegada a uma função secundária, ou reservada a grupos particulares”⁷⁷⁴. Na modernidade líquida cabe à Pastoral Litúrgica a compreensão de que piedade popular não é agir sem ritos, mas notar, mesmo com maior liberdade para tal, certa estrutura que move atitudes e comportamentos para o sagrado e assim encontrar a melhor maneira para potencializar as liturgias ocasionais, oportunas para a evangelização da piedade popular e sua. A piedade popular não pode ser a moda do momento, por isso a pastoral litúrgica cuidará para que no mundo do consumo a mesma não seja instrumentalizada e se não desvie de sua autenticidade para a obtenção de benefícios econômicos ou algum poder sobre os outros⁷⁷⁵; em vista de interesses turísticos ou de prestígio, de influência social, de propaganda ideológica⁷⁷⁶; não seja um espaço de lucro, de marketing ou de sucesso pastoral para reunir multidão. Isso ainda está presente em muitos casos, o que significa que em muitos projetos pastorais, não é considerado e menos descoberto o impulso evangelizador da piedade popular.

De certo, que o processo de evangelização-inculturação da piedade popular e da liturgia exige um profundo aperfeiçoamento das práticas litúrgicas atuais que, sem se desviar do universal, devem tocar a vida e as mais diversas situações em que se encontram as pessoas que celebram e procuram a Igreja, seja nas pequenas comunidades ou nos grandes santuários.

⁷⁷¹ TERRIN, Aldo Natale; CASTELLANO, Jesús. Religiosidade popular e liturgia. In: SARTORES, Dionisio; TRIACCA, Achille M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1015.

⁷⁷² DPPL 65.

⁷⁷³ DPPL 50.

⁷⁷⁴ Idem.

⁷⁷⁵ Cf. CNBB. **Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: Sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14)**. São Paulo: Paulinas, 2016, n. 195. (Documentos da CNBB,105).

⁷⁷⁶ Cf. BOROBIO, Dionisio. **Celebrar para viver: Liturgia e sacramentos da Igreja**, p. 79.

O profundo respeito, sobretudo da parte dos pastores, por estas demonstrações de fé simples, gera prontamente o diálogo e as boas-vindas a muitas pessoas, que viram tantas vezes nas atitudes dos pastores, abuso e desprezo; levando-os a olhá-los com desconfiança e medo⁷⁷⁷.

Conclusão: Educar para participar: uma exigência conciliar atual.

A guinada iniciada pelo Movimento Litúrgico que recuperou o Mistério Pascal como centro catalisador de toda a Ação Litúrgica da Igreja livrando-a de uma conotação puramente ritualística concebendo-a como o exercício da função sacerdotal de Cristo, fez a Igreja compreender que jamais poderá desvencilhar-se do seu centro sob o risco de perder sua origem e finalidade. A origem pascal da liturgia revela a sua solidez frente a tudo que é fugaz, pois não é criação humana. “O ser humano não pode criar sozinho o seu próprio culto”⁷⁷⁸. Nela, através do rito, nunca gerado pela fantasia ou criatividade humana como uma simples confirmação individualista, a verdadeira ação é ação de Deus. Ele próprio age e realiza o essencial. O Mistério apresenta-se, portanto, como uma ação, mas uma ação que brota das profundezas divinas e assim floresce na plenitude do ser. A Páscoa do Senhor é a fonte de toda salvação⁷⁷⁹. Essa é a novidade e a particularidade da liturgia cristã.

Na reflexão sobre os princípios reabilitados pela reforma litúrgica, viu-se que a Igreja reunida em assembleia constitui a família de Deus - família de famílias - mesmo que muitas vezes esteja ferida e até dividida em busca da cura para suas feridas e de caminhos de renovada esperança; comunidade de amor, do qual vive antecipadamente a beleza, e por ele deve atrair as pessoas e os povos para Cristo. Na reunião comunitária fica claro que Deus é essencialmente comunhão: “Aí ninguém é posterior, nem anterior, nem superior, nem inferior. A unidade divina é comunitária, porque cada pessoa está em comunhão com as outras duas”⁷⁸⁰.

A comunidade celebrante, baseada na realidade trinitária, “embora viva no mundo, realizando-se plenamente como Igreja, compartilha desde já a vida de Deus, que não tem fim”⁷⁸¹. Fica claro, dessa forma, que a pastoral litúrgica é desafiada pela tensão entre o agir humano, inserido nas estruturas do consumo, e a realidade definitiva da vocação à comunhão com Deus. O anúncio da força do ressuscitado atuante na história contrasta com a negação da

⁷⁷⁷ Cf. FERNÁNDEZ, Desafios pastorales que plantean a las Diócesis y las parroquias la valorización y el impulso de la piedad popular en el proceso de nueva evangelización, p. 399.

⁷⁷⁸ RATZINGER, Joseph. **Introdução ao espírito da liturgia**, p. 18.

⁷⁷⁹ CASEL, Odo. **O mistério do culto no cristianismo**, p. 79.

⁷⁸⁰ Cf. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Desafios éticos da globalização**, p. 75-76.

⁷⁸¹ CATÃO, Francisco. Os cristãos e o consumo a partir das Encíclicas Sociais, p. 209; Cf. LG 4.

preocupação com o agora que desfaz a necessidade de espaço para o eterno. Sua dimensão escatológica no contraponto com a modernidade líquida é um alerta sobre o grave desvio de pensar a ação litúrgica somente na perspectiva terrena quando, conforme o exposto acima, a liturgia parte da experiência presente para orientar os crentes em direção do cumprimento futuro⁷⁸². Afinal, o absolutismo da técnica determinada para o consumo “tende a produzir uma incapacidade de perceber aquilo que não se explica meramente pela matéria”⁷⁸³.

Também neste 3º capítulo viu-se como urgência no processo de educação litúrgica uma ação contundente para a promoção da autenticidade celebrativas, investindo na educação dos sinais. Esta preocupação é presente no Concílio Vaticano II “quando aborda a questão da adaptação da liturgia à mentalidade ou à índole dos diversos povos, conforme as diversas culturas”⁷⁸⁴. A descoberta do valor da assembleia e da celebração comunitária, como expressões vivas da Igreja, cobra sua valorização não só no campo da doutrina, como no campo da práxis⁷⁸⁵. Será tarefa da pastoral litúrgica criar e esclarecer a realidade do sinal comunitário cuidando para garantir que a comunidade seja de fato sujeito participante e não mero espectador. Cuidará da eficácia e da qualidade das celebrações, tanto no nível objetivo da legitimidade, como no âmbito da subjetividade dos participantes, para aproximar a Igreja e seus ritos da situação concreta das pessoas. Como parte ainda da criação desta realidade comunitária, a pastoral litúrgica esforçar-se-á por situar cada celebração ao longo do ano litúrgico para que manifestem o ser da Igreja em relação com a Páscoa do Senhor.

A formação deve unir a teoria à prática educando os futuros mediadores simbólicos para a competência doutrinal e técnica; para a compreensão da relação entre norma e criatividade; e para a ritualidade simbólica. Os sacerdotes precisam estar convencidos de que a liturgia e sua pastoral constituem-se numa fonte para o pastoreio e, assim como afirmou Puebla, nenhuma atividade pastoral pode se realizar sem referência a ela⁷⁸⁶; estar conscientes de suas próprias responsabilidades de formadores e animadores da oração do povo. Sem a qualificação, a liturgia não atinge na assembleia os efeitos desejados ficando sob suspeita sua característica principal do ponto de vista didático educativo, “de ser ensino concreto vital por meio da mesma

⁷⁸² Cf. CASTELLANO, Jesús. **Liturgia e vida espiritual**: teologia, celebração, experiência, p. 358.

⁷⁸³ CV 77.

⁷⁸⁴ BECKHÄUSER, Alberto. **Sacrosanctum Concilium**: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 61; cf. SC 37-40.

⁷⁸⁵ Cf. AUGÉ, Matias. **Liturgia**: história, celebração, teologia, espiritualidade, p. 94.

⁷⁸⁶ Cf. DP 927.

ação, na qual a atitude vital é transmitida não tanto por conceitos e por raciocínios quanto pelo viver e realizar no próprio momento uma situação sagrada com toda a pessoa”⁷⁸⁷.

Percebe-se pelo que se falou acerca da iniciação à participação nos mistérios celebrados, que ela é superior a uma simples revisão ou reforma dos livros e ritos litúrgicos. Muitas vezes tudo foi reduzido a anunciar as mudanças de ritos ou textos sem dar significado suficiente⁷⁸⁸, ou “prestou-se mais atenção à liturgia em si mesma do que à pessoa que a celebra; foram renovados os livros litúrgicos, mas não as assembleias celebrantes”⁷⁸⁹. Não que a reforma dos ritos e dos livros litúrgicos empreendida quase imediatamente a seguir à promulgação da Constituição *Sacrosanctum Concilium*⁷⁹⁰ não tenha sido importante, inclusive os livros “contribuíram e continuam a contribuir eficazmente não só para reavivar o interesse pela liturgia, mas também para fazer compreender e saborear espiritualmente os matizes de sua expressão eucológica”⁷⁹¹. A iniciação à participação requer uma verdadeira mudança das mentalidades, como mesmo propôs o Vaticano II.

Ciente de que “o encontro com Cristo, graças à ação invisível do Espírito Santo, realiza-se na fé recebida e vivida na Igreja”⁷⁹², uma pastoral litúrgica que se preza ficará atenta “a qualquer sinal de desprezo da vida e de exploração da pessoa humana”⁷⁹³, haja vista que Jesus faz presente a vida plena (cf. Jo 10,10); uma Pastoral Litúrgica que junto com as demais pastorais no âmbito multicultural consiga iluminar “os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais”⁷⁹⁴.

Na última parte das contribuições falou-se da piedade popular e de sua importância no processo de resistência à liquidificação da modernidade, justamente por suas características aglutinantes. Ficou explícito que a centralidade e a primazia da Liturgia⁷⁹⁵ não podem ser motivos para se desprezar a Piedade Popular considerando-a “supérflua ou até mesmo prejudicial para a vida cultural da Igreja”⁷⁹⁶. Trata-se de dois modos distintos e complementares

⁷⁸⁷ VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**, p. 714.

⁷⁸⁸ Cf. FONTAINE, Gaston. La pastoral litúrgica. In: VV.AA. **Problemática de la Pastoral litúrgica**. Cuadernos Phase 41, Barcelona, 1993, p. 6.

⁷⁸⁹ CASTELLANO, Jesús. **Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência**, p. 316.

⁷⁹⁰ Cf. VQA 4.

⁷⁹¹ JOÃO PAULO II. Alocução no XX aniversário da Constituição *Sacrosanctum Concilium* (27 de outubro de 1984)n. 3; EDREL, n. 2942.

⁷⁹² DAp 246.

⁷⁹³ DAp 112.

⁷⁹⁴ EG 74.

⁷⁹⁵ Cf. SC 7; DPPL 46

⁷⁹⁶ DPPL 50

não opostos de se viver a fé cristã, e muito a ser oferecido e ensinado entre ambas. É um terreno onde a Pastoral Litúrgica deve desempenhar sua árdua tarefa de fomentar a “complementação que não nega nem suprime o outro, mas pode ser fonte de maior compreensão mútua”⁷⁹⁷.

⁷⁹⁷ FERNÁNDEZ, Marco Antonio Órdenes. **Piedade popular**, p. 75.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação, como já foi anunciado na introdução geral, foi elaborada buscando oferecer uma reflexão a partir do incremento Pastoral Litúrgica em tempos líquidos, considerando a análise dos números 43 a 46 da *Sacrosanctum Concilium* em confronto com a realidade atual descrita por Zygmunt Bauman. A pesquisa se propôs não a resolver os impasses de aplicação da pastoral litúrgica no que no que tange aos trabalhos das equipes nas várias comissões pedidas pelos números referenciados, o que seria pretensão demais, mas apresentar para o debate pastoral as situações que angustiam a quem desenvolve o ministério pastoral de animar à liturgia. Pensa-se que ficou nítido que o que se tem são mais desafios que respostas. Isto prova também que o incremento capitaneado pelo Concílio está longe de ter sido alcançado.

Ao ensejar a discussão com a proposta do título não se deixou de pensar que houvesse divergências da parte de observadores quanto à opção feita para o contraponto, afinal era obscuro o que poderia resultar da relação entre teologia litúrgica e o pensamento sociológico de Bauman. Mas ao ser aceito o árduo desafio buscou-se nessas páginas contribuir da melhor maneira para o enriquecimento do pensamento teológico, inclusive comprovando sua compatibilidade e sua indissolúvel dependência das ciências humanas.

A Igreja não pode ignorar a nova e veloz realidade contemporânea, mas, estando no mundo e constituída por ele, peregrina dividindo o destino de toda a humanidade, deve assumir a tarefa/pastoral de dar respostas novas às novas perguntas oriundas deste contexto determinado, confrontado com a mensagem revelada. Não há como negar a pertinência do que diz Bauman e sua incidência sobre a transmissão da fé que já não pode ser tratada como reprodução dos antepassados. Sendo a pastoral um processo que considera a vida e as celebrações das comunidades em contextos socioculturais bem concretos, seu incremento não pode prescindir da atual discussão, uma vez que o ato de ir às compras entrou muito sutilmente também na Liturgia da Igreja e representa naturalmente novo desafio para a sua missão de construir o Reino de Deus.

A esta conclusão se pôde chegar através da ênfase enfrentada por Zygmunt Bauman ao distinguir solidez e liquidez na sua descrição da sociedade. A compreensão do processo de derretimento dos sólidos como atividade geradora de lucro e do aumento do consumo incide fortemente na vida social, particularmente na família e atinge as comunidades cristãs que celebram o mistério de Cristo na liturgia. Esta constatação parece óbvia, mas o agravante é que,

assim como a definição da sociedade e a importância das pessoas são dadas pelo consumo, a liturgia tornou-se sedenta dos mesmos dispositivos para atrair adeptos. Assim, incitadas pelo mundo líquido moderno, na onda da fugacidade, presencia-se liturgias independentes do espírito do Vaticano II e arquitetadas a partir da última criatividade ou invenção de um agente muito criativo do ponto de vista humano. Celebrações individualista e materialista tem sido cada vez mais comuns, assim como suas consequências, espiritualidades individualistas e o esquecimento de Deus como autor principal da Liturgia da Igreja.

Frisou-se neste trabalho que, apesar da sociedade caracterizar-se pelo materialismo, o que se apreendeu de Bauman não indica o declínio do ser humano religioso nem da liturgia, mas somente realça que o pluralismo desafiou a fé e a sua celebração. A necessidade de espiritualidade continua. Neste contexto pode-se entender que a liturgia, como ação de mediação da revelação de Jesus Cristo, torna-se um espaço vital perante o desânimo e o medo causados pela liquidação consumista produtora de rostos sofredores e aflitos assentados na sociedade líquida incensada pelo lucro e pela sedução imediata. Isto está explícito na nova teologia litúrgica do Vaticano II desafiada pela individualização de muitas celebrações. A pastoral litúrgica em tempos líquidos deve investir na redescoberta da mística de viver juntos; rerepresentar a fé que liberta do isolamento e que conduz à comunhão transformando pessoas distintas em uma só família, um só corpo e um só espírito.

No contexto desumanizador em que se vive, a Liturgia é a celebração que humaniza e que ajuda as pessoas a se encontrarem umas com as outras no amor de Deus; é ação comunitária da Igreja, “vivenciando as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias com todos os homens e mulheres de hoje, sobretudo com os pobres”⁷⁹⁸; espaço onde os fiéis não devem ser transformados em consumidores. É dessa forma que a ação ritual litúrgica é um grito frente ao individualismo. Somente ela é capaz de fazer dos fiéis um só corpos congregados pelo Espírito Santo, uma só família alimentada pelo Corpo de Cristo e pela presença de Deus. No mundo das aparências e da propaganda, onde a tecnologia produz em frações de segundo, novos produtos, tecnologicamente superiores aos anteriores para alimentar a sede de consumo, o mistério de Cristo continua o mesmo na liturgia atraindo sem necessitar das técnicas de sedução da marketização da vida.

⁷⁹⁸ CNBB. **Orientações para a celebração da Palavra de Deus** (Documentos da CNBB 52). São Paulo, Paulinas, 1994, n. 16.

A *Sacrosanctum Concilium*, partindo dos fundamentos teológicos e da natureza da liturgia, elegeu a participação como a meta e o fundamento de toda e qualquer ação pastoral litúrgica. Trata-se de uma participação plena, consciente, ativa, frutuosa, fácil⁷⁹⁹, interna, externa⁸⁰⁰ e piedosa⁸⁰¹ de todo o povo santo de Deus no grande tesouro do mistério pascal, sobretudo na Eucaristia; uma participação não de passivo expectador mudo que assistiu uma ação feita por outros, “mas uma participação ativa como convém àqueles que realizam o próprio papel de ator quando a ação em que toma parte é, por intrínseca exigência, também a sua ação”⁸⁰².

Retomando com um olhar panorâmico o que se disse nos capítulos anteriores, perceber-se-á os avanços e os impasses. Reconhece-se que há lacunas e insuficiências que demonstram que o povo cristão não recebeu a formação litúrgica necessária para tomar parte ativa e consciente na celebração. A inibição e o desconhecimento trazem estagnação ao processo irrevogável da reforma e repassam a sensação desta última não ter correspondido às expectativas e às forças empregadas. Os passos dados nesta pesquisa fazem pensar que ainda hoje é preciso trabalhar redescobrimo os motivos das implementações e das tomadas de decisões com a reforma litúrgica. Isto sem dúvida ajudará a superar leituras infundadas e superficiais, além de práticas que desfiguram o dinamismo da reforma. Nada disso significa frustração no projeto de incremento da liturgia, mas somente reapresenta a reforma como uma tarefa inacabada em si mesma que abre para um campo de ação e reflexão em que o acento é posto no sujeito chamado a participar da liturgia.

Por isso que, além de a Pastoral Litúrgica ser “a arte de conduzir os fiéis a uma vivência mais profunda do mistério da salvação”⁸⁰³, ela se torna também “a ciência e a arte de dar aos sinais do culto cristão a maior capacidade possível de comunicação”⁸⁰⁴ não se contentando somente com a execução das rubricas ou com o conhecimento empírico das mesmas. Unida ao exercício do culto tem a tarefa de fazer funcionar a celebração, tornando conscientes os vários sujeitos do seu papel teológico e habilitando-os a desempenhar as funções rituais deles esperadas. É necessário educar para a participação. Esta educação não se confunde com a redução da mesma “à competência adquirida apenas pelos ministros ordenados no interior da

⁷⁹⁹ Cf. SC 11; 14; 79.

⁸⁰⁰ Cf. SC 19.

⁸⁰¹ Cf. SC 50.

⁸⁰² VAGAGGINI, **O sentido teológico da liturgia**, op. cit., p. 713.

⁸⁰³ TRUDEL, Jacques. Pastoral litúrgica, p. 302.

⁸⁰⁴ GELINEAU, Joseph. **Em vossas assembleias: sentido e prática da celebração litúrgica**, p. 32.

Igreja”⁸⁰⁵, mas se a formação do clero for deficitária ficará comprometida a formação dos ministros leigos. Por isso seminários, casas de formação religiosa e faculdades de teologia são lugares onde a formação litúrgica deve ser central e aglutinante.

Junto com os demais aspectos da formação para a participação, conclui-se neste íterim que a resistência litúrgica à deterioração dos sólidos comunitários só será possível quando a vivência comunitária for revista e os fiéis que estão deslocados nessa sociedade de liquidez cultural, que esvazia a pergunta sobre o sentido, restringindo-se ao interesse funcional, utilitário, econômico, marginalizando o que é gratuito, ao procurarem comunidades cristãs, encontrarem acolhida fraterna e se sentirem valorizados, visíveis e eclesialmente incluídos. É uma constatação central nesta pesquisa, pois fazer pastoral litúrgica significa cultivar na comunidade a liturgia que Deus faz pela humanidade. É ajudar as pessoas a entrarem nessa liturgia, especialmente através das celebrações numa sociedade cada vez mais secularizada e plural, como já mencionado, onde se identifica uma profunda crise de fé.

É fato que o tempo é outro e está sob a pressão do derretimento imposto pela sociedade líquida do consumo. Nesta conjuntura deve-se redescobrir a originalidade e a força salvadora de Jesus Cristo na expressão celebrativa dos sacramentos por outros caminhos que não são os do consumismo. Longe de ser o caos, enfrentando o apego a uma eternidade terrestre, à glorificação do presente e das satisfações que o mercado, a pastoral litúrgica brada silenciosamente pelo culto reafirmando a gratuidade de Deus e da redenção por Ele oferecida. Por fim, pela liturgia mostra-se que o mundo não é catástrofe vencendo a globalização da indiferença e construindo uma nova civilização do amor e da solidariedade que não aceita permanecer indiferente à miséria, à violência, ao anonimato de tantas pessoas necessitadas e à distância dos pequeninos. Neutralizar a cultura de morte com a cultura cristã da solidariedade é imperativo na Igreja sem prescindir, no anúncio do Evangelho, da cultura atual. A sociedade líquida não precisa ser demolida pela Igreja, mas assumida e compreendida com linguagem capaz de revelar a fé cristã como realidade pertinente e significativa de salvação alinhada a uma pastoral litúrgica que ajude a unir verticalidade e horizontalidade faz-se necessário, a fim de que quem celebre sintam-se impelido profeticamente para as transformações que o mundo precisa.

⁸⁰⁵ GRILLO, Andrea. **Ritos que educam**: os sete sacramentos, p. 25.

O incremento exigido pelo Concílio Vaticano II continua exigindo esforços dosados com paciência e inteligência para a aplicação gradual dos princípios do Concílio; ainda são atuais as solicitações dos nn. 43-46 da SC. As comissões nacionais, diocesanas paroquiais ainda precisam aceitar o desafio sempre novo da educação litúrgica de Pastores e fiéis. Devolver ao povo de Deus o sentido do sagrado da liturgia e ajuda-lo e incorporar-se ao mistério pascal pela ação litúrgica insiste em ser o compromisso mais nobre da pastoral litúrgica na sociedade líquida. Como fora dito: encontrar de novo uma Liturgia que seja um tempo meditativo de acolhimento e de interiorização da Palavra de Deus escutada, refletida e rezada; redescobrir a Liturgia como espaço orante, onde se possa viver uma experiência autêntica de encontro e de reconciliação com Deus, consigo mesmo e com a comunidade cristã de pertença; uma Liturgia que seja o seio maternal da Igreja, onde o cristão nasce, cresce e é alimentado pela Palavra e pelo Pão, para alcançar a estatura do homem perfeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAGRADA ESCRITURA

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

DOCUMENTOS

BENTO XVI. **Carta encíclica Caritas in Veritate sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade (29 de junho de 2009)**. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2009.

_____. **Carta Encíclica Deus Caritas Est**. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. **Exortação Apostólica pós-sinodal Verbum Domini**. Brasília: Edições CNBB, 2010.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000.

CELAM. Documento de Medellín. In: **Documentos do CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. Documento de Puebla. In: **Documentos do CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. Documento de Santo Domingo. In: **Documentos do CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus, Paulinas, 2008.

CNBB. **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia**. A conversão pastoral da paróquia (Documentos da CNBB, 100). São Paulo: Paulinas, 2014.

_____. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil (2015-2019)** (Documentos da CNBB, 102). São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário**. Brasília: Edições CNBB, 2008.

_____. **Orientações para a celebração da Palavra de Deus** (Documentos da CNBB, 52). São Paulo, Paulinas, 1994.

_____. **Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: Sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14)** (Documentos da CNBB, 105). São Paulo: Paulinas, 2016.

CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS. **Diretório para o Ministério Pastoral dos Bispos - Apostolorum Successores**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Diretório sobre a piedade popular e Liturgia: Princípios e orientações**. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum Sobre A Revelação Divina. In: **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. São Paulo: Vozes, 1998.

_____. Constituição Dogmática Lumen Gentium. In: **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. São Paulo: Vozes, 1998.

_____. Constituição Pastoral Gaudium Et Spes. In: **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. São Paulo: Vozes, 1998.

_____. Constituição Sacrosanctum Concilium. In: **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. São Paulo: Vozes, 1998.

_____. Decreto Ad Gentes. In: **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. São Paulo: Vozes, 1998.

_____. Decreto Christus Dominus. In: **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. São Paulo: Vozes, 1998.

_____. Decreto Unitatis Redintegratio. In: **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. São Paulo: Vozes, 1998.

_____. Decreto Optatam Totius. In: **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. São Paulo: Vozes, 1998.

_____. Decreto Presbyteriorum Ordinis. In: **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. São Paulo: Vozes, 1998.

_____. Declaração Nostra Aetate. In: **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. São Paulo: Vozes, 1998.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013.

_____. **Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate** sobre a chamada à santidade no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2018.

JOÃO PAULO II. Alocução no XX aniversário da Constituição Sacrosanctum Concilium (27 de outubro de 1984). In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **Enquirídio dos documentos da Reforma Litúrgica (EDREL)**. Fátima: Coimbra, 1998.

_____. **Carta Apostólica Vicesimus quintus annus (4 de dezembro de 1988)**. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **Enquirídio dos documentos da Reforma Litúrgica (EDREL)**. Fátima: Coimbra, 1998.

Missal Romano. Restaurado por Decreto do Sagrado Concílio Vaticano II e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI, 2ª edição típica. São Paulo: Paulus, 1991.

PAULO VI. Marialis Cultus. Exortação Apostólica para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria. In: _____: **Documentos de Paulo VI**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. Motu próprio Sacram Liturgiam (25 de janeiro de 1964). In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **Enquirídio dos documentos da Reforma Litúrgica (EDREL)**. Fátima: Coimbra, 1998.

PIO XII. Mediator Dei: A sagrada liturgia. In: _____: **Documentos de Pio XII (1939-1958)**. São Paulo: Paulus, 1998.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. **Do Conflito à Comunhão. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017**: Relatório da Comissão Luterana-Católico-Luterana para a Unidade. Brasília, Edição conjunta Edições CNBB e Editora Sinodal. 2015.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS - CONSILIUM. Sobre o incremento da reforma litúrgica (30 de junho de 1965). In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **Enquirídio dos documentos da Reforma Litúrgica (EDREL)**. Fátima: Coimbra, 1998.

_____. Carta sobre alguns problemas da reforma litúrgica (25 de janeiro de 1966). In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **Enquirídio dos documentos da Reforma Litúrgica (EDREL)**. Fátima: Coimbra, 1998.

_____. Instrução Inter Oecumenici (26 de setembro de 1964). In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **Enquirídio dos documentos da Reforma Litúrgica (EDREL)**. Fátima: Coimbra, 1998.

LIVROS

ALBERIGO, Giuseppe. (Org.). **O Concílio Vaticano II**: História dos Concílios Ecumênicos. São Paulo: Paulus, 1995.

ALDAZÁBAL, José. **A mesa da Palavra I**: elenco das leituras da missa: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. **Instrução geral sobre o Missal Romano**: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. La formación litúrgica: tarea inacabada de La reforma del Vaticano II. In: VV. AA. **Problemática de La pastoral litúrgica**. Cuadernos Phase 41, Barcelona, 1993.

AUGÉ, Matias. **Liturgia**: história, celebração, teologia, espiritualidade. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013.

BALBINOT, Rodinei. **Metodologia pastoral**: mística do discípulo missionário. São Paulo, 2009.

BARAÚNA, Guilherme. A participação ativa, princípio inspirador da Constituição Litúrgica. In: BARAÚNA, Guilherme (Org.). **A Sagrada Liturgia Renovada pelo Concílio**. Petrópolis: Vozes, 1964.

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

- _____. **Babel: entre a incerteza e a esperança.** Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- _____. **Bauman sobre Bauman: diálogos com Keith Tester.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. **Modernidade e Ambivalência.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **Tempos líquidos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. **Vida líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. **Vidas para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BECKAUSER, Alberto. **Os fundamentos da Sagrada Liturgia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- _____. **Religiosidade e Piedade Popular, Santuários e Romarias: Desafios Litúrgicos e Pastorais.** Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. **Sacrosanctum Concilium: texto e comentário.** São Paulo: Paulinas, 2012.
- BENEDETTI, Luis Roberto. Pastoral das massas. In: GODOY, Manoel; AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **50 anos de Medellín: revisitando os textos, retomando o caminho.** São Paulo: Paulinas, 2017.
- BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil: De João XXIII a João Paulo II: De Medellín a Santo Domingo.** Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. Concílio Vaticano II. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). **Dicionário do Concílio Vaticano II.** São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015.
- BERGAMINI, Augusto. **Cristo, festa da igreja: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico.** São Paulo: Paulinas, 1994.
- BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulus, 2017.
- _____. **Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BERGER, Rupert. Reunião/assembleia. In: _____: **Dicionário de liturgia pastoral: obra de consulta sobre todas as questões referentes à liturgia.** São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- _____. Páscoa, mistério pascal. In: _____: **Dicionário de liturgia pastoral: obra de consulta sobre todas as questões referentes à liturgia.** São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- BEUTLER, Johannes. **Evangelho segundo João: comentário.** São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BISCONTIN, Chino. **Pregar a Palavra: a ciência e a arte da pregação.** Brasília: Edições CNBB, 2015.

BOFF, Leonardo. **Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos: mínima sacramentalia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BOGAZ, Antônio Sagrado; HANSEN, João Henrique. **Liturgia no Vaticano II: novos tempos da celebração cristã.** São Paulo: Paulus, 2014.

_____. Sacrosanctum Concilium. In: PASSOS, Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). **Dicionário do Concílio Vaticano II.** São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015.

BONAÑO, Manuel Garrido **Grandes maestros y promotores del Movimiento Litúrgico.** Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2008.

BOROBIO, Dionísio. **A dimensão estética da liturgia: arte sagrada e espaços para a celebração.** São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **Celebrar para viver: Liturgia e Sacramentos da Igreja.** São Paulo: Loyola, 2009.

BOTE, Bernard. **O movimento litúrgico: testemunho e recordações.** São Paulo: Paulinas, 1978.

BOURGEOIS, Daniel. **La pastoral de La Iglesia.** Valência, ESP: EDICEPI, 2000.

BRIGHENTI, Agenor. **A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé.** São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2011.

_____. **Em que o Vaticano II mudou a Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2016.

_____. Ciência da religião aplicada à ação pastoral. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. **Compêndio de ciência da religião.** São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.

_____. Método ver-julgar-agir. In: PASSOS, Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). **Dicionário do Concílio Vaticano II.** São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015.

_____. Pastoral. In: PASSOS, Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). **Dicionário do Concílio Vaticano II.** São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015.

_____. Pretexto e contexto de um congresso novo. In: BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario. (Orgs.). **A Teologia da Libertação em perspectiva.** São Paulo: Paulus; Paulinas, 2013.

BUGNINI, Annibale. **La reforma de la liturgia (1948-1975).** Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2017.

BUYST, Ione. **Equipe de liturgia.** São Paulo: Paulinas, 2006.

CARDITA, Ângelo Manuel dos Santos. **Reforma litúrgica para quê? revisitando a Sacrosanctum Concilium.** São Paulo: Edições Loyola, 2018.

CARRIQUIRY LECOUR, Guzmán M. **Uma aposta pela América Latina: memória e destino histórico de um continente.** São Paulo: Paulus, 2004.

CASEL, Odo. **O mistério do culto no cristianismo.** São Paulo: Edições Loyola, 2009.

CASTELLANO, Jesús. Escatologia. In: SARTORES, Dionisio; TRIACCA, Achille M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia.** São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. **Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência.** São Paulo: Paulinas, 2008.

CATÃO, Francisco. Os cristãos e o consumo a partir das Encíclicas Sociais. In: VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio. (orgs.). **Religião e consumo: relações e discernimentos.** São Paulo: Paulinas, 2012.

CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA (França). **A arte de celebrar: guia pastoral.** Brasília: Edições CNBB, 2015.

CHUPUNGCO, Anscar J. **Inculturação litúrgica: sacramentais, religiosidade e catequese.** São Paulo: Paulinas, 2008.

CODINA, Victor. Nova configuração da Igreja. In: BRIGHENTI, Agenor; ARROYO, Francisco Merlos. **O Concílio Vaticano II: batalha perdida ou esperança renovada?** São Paulo: Paulinas, 2015.

COMBLIN, José. **O povo de Deus.** São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **Cristãos rumo ao século XXI: nova caminhada de libertação.** São Paulo: Paulus, 1996.

COSTA, Valeriano Santos. **Noções teológicas de liturgia.** São Paulo: Editora Ave-Maria, 2012.

_____. **Viver a ritualidade como momento histórico da salvação: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium.** São Paulo: Paulinas, 2010.

DA SILVA, José Ariovaldo. A celebração do Mistério de Cristo ao longo da história: panorama histórico geral da liturgia. In: CELAM. **Manual de Liturgia. A celebração do mistério pascal: outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja.** São Paulo: Paulus, 2007.

_____. Reforma litúrgica do Vaticano II para um jeito renovado de ser Igreja. In: BRIGHENTI, Agenor; ARROYO, Francisco Merlos (orgs.). **O Concílio Vaticano II: Batalha perdida ou esperança renovada?** São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. Da liturgia em Medellín para um jeito renovado de ser Igreja. In: GODOY, Manoel; AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **50 anos de Medellín: revisitando os textos, retomando o caminho.** São Paulo: Paulinas, 2017.

ABREU, Elza Helena de. Formação litúrgica à luz das intuições de Medellín. In: CNBB. **Liturgia e profecia: 50 anos de Medellín.** Brasília: Edições CNBB, 2017.

ALMEIDA, Antônio José de. **Lumen Gentium: a transição necessária**. São Paulo: Paulus, 2005.

ASSUNÇÃO, Rudi Albino de. **Bento XVI, a Igreja Católica e o “espírito da modernidade”, uma análise da visão do Papa teólogo sobre o “mundo de hoje”**. São Paulo: Paulus; Ecclesiae, 2018.

SOUZA, Ney de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATO, Vera Ivanise. **Concílio Vaticano II: análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2004.

DELLA TORRE, Luigi. Pastoral Litúrgica. In: SARTORES, Dionisio; TRIACCA, Achille M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992.

ESCOBAR, Francisco. Mistério Pascal de Cristo. In: CELAM. **Manual de liturgia. Vol. II: A Celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos**. São Paulo: Paulus, 2007.

FERNÁNDEZ, Marco Antonio Órdenes. Desafios pastorales que plantean a las Diócesis y las parroquias La valorización y el impulso de la piedad popular en el proceso de nueva evangelización. In: PONTIFICIA COMISSIÓN PARA AMÉRICA LATINA. **Incidencia de la piedad popular en el proceso de Evangelización de América Latina**. Actas de La Reunión Plenaria, 5-8 de abril de 2011. Ciudad del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011.

_____. **Piedade popular**. Brasília: Edições CNBB, 2009.

FISICHELLA, Rino. **A nova evangelização: um desafio para sair da indiferença**. São Paulo: Paulus, 2012.

FLORES, Juan Javier. **Introdução à teologia litúrgica**. São Paulo: Paulinas, 2006.

FLORISTAN, Cassiano. Pastoral Litúrgica. In: BOROBIO, Dionisio. (org.). **A celebração da Igreja: Liturgia e sacramentologia fundamental**. v.1. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. **Teología práctica: Teoría y praxis de la acción pastoral**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2009.

FLORISTAN, Cassiano; USEROS, Manuel. **Teologia de la accion pastoral**. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1968.

FONTAINE, Gaston. La pastoral litúrgica. In: VV.AA. **Problemática de la Pastoral litúrgica**. Cuadernos Phase 41, Barcelona, 1993.

FRADE, Gabriel dos Santos. Medellín e a liturgia. In: SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson, (Orgs.). **Medellín: memória, profetismo e esperança na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

FRANÇA MIRANDA, Mario de. Igreja e sociedade: da Gaudium et Spes a nossos dias. In: FERNANDES, Leonardo Agostini. (Org.). **Gaudium et Spes: reflexões bíblicas, teológicas e pastorais**. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO. **Entrevista exclusiva ao pe. Antonio Spadaro, SJ, diretor da revista de La Civiltà Cattolica.** São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

FRANCISCO. Quem escandaliza o povo? (21 de novembro de 2014). In: **Homilias da manhã na Capela da Domus Sanctae Marthae.** Volume IV. Brasília: Edições CNBB, 2016.

_____. Nada de espetáculo (9 de março de 2015). In: **Homilias da manhã na Capela da Domus Sanctae Marthae.** Volume V. Brasília: Edições CNBB, 2017.

GELINEAU, Joseph. **Em vossas assembléias:** sentido e prática da celebração litúrgica. São Paulo: Paulinas, 1974.

GERHARDS, Albert; KRANEMANN, Benedikt. **Introdução à liturgia.** São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GODOY, Manoel. Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). **Dicionário do Concílio Vaticano II.** São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015.

GOEDERT, Valter Maurício. **A constituição litúrgica do Concílio Vaticano II: A Sacrosanctum Concilium a seu alcance.** São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. A teologia do Concílio Vaticano II e suas conseqüências na emergência da Teologia da Libertação. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATO, Vera Ivanise. **Concílio Vaticano II: análise e perspectivas.** São Paulo: Paulinas, 2004.

GONZÁLEZ, Ramiro. **Piedade popular e liturgia.** São Paulo: Loyola, 2007.

GRILLO, Andrea. **Ritos que educam:** os sete sacramentos. Brasília: Edições CNBB, 2017.

GRÜN, Anselm. **Falar e silenciar:** por uma nova cultura do diálogo atencioso. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GUARDINI, Romano. **O espírito da liturgia.** Fátima: Secretariado nacional de Liturgia, 2017.

GUEDES, José Otácio Oliveira. A novidade do cristianismo na Evangelii Gaudium. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão:** aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **A força histórica dos pobres.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1981.

_____. A teologia latino-americana. BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario. **A Teologia da Libertação em perspectiva.** São Paulo: Paulus; Paulinas, 2013.

_____. **Pobres e libertação em Puebla.** São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

HOUAISS, Instituto Antonio. Teândrico. In: _____. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa: versão 3.0.** São Paulo: Objetiva, 2009.

KEHL, Medard. **A Igreja:** uma eclesiologia católica. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

LIBANIO, João Batista. **Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação**. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. **O que é pastoral**. São Paulo: Editora brasiliense, 1982.

LOPES, Geraldo. **Gaudium et Spes**: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Lumen Gentium**: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2011.

LOPES, Antônio de Lisboa Lustosa. Entre a cidade e as comunidades: uma leitura sócio-pastoral. In: SILVA, Geoval Jacinto da (org.). **Itinerário para uma pastoral urbana. Ação do povo de Deus na cidade**. São Bernardo do Campo: EDITEO; UMESP, 2008.

LÓPEZ MARTÍN, Julián. **A liturgia da Igreja**: teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006.

MAILLÉ, Michel. Celebrar El hoy de Dios: La fiesta en la liturgia. In: VV.AA. **Problemática de La pastoral litúrgica**. Cuadernos phase, 41, 1993.

MALDONADO, Luís; FERNÁNDEZ, Pedro. A celebração litúrgica: fenomenologia da celebração. In: BOROBIO, Dionisio. (org.). **A celebração na Igreja**. v.1 São Paulo: Loyola, 1990.

MALDONADO, Luís. **A ação litúrgica**: Sacramento e celebração. São Paulo: Paulus, 1998.

MANICARDI, Luciano. **O humano sofrer**: evangelizar as palavras sobre o sofrimento. Brasília: Edições CNBB, 2017.

MARINS, José (Org.). **De Medellín a Puebla**: a práxis dos padres da América Latina. São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. **Fomos a um Concílio**: a surpresa do Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2015.

MARSILI, Salvatore. **Sinais do Mistério de Cristo**: teologia dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2010.

MARTIMORT, Aimé Georges. **A Igreja em oração**. Introdução à Liturgia I: Princípios da Liturgia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. Extra victimas salus non est ou da vigência da Teologia da Libertação em tempos pós-modernos. In: BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosário. (orgs.). **A Teologia da Libertação em perspectiva**. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2013.

MIDALI, Mario. **Teologia pastorale o pratica**. Cammino storico di una riflessione fondante e scientifica. Rome, LAS, 2011.

NEUNHEUSER, Burkhard (Org.). **Anámneseis 1. A Liturgia**: momento histórico da salvação. São Paulo: Paulinas, 1986.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Desafios éticos da globalização**. São Paulo: Paulinas, 2008.

- O'MALLEY, Jonh W. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- PAGOLA, José Antonio. **Voltar a Jesus: para a renovação das paróquias e comunidades**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- PALUDO, Faustino; D'ANNIBALE, Miguel Angel. A Palavra de Deus na Celebração. In: CELAM. **Manual de liturgia**. A Celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos. v.3 São Paulo: Paulus, 2007.
- PALUDO, Faustino. Vida litúrgica no seminário. In: CELAM. **Manual de liturgia. A celebração do Mistério Pascal**: introdução à celebração litúrgica. v.1 São Paulo: Paulus, 2004.
- PASSOS, João Décio. Crítica ético-teológica da cultura de consumo. In VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio (Orgs.). **Religião e consumo**: relações e discernimentos. São Paulo: Paulinas, 2012.
- PFLIEGLER, Michael. **Teología pastoral**. Herder, 1966.
- RAMOS, Julio. **Teologia pastoral**. Madrid: Biblioteca de autores cristianos (BAC), 1999.
- RATZINGER, Joseph. **Introdução ao espírito da liturgia**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- SARANYANA, Josep-Ignasi. **Cem anos de Teologia na América Latina (1899-2001)**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2005.
- SATHLER-ROSA, Ronaldo. **Cuidado pastoral em perspectiva histórica e existencial**: uma revisão crítica. São Paulo: ASTE, 2013.
- SIVINSKI, Marcelino. A pastoral litúrgica após Medellín. In: CNBB. **Liturgia e profecia**: 50 anos de Medellín. Brasília: Edições CNBB, 2017.
- SBARDELOTTO, Moisés. **E o verbo se fez rede**: religiosidade em reconstrução no ambiente digital. São Paulo: Paulinas, 2017.
- SORCI, Pietro. Mistério Pascal. In: SARTORES, Dionisio; TRIACCA, Achille M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- SPADARO, Antonio. **Ciberteologia**: pensar o cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012.
- SUESS, Paulo. **Dicionário de Aparecida**: 42 palavras-chave para uma leitura pastoral do documento de Aparecida. São Paulo: Paulus, 2007.
- SUSIN, Luis Carlos. Novos sujeitos e diálogos de culturas. In: BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario. (orgs.). **A Teologia da Libertação em prospectiva**. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2013.
- SZENTMÁRTONI, Mihály. **Introdução à teologia pastoral**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

TABORDA, Francisco. **A Igreja e seus ministros: uma teologia do ministério ordenado.** São Paulo: Paulus, 2011.

TERRIN, Aldo Natale; CASTELLANO, Jesús. Religiosidade popular e liturgia. In: SARTORES, Dionisio; TRIACCA, Achille M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia.** São Paulo: Paulinas, 1992.

TRUDEL, Jacques. Pastoral litúrgica. In: CELAM. **Manual de liturgia: Outras expressões celebrativas do Mistério Pascal e a liturgia na vida da Igreja.** São Paulo: Paulus, 2007.

VALENTINI, Demétrio. **Revisitar o Concílio Vaticano II.** São Paulo: Paulinas, 2011.

VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia.** São Paulo: Loyola, 2009.

_____. Vista panorâmica sobre a Constituição Litúrgica. In: BARAÚNA, G (Org.). **A Sagrada Liturgia Renovada pelo Concílio.** Petrópolis: Vozes, 1964.

VORGRIMLER, Herbert. Escatologia/juízo. In: EICHER, Peter. (Org.). **Dicionário de Conceitos fundamentais de teologia.** São Paulo: Paulus, 1993.

WOLFF, Elias. **Espiritualidade do diálogo inter-religioso: contribuições na perspectiva cristã.** São Paulo: Paulinas, 2016.

ARTIGOS EM PERIÓDICOS:

SOLANO, Félix María Arocena. Los “altiora principia” de La “Sacrosanctum Concilium”. **Phase: revista de pastoral litúrgica,** Barcelona – ESP. n. 317, septiembre-octubre, 2013, p. 483-493, 2013.

BOGAZ, Antônio Sagrado. Concílio Vaticano II: ponto de chegada ou de partida? **Revista de Cultura Teológica,** São Paulo. v. 11, n. 43, ABR/JUN, 2003, pp. 37-65.

BOROBIO, Dionisio. Implicaciones sacramentais da Evangelii Gaudium. **Phase: revista de pastoral litúrgica,** Barcelona – ESP. n. 321, mayo-junio, 2014, p. 239-253.

BRIGHENTI, Agenor. Vaticano II - Medellín: intuições básicas e eixos fundamentais. **Revista Eclesiástica Brasileira,** Petrópolis. vol. 69, fasc. 273, janeiro de 2009, p. 5-26.

DE SOUZA, Ney. Rio de Janeiro (1955) à Aparecida (2007). Um olhar sobre as Conferências Gerais do Episcopado Da América Latina e do Caribe. **Revista de Cultura Teológica.** São Paulo. ano 15. n. 64. Jul/set. 2008.

LIBÂNIO, João Batista. A trinta anos do encerramento do Concílio Vaticano II: chaves teológicas de leitura. **Perspectiva teológica,** Belo Horizonte-MG. vol. 27, nº 73, set/dez., 1995, p. 297-332.

RUSSO, Roberto. La dimensión litúrgica del Documento de Aparecida. **Phase: revista de pastoral litúrgica,** Barcelona – ESP. n. 313, enero-febrero, 2013, p. 75-84.

SÁNCHEZ, Víctor. La liturgia en el magistério latinoamericano: de Medellín a Aparecida. **Phase: revista de pastoral litúrgica,** Barcelona – ESP. n. 315, mayo-junio, 2013, pp. 247-281.

COSTA, Valeriano Santos. A inculturação da celebração da fé. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo. v. 15, n. 60, JUL/SET 2007, pp. 73-87.

_____. Liturgia em “tempos líquidos”. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo. v. 24, n. 87, JAN/JUN 2016, pp. 70-95.

SCHUSTER, Heinz. Natureza e função da Teologia Pastoral. **Concilium**, São Paulo. n. 3, Mar.-1965, pp. 3-145.

VALOR, Juan José Silvestre. El legado litúrgico de Benedicto XVI. **Phase: revista de pastoral litúrgica**, Barcelona – ESP. n. 315, mayo-junio, 2013, pp. 335-342.

SUESS, Paulo. A virada popular inibida. Proposta missionária do Vaticano II no cinquentenário de sua abertura à luz da pastoral latino-americana. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 69, fasc. 288, outubro de 2012, pp. 831-861.

DOCUMENTOS, ARTIGOS, LIVROS E VÍDEOS EM MEIOS ELETRÔNICOS E SITES:

A Missa da Bicicleta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZbC3PQ3t1jo>. Acesso em: 26/06/2018.

GRILLO, Andrea. **Evangelii Gaudium promove a liturgia autêntica: Um ponto de inflexão em direção à sexta Instrução sobre a Reforma da Liturgia?** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/551813-evangelii-gaudium-promove-a-liturgia-autentica-um-ponto-de-inflexao-em-direcao-a-sexta-instrucao-sobre-a-reforma-da-liturgia-artigo-de-andrea-grillo>. Acesso em: 15/12/2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Contra a Europa da suspeita e para encontrar saída, escutem o Papa.** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/557760-qcontra-a-europa-da-suspeita-e-para-encontrar-uma-saida-escutem-o-papaq-entrevista-com-zygmunt-bauman>. Acesso em: 11/08/2018.

_____. **Vivemos tempos líquidos: Nada é para durar. Entrevista de Zygmunt Bauman à ISTOÉ, por e-mail (2009).** Disponível em: [https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/.](https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/) Acesso em: 22/03/2018.

BEOZZO, José Oscar. **Medellín, quarenta anos: 1968-2008.** Disponível em: http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=S&cod=36332. Acesso: 29/10/2016.

BENTO XVI. **Angelus (Domingo, 26 de Junho de 2011).** Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2011/documents/hf_ben-xvi_ang_20110626.html. Acesso em: 15/10/2018.

_____. **Encontro com os párocos e o clero da Diocese de Roma no início da Quaresma (Quinta-feira, 22 de fevereiro de 2007).** Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20070222_clergy-rome.html. Acesso em: 15/10/2018.

_____. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben_xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html. Acesso em: 15/10/2018.

BOFF, Clodovis. **A originalidade histórica de Medellín**. Disponível em: <http://servicioskoinonia.org/relat/203p.htm>. Acesso em: 09/05/2018.

BOMBONATTO, Vera Ivanise. **Liturgias, celebración y Eucaristía**. In: VVAA. Aparecida, Renacer de una esperanza. Fundação Ameríndia, 2007, p. 241. Disponível em: www.amerindiaenlared.org. Acesso em: 20/05/2018.

BUYST, Ione. **Teologia e liturgia na perspectiva da América Latina: avanços e desafios**. In: Tear Online. São Leopoldo. v. 1 n. 1, p. 16-39 jan-jun. 2012. Disponível em: <http://est.tempsite.ws/periodicos/index.php/tear/article/view/331/318>. Acesso em: 19.04.2018.

CASTRILLÓN, Diego Alberto Uribe. La renovación litúrgica en el magisterio posterior al concilio. **Cuestiones Teológicas**, v. 42, n. 97, nov. 2015, p. 133-155. Disponível em: <https://revistas.upb.edu.co/index.php/cuestiones/article/view/5574>. Acesso em: 05 de maio de 2018. Acesso em: 05/05/2018.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução para a reta Aplicação da Constituição sobre a sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II**, Liturgiam authenticam. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20010507_comunicato-stampa_po.html. Acesso em: 05/04/2018.

Entrevista exclusiva com Zygmunt Bauman: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1miAVUQhdwM>. Acesso: 15/05/2016.

FRANCISCO. **Audiência geral (Quarta-feira, 16 de Dezembro de 2015)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20151216_udienza-generale.html. Acesso em: 11/08/2018.

_____. **Discurso aos participantes do Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades (27 de novembro de 2014)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html. Acesso: 14/05/2018.

_____. **Discurso aos membros do Colégio Cardinalício (Sala Clementina, 15 de março de 2013)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130315_cardinali.html. Acesso em: 28/06/2018.

_____. **Discurso aos participantes na 68ª Semana Litúrgica Nacional (24 de agosto de 2017)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papafrancesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html. Acesso em: 05/04/2018.

_____. **Discurso aos voluntários do “telefone amico Itália” (Sala Clementina, Sábado, 11 de março de 2017)**. Disponível em:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/march/documents/papa-francesco_20170311_volontari-telefono-amico.html. Acesso em: 09/09/2018.

_____. **Mensagem do Santo Padre Francisco para a XXXII Jornada Mundial da Juventude 2017 (Domingo de Ramos, 9 de abril de 2017)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papafrancesco_20170227_messaggio-giovani_2017.html. Acesso: 11/08/2018.

GUERRA, Lemuel. As Influências da Lógica Mercadológica sobre as Recentes Transformações na Igreja Católica. **Revista de Estudos da Religião (REVER)** n. 2, 2003, pp. 1-23. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2003/p_guerra.pdf. Acesso em: 10/09/2018.

JOÃO XXIII. **Constituição Apostólica Humanae Salutis**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html. Acesso em: 10/11/2017.

_____. **Discurso de abertura do Vaticano II Gaudet Mater Ecclesia (11 de Outubro de 1962)**. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em: 10/11/2017.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Spiritus et Sponsa no XL aniversário da Constituição Sacrosantum Concilium**. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosantum-concilium_po.html. Acesso em: 05/04/2018.

_____. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte (6 de Janeiro de 2001)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html. Acesso em: 05/04/2018.

_____. **Carta Apostólica Orientale Lumen no centenário da Orientalium Dignitas do Papa Leão XIII (2 de maio de 1995)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1995/documents/hf_jp-ii_apl_19950502_orientale-lumen.html. Acesso em: 05/04/2018.

_____. **Exortação apostólica pós-sinodal Ecclesia in Europa sobre Jesus Cristo, vivo na sua Igreja, fonte de esperança para a Europa (28 de Junho de 2003)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20030628_ecclesia-in-europa.html. Acesso em: 05/04/2018.

_____. **Mensagem para o dia missionário mundial (18 de Outubro de 1998)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/missions/documents/hf_jp-ii_mes_31051998_world-day-for-missions-1998.html. Acesso em: 05/04/2018.

LIMA, Fernando da Mota. **Bauman, teórico do mundo líquido**. Disponível em: <https://www.revistaamalgama.com.br/06/2011/bauman-teorico-do-mundo-liquido/>. Acesso: 19/04/2018.

MARINI, Piero. **No 40º aniversário da promulgação da Constituição Sacrosanctum Concilium.** Disponível em: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/2003/documents/ns_lit_doc_20031204_40-concilium_po.html. Acesso em: 05/04/2018.

Padre apóstata tira as vestes no presbitério, beija a camisa do time e sai no final da Missa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8MhaqnIO5io>. 26/06/2018.

Padre recebe punição após celebrar missa em hoverboard. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U8Gi3dpRd4w>. 26/06/2018.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Entrevista com Zigmunt Bauman. Tempo Social,** São Paulo, v. 16, n. 1, p. 301-325, june 2004. ISSN 1809-4554. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12427/14204>. Acesso em: 05/04/2018.

PAULO VI. **Carta Apostólica Octogesima adveniens (14 de maio de 1971).** Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-aveniens.html. Acesso em: 05/04/2018.

PIO XI. **Carta Encíclica Quadragesimo Anno (15 de maio de 1931).** Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadagesimo-anno.html. Acesso em: 05/04/2018.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Igreja e internet (22 de fevereiro de 2002).** Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html. Acesso em: 05/04/2018.

TV SOROCABA/SBT. **Drone usado em igreja vira polêmica.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WL3siy7aU4I>. Disponível em: Acesso em: 26/06/2018.